

UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

CAROLINA PAES DE ANDRADE

**A IMPORTÂNCIA DE UM GRANDE EQUIPAMENTO DE LAZER NA
PERIFERIA DE SÃO PAULO:**
O SESC Itaquera e os jovens que vivem em seus arredores

PIRACICABA
2010

CAROLINA PAES DE ANDRADE

**A IMPORTÂNCIA DE UM GRANDE EQUIPAMENTO DE LAZER NA
PERIFERIA DE SÃO PAULO:**

O SESC Itaquera e os jovens que vivem em seus arredores

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Metodista de Piracicaba – Unimep, na área de concentração Corporeidade, Pedagogia do movimento e Lazer, linha de pesquisa Corporeidade e Lazer, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Orientador: PROF. DR. NELSON CARVALHO MARCELLINO

PIRACICABA
2010

Andrade, Carolina Paes de

A importância de um grande equipamento de lazer na periferia de São Paulo: o SESC Itaquera e os jovens que vivem em seus arredores. Piracicaba, 2010.
138 f.

Orientador: Prof. Dr. Nelson Carvalho Marcellino

Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física – Universidade Metodista de Piracicaba.

1 - Lazer 2 - Educação Física 3 - Espaço urbano 4 - Espaços e equipamentos
5 - Jovens

CAROLINA PAES DE ANDRADE

**A IMPORTÂNCIA DE UM GRANDE EQUIPAMENTO DE LAZER NA
PERIFERIA DE SÃO PAULO:**

O SESC Itaquera e os jovens que vivem em seus arredores

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Metodista de Piracicaba – Unimep, na área de concentração Corporeidade, Pedagogia do movimento e Lazer, linha de pesquisa Corporeidade e Lazer, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Física.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Nelson Carvalho Marcellino (orientador)

Prof. Dr. Edmur Antônio Stoppa – EACH/USP

Prof^ª. Dr^ª. Liana Abrão Romera – Unimep

Piracicaba, 02 de fevereiro de 2010

*Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.*

(Ricardo Reis, heterônimo de Fernando Pessoa)

AGRADECIMENTOS

Agradeço àqueles que estiveram comigo ao longo desses dois anos (alguns, por muito mais tempo) de aprendizado e conquistas, em especial:

A meu pai, Romualdo, cujo apoio foi crucial para a realização desse trabalho. Pai, obrigada por tudo! Admiro profundamente essa sua eterna e incansável busca pelo conhecimento, seu interesse pelo mundo em que vivemos e por suas mudanças, sua sabedoria e visão crítica, seu idealismo, sua esperança e sua história. A minha mãe, Vera, muito obrigada pela paciência, compreensão e apoio no dia-a-dia, pelos elogios incentivadores quando da leitura dos meus escritos, por seu pensamento positivo sempre, pela presença constante. Tudo isso contribuiu, e muito, para que eu conseguisse concluir mais essa etapa na minha vida, por eu chegar até aqui e ser a pessoa que me tornei. A vocês dois, toda a minha admiração, meu amor e o maior agradecimento de todos. Tenho muito orgulho de ser sua filha.

Ao Prof. Dr. Nelson Carvalho Marcellino, orientador sempre presente e atencioso, desde o nosso primeiro contato. Obrigada por todos os retornos, praticamente imediatos, fosse para responder às minhas dúvidas, para comentar e fazer sugestões sobre meus escritos, ou para fazer as necessárias cobranças. E também pelas aulas, por todos os textos e autores aos quais me apresentou. Não podia deixar de agradecê-lo pela enorme contribuição que sua obra representa para os estudos do lazer no Brasil. Sua obra é, sem dúvida, fundamental para despertar o interesse de muitas pessoas por essa área.

Aos meus lindos irmãos, tão amados e admirados. Pedro, obrigada pelas conversas que tivemos – relacionadas à dissertação ou não –, pela companhia nos meus momentos de lazer (principalmente no último semestre), pelas leituras atentas e críticas do meu trabalho. Ah, e pelas poesias, que fazem a vida mais bonita ainda. Lú, você é um exemplo da mulher moderna: mãe, esposa, profissional dedicada, mulher bonita e ainda encontra um tempo para nadar! Sim, é possível! Obrigada pelo incentivo. Ao Nando, agradeço por ter sido a melhor ponte possível entre mim e Piracicaba (não podia haver melhor referência do que dizer que sou sua irmã; era só dizer “sou irmã do C-cóia” e estava tudo certo), por tornar tudo mais fácil por lá, pelos contatos e amizades que me apresentou. Sou muito grata a vocês três e sinto, como diz o Nando, que nos tornamos cada vez mais irmãos.

Aos meus queridos sobrinhos, Guilherme e Gustavo, que sem saber também fazem toda a diferença. Obrigada por trazerem essa curiosidade e alegria da infância para minha vida de adulta. Com vocês, viro criança de novo.

À Prof. Dra. Liana Abrão Romera, pelos apontamentos e sugestões para a dissertação, quando do exame de qualificação, pela parceria nos trabalhos acadêmicos e pela amizade.

Ao Prof. Dr. Edmur Stoppa, pela participação na banca de qualificação e pela disposição em me receber para conversar sobre a pesquisa.

Aos meus amigos, antigos e novos, que me acolheram em suas casas em minhas idas e vindas entre Campo Grande, São Paulo e Piracicaba. Um super obrigada! Em São Paulo: Di, família Kiss (Ká, Gui, Fê, Jô, Ângela), família Abib Cleff (Tati, Márcio, Jujú e Ângela), ao casal Sil e Mury e à Dri (grande reencontro!). Em Pira: a grande família Maracangalha, a Lú e a Di. Vocês são todos muito queridos e estarão sempre presentes nas minhas melhores lembranças. A cada partida corresponde uma chegada, e saber que eu iria chegar e ter a companhia de vocês tornava as partidas de Campo Grande mais fáceis.

À Aloe e ao Sakola, por terem sido meus companheiros de casa em Pira. Foi muito bom morar com vocês. Aloe, suas cantorias deixaram meus dias piracicabanos muito mais bonitos.

À Sil, querida, mais um obrigada por compartilhar comigo as reflexões sobre o lazer, desde a faculdade, pelas sugestões de leitura e pela amizade.

Aos novos amigos que fiz no mestrado, em especial à Karina e ao André, pela companhia e conversas durante as idas à Unimep.

Aos funcionários da Unimep, em especial às meninas da secretaria, sempre dispostas a atender às solicitações dos alunos com rapidez e com sorrisos. Ali parece não haver tempo ruim nunca!

Às pessoas com quem conversei nos bairros em que realizei o trabalho de campo, em especial ao Beto e ao Sr. Manuel. Sem sua receptividade, o trabalho certamente teria sido mais complicado.

A todos os jovens que responderam aos formulários de pesquisa.

Ao Pedro e ao Rodger, do SESC Itaquera, pela simpatia e profissionalismo com que me receberam desde o início. Ao José Carlos, obrigada também pela reunião no começo do trabalho de campo. Ao Sr. Oscar Rodrigues Filho, gerente do SESC Itaquera, agradeço pela autorização à realização da pesquisa.

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo analisar o papel que um grande equipamento de lazer, localizado na periferia de São Paulo, desempenha entre os jovens que vivem em seus arredores. Foi realizada através da combinação das pesquisas bibliográfica, documental e de campo, e o modo de investigação utilizado foi o estudo de caso. A pesquisa bibliográfica baseou-se em levantamentos realizados nos sistemas de bibliotecas da Unimep, Unicamp, USP e nas ferramentas acadêmicas da *internet* (*Google Scholar*, *SciELO*, revistas científicas publicadas *online*), com as palavras-chave deste estudo, a saber: lazer, educação física, espaço urbano, espaços e equipamentos, e jovens. Após a seleção da bibliografia, foram feitas as análises textual, temática e interpretativa dos textos. A pesquisa documental consistiu na coleta de dados junto a instituições públicas e privadas. Na pesquisa de campo, a principal técnica de coleta de dados utilizada foi a aplicação de formulários junto a jovens frequentadores do equipamento, moradores ou não dos arredores (primeira etapa) e a jovens moradores de bairros próximos ao equipamento, frequentadores ou não do mesmo (segunda etapa). Utilizou-se também, como técnica complementar, a observação participante. A escolha do equipamento (SESC Itaquera) se deu por critérios não probabilísticos e intencionais, devido à acessibilidade (localização e concordância da instituição), à representatividade (por suas dimensões e localização na zona leste de São Paulo, na periferia da cidade) e à sua proposta de animação sociocultural. O número de jovens respondentes foi definido por saturação de dados. Foram aplicados 150 formulários (80 na primeira etapa e 70 na segunda etapa). Foi possível detectar que, entre os jovens respondentes, o SESC Itaquera é considerado importante para o bairro/região onde está localizado (no caso das respostas obtidas na primeira fase da pesquisa de campo) e para os bairros onde foi realizada a segunda etapa da pesquisa de campo. Essa importância atribuída ao equipamento vai além dos interesses pessoais dos jovens, referindo-se a um contexto mais amplo, em que a possibilidade de acesso ao lazer proporcionada pelo equipamento ganha destaque. O SESC Itaquera exerce um importante papel enquanto instrumento para a democratização do acesso ao lazer e é um espaço privilegiado para o usufruto desse tempo/espaço na vida dos jovens que vivem em seu entorno.

Palavras-chave: lazer, educação física, espaço urbano, espaços e equipamentos, jovens.

ABSTRACT

This work aims to analyze, through a case study, the role that a large leisure equipment located on the outskirts of São Paulo plays among young people living in its vicinity. It was performed by combining field search, documentary and literature survey, which considered a large search on the library systems of Unimep, Unicamp and USP and other internet academic tools (*Google Scholar*, *Scielo*, scientific journals published online), all of them based on the following keywords: leisure, physical education, urban space, space and equipment, and young people. The selection of the academic literature was followed by textual, thematic and interpretative analysis of the texts. The documentary research gathered data from public and private institutions. In field research, the main technique of data collection was the application of forms to young users of the equipment, area residents or not (first stage) and young residents of neighborhoods near the equipment, users or not (second stage). It was also used as complementary technique, participant observation. The choice of equipment (SESC Itaquera) was driven by not probabilistic and intentional criteria, due to accessibility (location and agreement of the institution), to representativeness (for its size and location in the East of São Paulo, on the outskirts of the city), and its proposal for a sociocultural animation. The number of young respondents was defined by data saturation. 150 forms were applied (80 in the first stage and 70 in the second stage). It was possible to detect that, among young respondents, SESC Itaquera is considered important for the district / region where it is located (in the case of the responses obtained in the first phase of field research) and to the neighborhoods in which was performed the second stage of the research field. This importance attached to the equipment goes beyond the personal interests of young people, referring to a broader context in which the possibility of access to leisure provided by the equipment gets highlighted. The SESC Itaquera plays an important role as an instrument for the democratization of access to leisure and is an ideal place for the enjoyment of that time / space in the lives of young people living around it.

Keywords: leisure, physical education, urban space, space and equipment, young people.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Verticalização no bairro do Tatuapé.....	61
Fotografia 2 – Entrada do equipamento.....	71
Fotografia 3 – Parque “Orquestra Mágica”.....	72
Fotografia 4 – Parque Aquático.....	72
Fotografia 5 – Avenida Paulista.....	79
Fotografia 6 – Paisagem entre Bresser e Belém.....	79
Fotografia 7 – Paisagem entre Belém e Tatuapé.....	80
Fotografia 8 – Paisagem entre Tatuapé e Carrão.....	80
Fotografia 9 – Paisagem da região de Artur Alvim.....	80

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – 1ª Etapa da pesquisa de campo – Quantidade, idade e sexo dos jovens – números absolutos.....	84
Gráfico 2 – 1ª Etapa da pesquisa de campo – Quantidade, idade e sexo dos jovens – números percentuais.....	84
Gráfico 3 – 1ª Etapa da pesquisa de campo – Região de procedência dos respondentes.....	85
Gráfico 4 – 1ª Etapa da pesquisa de campo – Meios de locomoção.....	86
Gráfico 5 – 1ª Etapa da pesquisa de campo – Frequência ao equipamento – números absolutos.....	87
Gráfico 6 – 1ª Etapa da pesquisa de campo – Frequência ao equipamento – números percentuais.....	87
Gráfico 7 – 1ª Etapa da pesquisa de campo – Frequência a outros equipamentos.....	89
Gráfico 8 – 1ª Etapa da pesquisa de campo – Outros equipamentos frequentados.....	90
Gráfico 9 – 1ª Etapa da pesquisa de campo – Atividades desenvolvidas no equipamento.....	91
Gráfico 10 – 2ª Etapa da pesquisa de campo – Quantidade, idade e sexo dos jovens respondentes.....	99
Gráfico 11 – 2ª Etapa da pesquisa de campo – Região de procedência dos respondentes – números absolutos.....	99
Gráfico 12 – 2ª Etapa da pesquisa de campo – Região de procedência dos respondentes – números percentuais.....	100
Gráfico 13 – 2ª Etapa da pesquisa de campo – Jovens respondentes que frequentam ou não o equipamento.....	100
Gráfico 14 – 2ª Etapa da pesquisa de campo – Frequência ao equipamento.....	101
Gráfico 15 – 2ª Etapa da pesquisa de campo – Outros equipamentos frequentados.....	102
Gráfico 16 – 2ª Etapa da pesquisa de campo – Atividades desenvolvidas no equipamento.....	103

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa do município de São Paulo e recorte de distritos da zona leste.....	65
Figura 2 – Distribuição dos centros culturais, casas de cultura, galerias de arte e museus.....	67
Figura 3 – Mapa da cidade de São Paulo e distrito do Parque do Carmo.....	69
Figura 4 – Imagem do SESC Itaquera (satélite).....	69
Figura 5 – Pirâmide etária da cidade de São Paulo (Censo 2000 – IBGE).....	73
Figura 6 – Zonas Homogêneas Juvenis.....	74
Figura 7 – Distritos de procedência dos jovens (1ª Etapa da pesquisa de campo).....	85
Figura 8 – Localização do SESC Itaquera em relação aos bairros da segunda etapa da pesquisa de campo.....	98

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Tipos de equipamento de lazer nos distritos mais a leste.....	66
Quadro 2 – Escolaridade e inserção dos jovens no mercado de trabalho.....	75
Quadro 3 – Frequência ao equipamento de lazer e bairro de procedência dos jovens.....	88
Quadro 4 – Formas de vivenciar o lazer dos jovens.....	96

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

APA – Área de Proteção Ambiental

CEDEC – Centro de Estudos de Cultura Contemporânea

CGI.BR – Comitê Gestor da Internet no Brasil

COHAB – Companhia Metropolitana de Habitação

ECA – Escola de Comunicações e Artes

FFLCH – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Fundação SEADE – Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados

Ibase – Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

NAU – Núcleo de Antropologia Urbana

ONU – Organização das Nações Unidas

Pesquisa TIC – Pesquisa sobre uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil

PÓLIS – Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SESC – Serviço Social do Comércio

SESCSP – Serviço Social do Comércio – Departamento Regional de São Paulo

UN-HABITAT – *United Nations Human Settlements Programme*

Unimep – Universidade Metodista de Piracicaba

USP – Universidade de São Paulo

ZH – Zona Homogênea

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
A definição do problema da pesquisa.....	17
O percurso metodológico	20
CAPÍTULO 1 – O lazer, a periferia da metrópole, os jovens.....	24
1.1 Por que pensar o lazer?.....	25
1.2 Esclarecendo o conceito	27
1.3 Para melhor entender o lazer	30
1.4 O lazer na periferia das grandes cidades	37
1.5 Os jovens e o lazer.....	41
CAPÍTULO 2 – O ambiente, o equipamento, os sujeitos.....	49
2.1 O ambiente.....	49
2.1.1 Sobre a expansão da cidade e a constituição da periferia paulistana.....	49
O entreposto comercial.....	50
A exportação de café	51
As correntes imigratórias e o crescimento populacional	52
A Lei de Terras	53
A industrialização	53
A moradia dos operários: cortiços, vilas operárias, loteamentos na periferia	54
A migração interna	57
Legalização da ocupação	59
A especulação imobiliária	60
2.1.2 A zona leste da cidade	61
Aspectos relacionados ao lazer na zona leste	64
2.2 O equipamento de lazer	68
2.3 Os sujeitos	73
CAPÍTULO 3 – A pesquisa de campo: conversando com os jovens.....	77
3.1 O trabalho de campo: uma experiência enriquecedora e fundamental.....	77
3.2 Primeira etapa da pesquisa de campo: os jovens no equipamento	83
3.3 Segunda etapa da pesquisa de campo: os jovens nos bairros	97
3.4 No equipamento com os jovens: a observação participante	104
CAPÍTULO 4 – Das relações entre a pesquisa de campo e a teoria	107
4.1 SESC Itaquera: um macroequipamento de lazer	107
4.2 Será que vai dar praia? Praia não, piscina!.....	109

4.3 Sobre as opções de lazer dos jovens na zona leste	111
4.4 Sobre as atividades de lazer dos jovens respondentes.....	113
4.5 Sobre a questão do acesso	115
4.6 Da importância atribuída pelos jovens ao equipamento.....	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	120
REFERÊNCIAS.....	124
APÊNDICES	130
A – Formulário I – Frequentadores	131
B – Formulário II – Moradores dos arredores	132
C – Relação dos motivos pelos quais os jovens frequentadores do equipamento o consideram importante para o bairro	133
D – Relação dos motivos pelos quais os jovens moradores dos arredores consideram o equipamento importante para o bairro.....	135
ANEXOS.....	137
A – Mapa politicoadministrativo da cidade de São Paulo.....	138

INTRODUÇÃO

A definição do problema da pesquisa

Ao buscar na memória as origens de meu interesse pelo tema aqui abordado e os fatores que me conduziram à realização deste trabalho, lembrei-me das palavras de Rubem Alves a respeito do que deve pautar a escolha do problema a ser investigado em uma pesquisa científica. Alves afirma que:

Antes de mais nada é necessário saber discriminar os problemas que *merecem* e *devem* ser investigados. Mas este poder de discriminação não nos vem da ciência. [...] A escolha dos problemas é um ato anterior à pesquisa, que tem a ver com os valores do investigador (ALVES, 1980, p. 69, grifos do autor).

Certamente, o caminho trilhado após o término da graduação, e que aqui me trouxe, foi entremeado por momentos em que a vida parecia seguir, por motivos diversos, outros rumos que não o retorno à universidade. Foi a somatória de momentos pontuais – e cruciais –, separados por anos e simultaneamente interligados por uma mesma inquietação e pelos mesmos valores, que definiu essa trajetória.

O exercício de resgate das razões que culminaram neste trabalho me fez retornar ao início dos anos 1990, mais especificamente a 1993, ano de quando data a primeira lembrança que tenho sobre ter refletido – ainda não como pesquisadora, mas como jovem cidadã – a respeito de como o lazer é vivido na cidade de São Paulo pelas diferentes classes sociais e nos espaços por elas ocupados na metrópole. Tal lembrança está relacionada a um *rap* do grupo Racionais MC's chamado *Fim de semana no parque*, cuja letra fala dos finais de semana nos bairros da periferia da zona sul da capital paulista, de como a população que habita esses locais usufrui o tempo de lazer, fazendo referência a fatores como a falta de espaços para lazer, o fácil acesso às drogas, a violência, os desejos irrealizados de consumo.

[...] Daqui não vejo nenhum clube poliesportivo
Pra molecada frequentar
Nenhum incentivo
O investimento no lazer é muito escasso
O centro comunitário é um fracasso [...]
(RACIONAIS MC'S, 2006).

A música foi um grande sucesso, tendo sido bastante executada pelas rádios na época. A mensagem transmitida pela voz de Mano Brown me fez pensar no lazer de forma diferente daquela disseminada pelo senso comum, que consistia em uma concepção limitada do termo.

[...] Eles também gostariam de ter bicicleta
 De ver seu pai fazendo *cooper* tipo atleta
 Gostam de ir ao parque e se divertir
 E que alguém os ensinasse a dirigir
 Mas eles só querem paz e mesmo assim é um sonho [...]
 (RACIONAIS MC'S, 2006).

Naquele momento, o conhecimento que eu tinha sobre a periferia de São Paulo – cidade onde vivia desde a infância – baseava-se em informações difundidas, sobretudo, pelos meios de comunicação de massa. Meu entendimento sobre a vida na periferia era superficial e fragmentado, marcado pelo estigma da violência e da criminalidade presentes nessas regiões. As denúncias feitas pela música, e por outras do mesmo grupo, apesar de enfatizarem os problemas sociais que marcam as vidas dos que habitam essas áreas da cidade, as humanizam de alguma forma, efeito este diferente daquele que causam os números e índices sobre violência divulgados diariamente pela mídia. Entre outros dramas pessoais vividos pelos excluídos, o *rap* fala de crianças e jovens que desejam, mas não podem ter as coisas que o bombardeio publicitário ao qual são expostos diariamente lhes apresenta¹.

[...] Olha só aquele clube que da hora
 Olha aquela quadra, olha aquele campo
 Olha, olha quanta gente
 Tem sorveteria cinema piscina quente
 [...]
 Tem corrida de *kart* dá pra ver
 É igualzinho o que eu vi ontem na TV
 Olha só aquele clube que da hora
 Olha o pretinho vendo tudo do lado de fora [...].
 (RACIONAIS MC'S, 2006).

As palavras cantadas no tom de denúncia e provocação do *rap* – considerado a voz das periferias – plantaram dentro de mim a semente de um interesse que só foi germinar algum tempo depois, quando eu já estava na universidade.

Foi durante a graduação em Turismo pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) que tive contato com alguns textos acadêmicos relacionados à temática do lazer. A disciplina em que os textos me foram apresentados chamava-se “Sociologia do Lazer e do Turismo”, e os autores dos mesmos eram o geógrafo

¹ Maria Rita Kehl afirma, a esse respeito: “Na sociedade pautada pela indústria cultural, as identificações se constituem por meio das imagens industrializadas. Poucos são capazes de consumir todos os produtos que se oferecem ao adolescente contemporâneo – mas a *imagem* do adolescente consumidor, difundida pela publicidade e pela televisão, oferece-se à identificação de todas as classes sociais. [...] todos os adolescentes se identificam com o ideal publicitário do(a) jovem hedonista, belo(a), livre, sensual. O que favorece, evidentemente, um aumento exponencial da violência entre os que se sentem incluídos pela via da imagem, mas excluídos das possibilidades de consumo” (KEHL, 2004, p. 93).

Milton Santos e o sociólogo Nelson Carvalho Marcellino. Lembro de ter feito, na época, uma associação imediata entre algumas questões tratadas nos textos e a realidade denunciada por aquele *rap*. E a possibilidade de relacionar o que os estudiosos diziam com a produção cultural vinda da periferia chamou minha atenção e despertou ainda mais o interesse pelo tema.

No ano de 2001, participei, junto com colegas do curso de Turismo, da gestação e implantação de um projeto de extensão universitária cujo foco era o turismo social e que tinha por objetivo organizar e viabilizar viagens e passeios de cunho educativo para jovens de comunidades carentes da cidade de São Paulo. Foi nesse período que tive contato com jovens moradores de bairros afastados do centro e de bairros que, mesmo não tão distantes, padeciam de uma série de mazelas não circunscritas apenas ao âmbito das periferias, mas também vinculadas à pobreza. Foi uma oportunidade para conhecer mais de perto as dificuldades enfrentadas por eles no sentido de acessar a infinidade de possibilidades de lazer oferecidas na cidade. Conheci também lugares da cidade onde nunca antes havia estado e compreendi a importância do fator “extensão” como um dos tripés da universidade.

Ainda depois de formada, segui colaborando com os trabalhos do Grupo de Turismo Social Rosa dos Ventos (nome dado ao projeto) por cerca de dois anos. O desligamento das atividades se deu de forma natural – dado que o intuito era que as mesmas fossem encabeçadas por alunos ainda em fase de graduação –, mas as experiências vivenciadas nas viagens e passeios com esses jovens me marcaram profundamente, e certamente também entram para o rol das influências que, anos depois, levaram-me a escolher o objeto de estudo desta pesquisa.

Após o término da graduação, em 2001, eu tinha a intenção de iniciar o mestrado, mas uma série de fatores postergou essa possibilidade por alguns anos. Eu havia ingressado no mercado de agenciamento de viagens logo após o início do curso de Turismo (noturno) e atuei nessa área por cerca de nove anos. Mas as inquietações relacionadas ao lazer na cidade não me deixaram e, em 2005, levaram-me a assistir, como aluna ouvinte, à disciplina “A dimensão cultural das práticas urbanas”, ministrada pelo Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani na pós-graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). O retorno à leitura de textos enriquecedores e o conhecimento dos trabalhos realizados por Magnani e pelos alunos vinculados ao Núcleo de Antropologia Urbana (NAU) inflaram novamente o desejo de fazer mestrado, para estudar o lazer.

A concretização desse plano deu-se em 2008, quando ingressei enfim no programa de mestrado em Educação Física da Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep), sob orientação do Prof. Dr. Nelson Carvalho Marcellino – sim, aquele cujos textos, lá atrás, foram fundamentais para despertar meu interesse pelos estudos do lazer. O tema escolhido foi a análise da importância de um grande equipamento de lazer localizado na periferia de São Paulo para os jovens moradores de seus arredores.

O percurso metodológico

O objetivo desse estudo foi analisar o papel que um grande equipamento de lazer, localizado na periferia da cidade de São Paulo, desempenha entre os jovens que vivem em seus arredores. Foi realizado através da combinação das pesquisas bibliográfica, documental e de campo. O modo de investigação utilizado foi o estudo de caso (BRUYNE; HERMAN; SCHOUTHEETE, 1977).

A pesquisa bibliográfica, que teve por finalidade a fundamentação teórica do tema abordado, baseou-se em levantamentos realizados nos sistemas de bibliotecas da Unimep, Unicamp, USP e nas ferramentas acadêmicas da *internet* (*Google Scholar*, *Scielo*, revistas científicas publicadas *online*), com as palavras-chave deste estudo, a saber: lazer, educação física, espaço urbano, espaços e equipamentos, e jovens. Após a seleção da bibliografia, foram feitas as análises textual, temática, interpretativa dos textos (SEVERINO, 2002). A pesquisa documental consistiu na coleta de dados junto a instituições públicas e privadas, dentre elas o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o Serviço Social do Comércio (SESC), e posterior análise e interpretação dos dados coletados, à luz dos objetivos do trabalho, por análise de conteúdo (GIL, 1991).

Na pesquisa de campo, a principal técnica de coleta de dados utilizada foi a aplicação de formulários. Utilizou-se também, como técnica complementar, a observação participante. A pesquisa de campo foi feita em duas etapas, entremeadas por momentos pontuais de observação participante. Em um primeiro momento, a aplicação dos formulários de pesquisa (Apêndice A) foi feita junto a 80 jovens frequentadores do equipamento. Esperava-se, assim, detectar onde habitam esses jovens, sua faixa etária, com que frequência vão ao SESC Itaquera, como chegam, o que os motiva a ir até lá (quais as atividades que praticam), que importância eles atribuem ao equipamento (em relação à região onde está localizado) e como era seu lazer antes de frequentar o SESC. Dessa forma, seria possível ter uma dimensão

espacial da origem dos frequentadores, verificar de onde vinha a maioria deles, além de obter outros dados relevantes para o objetivo do trabalho. Nessa etapa, os formulários foram aplicados na entrada principal do equipamento, no ponto de ônibus aí localizado, na via pública que dá acesso a essa entrada, na portaria secundária (próxima à Avenida Aricanduva) e em algumas áreas do equipamento (ginásio, quadras, arredores do parque aquático, estacionamento, vias de circulação). Nas áreas localizadas dentro do equipamento, tive a preocupação de atender as orientações dadas por funcionários do SESC no sentido de não fazer as abordagens em momentos inconvenientes, que pudessem incomodar os jovens em seu lazer. Para tanto, foram abordados jovens que estavam esperando para jogar, aguardando algum colega ou familiar, ou se dirigindo para a saída do equipamento. Não foram abordados jovens que estivessem chegando ao local. Não houve nenhuma situação desagradável ou inesperada durante essa etapa.

Na segunda parte da pesquisa de campo, foram focados os jovens moradores dos arredores do SESC Itaquera. O objetivo dessa segunda etapa, baseada na aplicação de formulários (Apêndice B) junto a 70 jovens nos bairros próximos ao equipamento, foi verificar se estes jovens vão ao SESC Itaquera. Em caso positivo, buscou-se detectar com que frequência o fazem, quais atividades costumam desenvolver lá, e se vão a outros equipamentos de lazer na cidade. Em caso negativo, questionou-se o porquê de eles não frequentarem. Em ambos os casos (resposta positiva ou negativa), foi perguntado aos jovens respondentes, assim com na primeira etapa da pesquisa de campo, se eles consideram ou não o equipamento importante para o bairro e o motivo que os leva a ter a opinião proferida. Para a aplicação dos formulários nessa etapa, foram selecionados três bairros localizados a distâncias diferentes do SESC Itaquera (um no mesmo distrito e dois em distritos vizinhos, todos na zona leste), com o intuito de se ter a dimensão do alcance espacial da importância do equipamento.

A respeito dos dados quantitativos coletados na pesquisa de campo, os mesmos não passaram por um tratamento estatístico, visto que não é pretensão deste trabalho trazer resultados que possam ser extrapolados para o público total de jovens que frequentam o equipamento e/ou que vivem em seus arredores. O papel – bastante relevante – desses dados numéricos foi contribuir para uma análise qualitativa da realidade estudada. Maiores detalhes sobre a pesquisa de campo serão apresentados no terceiro capítulo deste trabalho.

A escolha do equipamento (SESC Itaquera) se deu por critérios não probabilísticos e intencionais, devido à acessibilidade – localização e concordância da instituição –, à

representatividade – por suas dimensões e localização na zona leste de São Paulo, na periferia da cidade – (BRUYNE; HERMAN; SCHOUTHEETE, 1977) e à sua proposta de animação sociocultural.

O número de jovens respondentes foi definido por saturação de dados, sendo que a saturação considerada refere-se à questão que aborda a importância do equipamento apontada pelos respondentes.

Conforme apontado acima, um dos critérios utilizados para a escolha do referido equipamento foi a presença de uma estrutura de animação sociocultural, dada a importância que atribuo a este fator quando se busca a concretização do lazer como possibilidade de elevação dos níveis de vivência dos indivíduos de conformistas para críticos e criativos.

Além disso, cabe aqui uma justificativa a respeito da opção por se concentrar a análise em um grande equipamento de lazer. Verifica-se, na periferia, a presença de uma quantidade expressiva de pequenos equipamentos de lazer que contemplam sobretudo os conteúdos físicoesportivos (dados a esse respeito serão mostrados no segundo capítulo deste trabalho). Equipamentos de grandes proporções e que ofereçam ao público frequentador o contato com os diversos conteúdos culturais do lazer, além de contarem com uma estrutura de animação, são raros na periferia da cidade. A pesquisa buscou, dessa forma, entender o papel que representa um equipamento que oferece possibilidades variadas em termos de atividades de lazer a uma população jovem moradora de áreas onde há falta de oferta de espaços que ofereçam o contato com os vários interesses do lazer².

Em relação à estrutura do texto, o trabalho foi dividido em quatro capítulos, além da introdução e das considerações finais.

No primeiro capítulo, subdividido em cinco tópicos (“Porque pensar o lazer”; “Esclarecendo o conceito”, “Para melhor entender o lazer”, “O lazer na periferia das grandes cidades” e “Os jovens e o lazer”), é construído um panorama de informações a respeito dos temas abordados neste trabalho, com o intuito de embasar o desenvolvimento da pesquisa. Esse capítulo discorre a respeito do lazer enquanto objeto de estudo, dos conceitos relacionados ao lazer, das formas que essa manifestação da cultura assume na periferia das grandes cidades, além de alguns aspectos referentes aos jovens e seu lazer na sociedade contemporânea.

² Os conceitos de termos aqui mencionados (animação sociocultural, conteúdos culturais) serão apresentados de forma aprofundada no primeiro capítulo deste trabalho.

No segundo capítulo, é feita uma aproximação do objeto da pesquisa, a partir da descrição do processo que culminou com a constituição atual da região onde o mesmo se localiza, qual seja a zona leste da capital paulista, da caracterização do equipamento de lazer considerado na análise e da apresentação de dados relativos ao lazer dos jovens que habitam essa região da cidade. Os tópicos “O ambiente”, “O equipamento de lazer” e “Os sujeitos” compõem esse capítulo.

Já no terceiro capítulo, apresento os resultados obtidos na pesquisa de campo. Para tanto, são apontados inicialmente alguns aspectos relevantes a respeito da importância do trabalho em campo; em seguida, são apresentados os dados coletados na primeira e na segunda etapa da pesquisa de campo (descritas no percurso metodológico explicitado anteriormente) e, por fim, é feita uma descrição dos dados complementares obtidos através da observação participante no equipamento.

No quarto e último capítulo da pesquisa, são tecidas reflexões que vão ao encontro do objetivo do trabalho, a partir da análise dos dados coletados em campo à luz do referencial teórico que constitui a base desse estudo.

Por fim, traço algumas considerações finais, as quais finalizam um trabalho que, ao se tornar público, almeja contribuir para a compreensão ampla do lazer enquanto direito humano e enquanto parte essencial da constituição de cada indivíduo em nossa sociedade. Além disso, ao levar essas reflexões a um público amplo, registro minha disponibilidade para debater ideias e receber sugestões e críticas que o trabalho possa ensejar.

Esse estudo trata da importância de um equipamento específico de lazer localizado na periferia da cidade de São Paulo e, por isso, os dados e as reflexões não dão conta, e tampouco têm a pretensão, de se estender à totalidade da realidade em que vivemos. Por outro lado, pretendo que as palavras aqui contidas possam funcionar como ponto de partida para discussões e estudos acerca dessa temática.

Convido-os a conhecer o resultado desta pesquisa nas páginas seguintes.

CAPÍTULO 1 – O lazer, a periferia da metrópole, os jovens

A cidade de São Paulo é cenário de grandes contrastes. As diversas realidades socioeconômicas que aí convivem são refletidas em modos de vida bastante diversos. As maneiras de habitar, de se deslocar, de obter renda, de usufruir de serviços básicos, de se relacionar com o espaço urbano, variam de acordo com a condição financeira do cidadão, sua origem, sua idade, seu sexo, dentre outros fatores. Também o lazer, em função dessas diferenças, apresenta-se na metrópole com diversas “faces”.

A fama de capital cultural do país vem da grande variedade de eventos, feiras, espetáculos musicais e de dança, festivais de cinema, mostras e grandes exposições de arte, peças teatrais, enfim, de uma quantidade quase infinda de opções postas à disposição dos paulistanos, as quais podem ser por eles usufruídas em seu lazer. Entretanto, essa rica e vasta gama de atividades, para além do fato de ser muitas vezes inacessível, em termos financeiros, à grande parte da população, concentra-se principalmente nas áreas mais centrais da metrópole (SANTOS, 1996), deixando a imensa maioria dos habitantes dos bairros periféricos distante, “de fora” dessa grande festa cultural. A distância física é um dos fatores que faz com que o lazer dos moradores dos bairros populares da periferia seja diferente daquele vivenciado por quem habita as áreas mais centrais ou por aqueles que, mesmo morando afastados do centro, não veem a distância como uma barreira para o acesso às já mencionadas atividades, graças a suas possibilidades de locomoção com veículo próprio e a suas condições financeiras. À distância, soma-se a falta de dinheiro, a pouca disponibilidade de tempo e outros fatores os quais, em conjunto, inibem o usufruto, por parte dos moradores das periferias populares, de grande parte da oferta de atividades de lazer oferecida na metrópole.

Dado esse contexto, o presente capítulo propõe-se a discorrer a respeito do lazer como manifestação humana que tem no ambiente urbano seu palco, da “roupagem” que essa esfera da vida assume na periferia da cidade e ainda sobre como os jovens, público-alvo do presente trabalho, experimentam o lazer em tempos marcados pela presença e influência quase implacável da indústria cultural.

1.1. Por que pensar o lazer?

Trato, a princípio, de pontuar algumas questões acerca do lazer, com vistas a compreender sua importância enquanto objeto de pesquisa.

O lazer é tema que vem sendo abordado, desde o final do século XIX, por pensadores de diversas áreas, entre elas a sociologia, a filosofia, a antropologia, a economia, a psicologia, a arquitetura, a educação física, a medicina e o turismo. Essa realidade reflete o caráter interdisciplinar inerente ao tema, já destacado por Parker (1969). A compreensão do lazer pressupõe, desta forma, um amplo diálogo entre as contribuições produzidas por variadas áreas do conhecimento sobre o tema.

As reflexões acerca da importância do lazer tiveram como marco inicial a publicação, em 1880, do manifesto *O direito à preguiça*, do militante socialista Paul Lafargue. No entanto, como ressalta Marcellino (2002a), o estudo sistemático do tema só teve início de fato, na Europa e nos Estados Unidos, nas primeiras décadas do século XX. Já no Brasil, o aprofundamento teórico a respeito do lazer através de sua abordagem em pesquisas acadêmicas começou a ocorrer na década de 1970. Entretanto, durante essa fase inicial, tal objeto de estudo era ainda visto com certa desconfiança. Magnani, ao apresentar a nova edição de seu livro *Festa no Pedaco*, menciona que, à época em que foi efetuado o estudo que originou a obra (entre 1978 e 1980), “uma pesquisa sobre o lazer era vista quase como diletantismo, pois se considerava que havia coisas mais importantes a tratar” (MAGNANI, 2003, p. 11). O autor afirmava também, sobre o lazer:

[...] é considerado irrelevante, enquanto tema de pesquisa: há coisas mais sérias, como o trabalho, a política. Aliás, nem mesmo existe: no caso específico dos trabalhadores, há quem constate que o tempo livre é basicamente utilizado para complementar os magros orçamentos domésticos; quando existe, ressentem-se da falta de espaço, equipamentos, ou então está irremediavelmente contaminado pelos *mass-media*, não passando, portanto, de válvula de escape e alienação (MAGNANI, 2003, p. 18-19).

Felizmente, e graças a obras como as acima mencionadas, o estudo do lazer vem conquistando respeito e espaço no Brasil, e é hoje tema de dissertações de mestrado, teses de doutorado, além de vir ensejando a realização de congressos anuais e vários eventos sobre o assunto, tanto em âmbito nacional quanto internacional.

Analisar o lazer dos diversos grupos humanos – seja classificando os indivíduos por idade, por classe social, por sexo ou por origem – pode levar à compreensão de sua forma de ver o mundo através de um viés não tradicionalmente presente nos estudos acadêmicos, mas

que, por isso mesmo, possibilita trazer à tona informações não captadas por pesquisas que estudam as sociedades a partir de outras categorias, como o trabalho, por exemplo. Ainda de acordo com Magnani:

Não cabem dúvidas de que as condições de existência dos trabalhadores não podem ser pensadas fora da estrutura social e econômica nas quais se encontram inseridos, nem à margem de um ordenamento político onde não ocupam, precisamente, as posições decisórias. E sua maneira de interpretar essas condições de existência, seus valores e sua prática cotidiana não ficam alheios àquelas injunções. Mas referi-los só e diretamente à dominação do capital, à influência da ideologia dominante, pouco acrescenta ao conhecimento de uma série de mediações que escapam a essa simplificação reducionista (MAGNANI, 2003, p. 27-28).

Não obstante a forte influência da indústria cultural e o fato de estarem atadas às amarras da estrutura socioeconômica da qual fazem parte, as pessoas interagem com a realidade que as cerca, filtram as informações que a elas chegam através dos meios de comunicação, produzem cultura.

Também nesse sentido, Valle nos traz a seguinte contribuição, na qual faz referência a Lefèbvre:

Espaço de criação de bens e valores culturais, o lazer possui uma lógica própria que, ainda que se contrapondo à lógica de produção material da sociedade, a ela permanece intimamente relacionada. Por isso, se a compreensão do lazer não pode se dar desvinculada da realidade do trabalho que o gera, da mesma forma, aceitando-se que a lógica dominante na organização da sociedade se relacione à produção material, sua análise não pode dispensar um exame mais detido do lazer, onde parte de suas implicações encontram-se explicitadas. Isto porque, como assinalou H. Lefèbvre, “é no lazer e através dele que o homem comum exerce a crítica à sua realidade cotidiana” (VALLE, 1988, p. 48).

O lazer é direito social assegurado pela Constituição Federal³ e contemplado na Declaração Universal dos Direitos Humanos⁴. O amplo entendimento de sua importância passa pelo estudo aprofundado das formas como é vivenciado nos tempos atuais, de como interage com as demais esferas da vida, e pela reflexão sobre o legado deixado por teóricos que o pensaram em outros tempos.

³ Art. 6º do Capítulo II – Dos Direitos Sociais: “São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição” (BRASIL, 1988, p. 13).

⁴ Art. XXIV: “Toda pessoa tem direito a repouso e lazer, inclusive a limitação razoável das horas de trabalho e férias periódicas remuneradas” (ONU, 2007).

1.2. Esclarecendo o conceito

No tocante à compreensão sobre o que é o lazer, Marcellino (1995) aponta que as diferenças na apropriação da palavra, decorrentes dos diversos sentidos a ela atribuídos conforme variam fatores como situação socioeconômica, faixa etária e sexo, dificultam o entendimento do fenômeno lazer pela população em geral. De acordo com este autor, restringe-se, assim, o uso da palavra para designar atividades específicas ou juízos de valor a ela associados. Tal situação pode ser observada também, ainda de acordo com Marcellino, na comunicação social de modo geral. Em função dessa realidade, o lazer segue sendo ainda pouco compreendido pela sociedade enquanto objeto de pesquisa científica, mas supõe-se que, conforme cresce a produção acadêmica vinculada ao tema, ocorra um maior esclarecimento acerca de sua importância e a quebra de concepções limitadas a seu respeito.

As diferenças em relação ao entendimento sobre o tema não se restringem ao senso comum. Autores que tratam do assunto também divergem quanto a sua origem e características. Marcellino (2002a) menciona ainda outra situação que reflete a falta de consenso e concepções restritas no uso do referido termo. Tratam-se das denominações atribuídas a órgãos públicos, como secretarias municipais e estaduais, que incluem o lazer no âmbito de suas responsabilidades, associando-o a outros termos mais tradicionalmente utilizados⁵.

Na presente pesquisa, considero o lazer como um direito humano adquirido em consequência dos movimentos trabalhistas de reivindicação pela redução do tempo de trabalho, surgidos com o advento da revolução industrial. Ou seja, como uma manifestação humana que tomou a “forma” atual após a revolução industrial. Segundo Parker (1969, p. 29): “Apenas quando o trabalho veio a ser realizado em lugares especiais, durante um período específico e sob determinadas condições, o lazer passou a ser exigido como um direito”. Além disso, o lazer, conforme aqui considerado, apresenta outras características, como a atitude de quem o vivencia. Mais adiante apresentarei detalhadamente o conceito de lazer aqui adotado.

Para ilustrar as diferenças de concepção sobre o tema, cito Sebastián De Grazia (1966) que, em sua análise sobre o lazer na sociedade americana, afirma que este já quase não existia

⁵ Para exemplificar essa realidade, transcrevo aqui algumas denominações de secretarias estaduais e municipais onde aparece o termo “lazer”: “Secretaria Estadual de Esporte, Lazer e Turismo” (Estado de São Paulo), “Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação” (Prefeitura de São Paulo), “Secretaria Municipal de Esportes e Lazer” (Prefeitura do Rio de Janeiro), “Secretaria Municipal de Esporte, Juventude e Lazer” (Prefeitura de Belém do Pará), “Secretaria de Educação, Esporte e Lazer” (Prefeitura do Recife), “Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer” (Prefeitura de Salvador), entre outros.

no momento em que escreveu sua obra; este autor entendia o lazer como o ideal de vida criado pelos filósofos gregos, denominado *scholē*. De acordo com De Grazia (1966, p. XIX): “Quando algo com o nome de lazer aparece na Sociedade do Trabalho [...] já não é lazer e sim tempo livre”⁶.

O *scholē* dos gregos, ou *otium*⁷ dos romanos, divergia do conceito de lazer aqui adotado, visto que aquele era para poucos e, para que esses poucos pudessem desfrutar de tal *otium*, muitos deviam trabalhar sem direito a esse privilégio. O *otium* pressupunha, então, uma sociedade escravagista e era entendido como ideal de vida.

Neste trabalho, entendo que as manifestações que nas sociedades pré-industriais assemelhavam-se ao lazer contemporâneo não eram uma esfera da vida separada da esfera do trabalho. A vida seguia então o ritmo da natureza, das estações do ano.

Com o surgimento das fábricas e da produção industrial, a relação que o ser humano tinha com o trabalho mudou em sua essência. O trabalho nestes espaços torna-se alienado⁸, ou seja, tem lugar a desvinculação entre o trabalhador e o produto final de sua atividade. Não havia aí possibilidade para a presença do lúdico, como acontecia no trabalho do artesão ou do camponês⁹. Com a implantação do taylorismo nas fábricas, a busca pelo controle e mecanização dos movimentos corporais dos trabalhadores foi levada ao extremo. Era preciso otimizar tais movimentos em busca de uma maior produtividade. Os operários

⁶ A despeito da divergência entre o que entendo por lazer e a forma como De Grazia o compreendia, considero sua obra *Tiempo, trabajo y ocio* uma contribuição de grande importância para os estudos do lazer e faço aqui algumas citações extraídas da mesma. Tais citações consistem em traduções feitas por mim a partir da publicação em espanhol da obra, uma vez que ela não foi traduzida para o português.

⁷ Cabe aqui um esclarecimento a respeito do uso corrente do termo “ócio”. Nos países de língua hispânica, essa palavra corresponde ao que entendemos por “lazer” em português. A língua espanhola não tem uma palavra específica que diferencie lazer de ócio, fato que causa confusões quando se trata de traduzir textos do espanhol para outros idiomas, como português, inglês e francês, e vice-versa. Nos textos em espanhol, encontramos os termos *ocio*, *recreación* e *tiempo libre* para se referir ao que entendo aqui por lazer. Neste trabalho, considero o ócio – ou o “não fazer nada”, a contemplação – como uma das possibilidades do lazer. Esse entendimento difere do que significava o *scholē* para os gregos ou o *otium* para os romanos. Para eles, tratava-se do ideal de vida, do fim último da existência. Para Aristóteles, “o lazer era uma condição ou um estado – o estado de estar livre da necessidade de trabalhar” (DE GRAZIA, 1966, p. 3).

⁸ Marilena Chauí, em seu prefácio à obra *O Direito à Preguiça*, de Paul Lafargue, discorre a respeito do trabalho alienado, alvo da crítica tanto de Marx quanto daquele autor, e nesse sentido afirma que: “Para que o trabalho se torne alienado, isto é, para que oculte, em vez de revelar, a essência dos seres humanos e para que o trabalhador não se reconheça como produtor das obras, é preciso que a divisão social do trabalho, imposta historicamente pelo capitalismo, desconsidere as aptidões e capacidades dos indivíduos, suas necessidades fundamentais e suas aspirações criadoras e os force a trabalhar para outros como se estivessem trabalhando para a sociedade e para si mesmos” (CHAUÍ, 1999, p. 34).

⁹ A esse respeito, De Grazia afirma: “O artesão em sua oficina podia deixar seu banco, mesa ou torno para aparecer à porta e ver passar uma procissão, e talvez, logo tomar um copo, com algum amigo na taberna. O trabalho esperava a tarde, ou o dia seguinte ou outro dia. A máquina não pode parar facilmente, e inclusive quando é parada o tempo morto a corrói” (DE GRAZIA, 1966, p. 44).

desempenhavam “tarefas altamente simplificadas, repetitivas, monótonas e embrutecedoras” (NAVARRO; PADILHA, 2007).

De Grazia (1966) acrescenta que a nova concentração exigida no trabalho industrial despojou-o de sua parte talvez mais atrativa, uma vez que foram diminuídas as possibilidades de relação social no emprego. Este autor afirma que:

Com a introdução do sistema de fábricas se debilitaram os antigos caminhos para as relações sociais. Anteriormente o trabalho não agrícola era feito em casa ou próximo de casa; as cidades eram menores e os povoados também. A vida de relação tinha lugar no mercado, na praça principal ou na casa, além das lojas dos artesãos, a maioria das quais dava em ruas muito transitadas. A fábrica tirou homens, mulheres e crianças das oficinas e das casas e os colocou sob um mesmo teto, sincronizando seus movimentos com os das máquinas (DE GRAZIA, 1966, p. 43).

Bem como o trabalho nas fábricas, aquele realizado nas minas de carvão na França da segunda metade do século XIX exauria os trabalhadores a tal ponto que, ao término de uma jornada, o tempo do qual dispunham fora do ambiente de trabalho mal era suficiente para o descanso e a recuperação de suas forças. Tal realidade foi retratada no romance naturalista *Germinal*, do francês Émile Zola, como se pode notar nas palavras abaixo:

Nada, não era nenhum relógio a vida. Trabalhava-se como asno num trabalho que era dantes o castigo dos grilhetas, esticava-se a canela mais do que era preciso, e nem assim havia carne para comer, à noite. Comia-se é claro, mas o preciso para viver, esmagado em dívidas, perseguido como se roubasse o pão. Ao domingo, dormia-se de cansaço. Os únicos prazeres eram apanhar o seu pifão, e ir fazendo filhos à mulher; e assim, a cerveja engordava sem destino, e os filhos, mais tarde, estavam a cargo da gente. Decididamente, não era nenhum prazer (ZOLA, 1982, p. 146).

As situações acima retratadas compõem o pano de fundo sobre o qual se intensifica a luta dos trabalhadores por condições mais dignas de trabalho e de vida. Dentre as exigências feitas, está a busca pela redução da jornada de trabalho. De acordo com Magnani:

Para muitas tendências do movimento operário organizado, o tempo livre era de suma importância pois representava não apenas a necessária reposição da energia gasta, mas ocasião de desenvolvimento de uma cultura própria e independente dos valores burgueses. Representações teatrais, competições desportivas, sessões de canto e música, leituras, passeios, além de debates e cursos de formação – tais eram as formas através das quais os militantes preenchiam seu tempo livre (MAGNANI, 1994, p. 1).

Dentre os pensadores do lazer que entendem esta esfera da vida como um “produto específico da industrialização” está Joffre Dumazedier ([s.d.], p. 18), autor que dedicou grande parte de seus escritos ao entendimento do assunto e cujas idéias influenciaram muitos dos teóricos sobre o tema no Brasil. Segundo este autor:

Foram necessárias condições históricas para o aparecimento do lazer. Primeiro, foi preciso uma laicização do tempo livre, foi preciso que o tempo livre saísse do conjunto das atividades rituais mágico-religiosas. Segundo, para chegar-se ao lazer em seu sentido moderno, foi preciso que o advento da civilização urbana e do trabalho de tipo industrial e administrativo introduzissem um corte nítido entre as horas de trabalho e as horas de *não trabalho*, com uma regulamentação da duração do dia de trabalho, com uma regulamentação da duração da semana de trabalho, com o lazer de fim-de-semana (*week-end*) e uma regulamentação do ano de trabalho, com o aparecimento do descanso (férias pagas), e uma regulamentação da vida de trabalho, a regulamentação da aposentadoria [...] (DUMAZEDIER, [s.d.], p.18).

Para concluir o esclarecimento a respeito do entendimento de lazer que permeia este estudo, ressalto que o conceito de lazer aqui adotado consiste em sua compreensão como a “cultura vivenciada (praticada, fruída ou conhecida) no tempo disponível das obrigações profissionais, escolares, familiares e sociais, combinando os aspectos tempo e atitude”, do qual podem “emergir, de modo dialético, valores questionadores da sociedade no seu conjunto, sendo sobre ele também exercidas influências da estrutura social vigente”. É ainda “portador de um duplo aspecto educativo – veículo e objeto de educação [...]” (MARCELLINO, 2007, p. 46-47). Para se classificar uma vivência (lembrando que esta pode ser inclusive o “não fazer nada”) como sendo de lazer, deve-se considerar, portanto, o momento em que ela acontece (fora do período de obrigações) e a atitude que se assume quando de sua execução. As formas de ocupar o tempo de lazer serão assim entendidas quando apresentarem um caráter liberatório, isto é, de livre escolha (ainda que relativizada, em função dos condicionamentos socioeconômicos a que todos estão sujeitos), desinteressado, e quando se constituírem em uma busca pelo prazer de seus protagonistas (MARCELLINO, 1995).

1.3. Para melhor entender o lazer

Alguns estudiosos do lazer criaram definições que se tornaram referências para muitos que os sucederam nas pesquisas sobre o tema. Pontuo a seguir aquelas que servem, neste trabalho, de elementos balizadores e cuja menção considero importante para uma melhor compreensão das idéias e reflexões aqui colocadas.

Começo pela classificação dos interesses culturais do lazer – também chamados de conteúdos culturais –, proposta pelo sociólogo francês Joffre Dumazedier (já mencionado anteriormente), o qual afirma: “Por interesse, deve-se entender o conhecimento que está

enraizado na sensibilidade, na cultura vivida” (DUMAZEDIER, 1980a, p. 110). Segundo o referido autor, tais interesses podem ser classificados como estéticos, intelectuais, manuais, sociais e físicos¹⁰ (DUMAZEDIER, 1999, p. 101), sendo que, em uma mesma forma de se desfrutar o tempo de lazer, estão presentes, muitas vezes, mais de um tipo de interesse. Verifica-se que há a preponderância de um conteúdo sobre o(s) outro(s), mas dificilmente pode-se classificar uma escolha como tendo sido movida por apenas uma das categorias citadas. Um exemplo é a “pelada” de domingo, atividade motivada por interesses fisioesportivos (prática do esporte) e por interesses sociais (o encontro com os amigos). Para alguns, faz-se mais influente a primeira categoria; para outros, a segunda. Camargo acrescenta mais uma área de interesse cultural no lazer àquelas propostas por Dumazedier: o turístico (CAMARGO, 2006, p. 18). A este conteúdo cultural sempre estão associados outros interesses.

Dumazedier criou também outras duas classificações bastante utilizadas. O autor trata das três funções do lazer – função de descanso, função de divertimento, recreação e entretenimento e função de desenvolvimento da personalidade –, as quais “são solidárias, estão sempre intimamente unidas umas às outras, mesmo quando parecem opor-se entre si” (DUMAZEDIER, 1976, p. 34). Além disso, categorizou a participação dos indivíduos nas atividades de lazer em três níveis distintos: elementar, marcado por uma atitude conformista; médio, caracterizado por uma atitude crítica; superior, ou inventivo, marcado pela criatividade (DUMAZEDIER, 1980b).

Costuma-se denominar como “equipamentos de lazer” os espaços onde o lazer acontece. De acordo com Requixa (1980), são considerados equipamentos específicos de lazer aqueles construídos para a prática de atividades de lazer e, como não específicos, os que originalmente não foram construídos com essa finalidade, mas que posteriormente passaram a ser usados, total ou parcialmente, para aquelas atividades. Alguns exemplos de equipamentos não específicos são a casa, a rua e os bares.

Entre as possibilidades de lazer no ambiente doméstico, podemos citar a comemoração de aniversários, a assistência a programas de televisão, filmes em vídeos ou DVDs, o ato de escutar música, de jogar *videogame*, de navegar na *internet*, de cuidar das plantas, de ler um livro, de conversar com um amigo por telefone, de descansar deitado em uma rede etc. Para que tais atividades sejam entendidas como lazer, é fundamental que se atente para a questão da atitude por parte de quem as executa, conforme mencionado anteriormente. Isso porque a

¹⁰ Os interesses estéticos serão referidos como “artísticos” e os físicos como “fisioesportivos”.

navegação na *internet*, por exemplo, pode também ser associada a uma obrigação escolar, bem como a leitura de um livro pode também consistir em obrigação, quando se está estudando para uma prova. Estes são apenas dois exemplos da importância de se considerar o aspecto atitude na definição de lazer.

Já o lazer fora de casa pode ter como cenários locais próximos à residência ou afastados da mesma, ou, em outros termos, a vizinhança – que engloba os locais de encontro e lazer situados nos limites da vizinhança e que, por isso, submetem-se a um tipo de controle exercido por aqueles que se conhecem, seja por morarem perto, seja por usarem os mesmos equipamentos (MAGNANI, 1994) – ou fora dela. Para referir-se a este espaço entendido como “vizinhança”, Magnani criou a categoria “pedaço”, definindo-o da seguinte forma:

O termo na realidade designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade (MAGNANI, 2003, p. 116).

Entre os moradores do “pedaço” nos bairros populares da cidade, os laços baseados nestas relações de vizinhança garantem, segundo este autor, “o mínimo vital e cultural que assegura a sobrevivência” (MAGNANI, 2003, p. 117), diferentemente do que se verifica em áreas ocupadas por outros segmentos sociais, onde os vínculos que ampliam a sociabilidade da família nuclear se estabelecem principalmente a partir das relações profissionais. Magnani ressalta ainda que a importância que o “pedaço” representa para as camadas de rendas mais baixas cresce na medida em que é esse o espaço “onde se desenvolve a vida associativa, desfruta-se o lazer, trocam-se informações, pratica-se a devoção – onde se tece, enfim, a trama do cotidiano” (MAGNANI, 2003, p. 117).

Dentre os equipamentos específicos de lazer, podemos destacar os ginásios poliesportivos, os cineclubes, os centros culturais, os parques, as praças, os museus etc. Camargo (1979) estabeleceu uma classificação dos equipamentos específicos de lazer, categorizando-os de acordo com seu tamanho, com a população atendida e com os interesses do lazer por eles contemplados, conforme descrição abaixo:

- Microequipamentos especializados – de dimensões reduzidas, atendem a um dos interesses do lazer (ex.: auditórios, cineclubes, quadras, jardins etc.) e são voltados a uma população restrita. São importantes na escala das cidades pequenas ou dos bairros das grandes cidades;

- Equipamentos médios de polivalência dirigida – abrangem instalações para os diferentes interesses do lazer, e visam atender a uma população maior (ex.: centros culturais); possibilitam o despertar dos indivíduos para outros interesses além do seu próprio. São indicados, sobretudo, para cidades médias ou pólos populacionais de metrópoles, onde há um maior risco de isolamento sociocultural;
- Macroequipamentos polivalentes – equipamentos bastante amplos, que permitem que a população deles se aproprie a partir dos diversos interesses do lazer (ex.: grandes parques e jardins). Têm como principal característica o verde e a natureza; por isso, sua presença faz-se importante nas metrópoles, onde a paisagem é dominada pelo cinza do concreto;
- Equipamentos de turismo social – destacam-se aqui as colônias de férias, os *campings* e as pousadas, além daqueles que visam atender aos turistas que chegam sem recursos às cidades.

Além de tais equipamentos – específicos ou não – as pessoas podem usufruir de seu lazer em espaços naturais (praias, rios), os quais, por não se tratarem de espaços construídos pela ação humana (apesar de muitas vezes serem cercados por uma infraestrutura de atendimento), não se enquadram nessa classificação.

Acrescento ainda alguns espaços que não se encaixam totalmente em nenhuma dessas duas categorias: os *shopping centers* e as *lanhouses* (nome pelo qual são conhecidos os centros públicos de acesso pago à *internet*).

Os *shopping centers*, como o próprio nome denuncia, são, essencialmente, centros de compras. Não foram construídos com a finalidade específica de funcionarem como espaços de lazer, mas oferecem, entre as opções de “compra”, o consumo de atividades de lazer. O lazer, nesses locais, está associado às salas de cinema aí presentes, às praças de alimentação, aos jogos eletrônicos e a outros eventos esporádicos (exposições, pistas de patinação no gelo etc.). Tais opções entram na lógica inerente ao *shopping*, qual seja, a lógica do consumo. Fazer compras pode, inclusive, ser uma atividade de lazer (desde que não seja associada à necessidade, mas ao prazer). Há autores que afirmam que os *shopping centers* são espaços onde impera o lazer reificado¹¹. Sem desconsiderar tais constatações, acredito que as relações que os indivíduos estabelecem com os espaços não necessariamente se restringem à lógica do consumo. Os espaços, muitas vezes, transformam-se em pontos de encontro, em locais de

¹¹ A este respeito, ver a obra de Valquíria Padilha *Shopping Center: a catedral das mercadorias* (PADILHA, 2006).

sociabilidade, sobretudo nas periferias das grandes metrópoles, onde escasseiam os espaços de lazer públicos e onde os que ainda restam são, na maioria das vezes, deficientes em infraestrutura e carentes no quesito segurança. Não descarto, ao fazer tal constatação, o poder da propaganda e das mercadorias sobre os indivíduos; entretanto, aos meus olhos, os indivíduos têm certo grau de autonomia sobre suas escolhas, apesar da grande e quase implacável influência da indústria cultural e do poder da propaganda. Concordo com Canclini quando ele afirma que:

Hoje vemos os processos de consumo como algo mais complexo do que a relação entre meios manipuladores e dóceis audiências. Sabe-se que um bom número de estudos sobre comunicação de massa tem mostrado que a hegemonia cultural não se realiza mediante ações verticais, onde os dominadores capturariam os receptores: entre uns e outros se reconhecem *mediadores* como a família, o bairro e o grupo de trabalho (CANCLINI, 2001, p. 75-76, grifo do autor).

Voltarei a tratar desta questão ainda neste capítulo, quando abordarei o lazer dos jovens.

No caso das *lanhouses*, também não as considero equipamentos específicos de lazer, visto que, apesar de se proporem a funcionar também como tal (oferecem a prática dos jogos eletrônicos, por exemplo), prestam outros serviços, os quais nada têm a ver com o lazer (impressão de documentos, acesso à *internet* não exclusivamente para o lazer etc.). No entanto, tais espaços vêm ganhando a preferência de muitos jovens, sobretudo daqueles que moram nos bairros mais pobres, como opção de lazer. Também trarei mais informações a este respeito adiante.

Outro importante conceito relacionado ao lazer consiste no que se convencionou chamar de animação sociocultural. Trata-se de fator fundamental a ser sempre contemplado na operacionalização dos equipamentos de lazer. De acordo com Requixa:

A animação sócio-cultural, originária da França, resultou dos movimentos franceses de educação popular, espécie de tentativa de resposta às desigualdades sócio-culturais que a escola pública não lograva resolver. De caráter extra-escolar, com a quase conotação de uma contra-escola paralela, sua prática se enriqueceu, fora da escola, portanto, com a emergência do lazer, enquanto valor e realidade cotidiana. Daí, ser hoje possível conceituar a animação sócio-cultural, como o esforço de indivíduos, de diferentes grupos sociais e do Estado, para organizar uma vida social e cultural, cuja ação se deve desenvolver, particularmente, no tempo livre (REQUIXA, 1980, p. 93-94).

É através da animação cultural e da participação que se dá a superação de níveis (MARCELLINO, 1995). Ao tratar da animação cultural, Marcellino afirma que a mesma

deverá pautar sua atuação no sentido de funcionar como elemento de estímulo e de orientação para que o tempo de lazer se transforme efetivamente num tempo de criação e fruição da cultura popular (MARCELLINO, 1995, p. 77).

Os agentes responsáveis pela animação sociocultural são chamados de animadores. De acordo com Dumazedier, este corpo profissional surge como resposta à necessidade de intervenção sobre o lazer e seu desenvolvimento (DUMAZEDIER, [s.d.]). Ainda segundo este autor:

O animador é este ator que tenta reduzir a distância entre o nível cultural de uma época e o nível cultural do lazer vivido pelos meios culturais mais cultos, pelas classes sociais mais instruídas e os menos cultos e menos instruídos e mais marginalizados. O animador cultural tenta ser o agente da democratização cultural [...] (DUMAZEDIER, [s.d.], p. 51).

No que se refere às qualidades desse profissional do lazer, de acordo com Marcellino, faz-se premente a formação de

[...] um novo especialista, não o “especialista tradicional” – superficial e unidimensional – mas o que domine a sua especialidade dentro de uma visão de totalidade. E para contemplar essa visão são exigidos, pelo menos, dois requisitos: uma sólida cultura geral – que permita perceber os pontos de interseção entre a problemática do lazer e as demais dimensões da ação humana e a contribuição de outras áreas de ação/investigação – e o exercício constante da reflexão (MARCELLINO, 2002b, p. 20).

Ainda no tocante à formação desse profissional, Pina (1995, p. 127-8) afirma que ele deve ter algumas características: “a) Formação; b) informação; c) comportamento e atitude; d) atualização; e) imaginação e intuição; f) criatividade; g) cooperativismo; h) dedicação; i) comunicação; j) autoformação permanente”.

A ação do animador cultural deve estar imbuída da compreensão do duplo aspecto educativo do lazer, ou seja, de seu entendimento enquanto veículo e objeto de educação. Nesse sentido, devem ser considerados:

- ✓ as potencialidades que o lazer encerra no sentido de tornar possível o desenvolvimento pessoal e social das pessoas;
- ✓ a necessidade de aprendizado, estímulo e introdução aos conteúdos culturais, fatores que tornam possível “a passagem de níveis menos elaborados, simples, para níveis mais elaborados, complexos, procurando superar o conformismo, pela criticidade e pela criatividade” na vivência do lazer (MARCELLINO, 2002a, p. 50).

Dumazedier ([s.d.]) aponta também a necessidade da criação de uma estrutura de animação – representada por ele em forma de pirâmide – constituída por profissionais da área,

os quais ocupam o topo da estrutura piramidal e são dotados de competências gerais; por aqueles que ele chama de semiprofissionais, que são os profissionais de competência técnica específica; e por animadores voluntários, os quais constituem a base da pirâmide.

Equipamentos de lazer acompanhados de uma estrutura de animação podem contribuir para a superação do nível conformista de vivência do lazer. A animação cultural deve estar presente em qualquer projeto de construção ou revitalização de equipamentos de lazer, quando se almeja que as formas de se vivenciar este tempo liberado das obrigações sejam mais que um campo de domínio da indústria cultural, que não se resumam a uma simples possibilidade de reposição de forças para o trabalho do dia seguinte, ou de manutenção da ordem e da conformidade com realidades injustas. A animação cultural é fundamental se se pretende que o lazer contribua para a formação de cidadãos críticos e criativos.

Para finalizar esse tópico, apresento algumas considerações a respeito das barreiras para o lazer e das políticas públicas voltadas para a área. De acordo com Marcellino, se por um lado “as atividades de lazer estão cada vez mais presentes na vida das pessoas” (MARCELLINO, 1995, p. 49), por outro, “quando se observa a realidade concreta, verifica-se um rompimento do quadro ideal do desenvolvimento do lazer pela população em geral” (MARCELLINO, 2002a, p. 23). De acordo com este autor, mesmo em cidades onde se observa uma tradição relacionada ao lazer, grande parte das pessoas vivencia essa esfera da vida em ambiente doméstico. Contribuem para essa realidade o que Marcellino (2002a) denomina de barreiras para o lazer, podendo ser estas: a) barreiras interclasses sociais, as quais estão vinculadas ao fator econômico enquanto elemento que contribui para uma apropriação desigual do lazer; b) barreiras intraclasses sociais, associadas às questões de gênero e faixa etária, por exemplo. Marcellino (2002a, p. 24) afirma que “as oportunidades desiguais na apropriação do espaço também constituem uma das barreiras mais importantes para o acesso ao lazer”.

As políticas públicas e iniciativas do setor privado comprometidas com a democratização do lazer devem caminhar no sentido de superar essas barreiras. Para tanto, a uma política de lazer devem estar associadas políticas de reordenação do tempo (redução de jornada de trabalho, sem redução de salários), de transporte urbano, de reordenação do solo urbano e de formação de quadros profissionais e voluntários (MARCELLINO, 2001).

1.4. O lazer na periferia das grandes cidades

Inicialmente, faço um esclarecimento a respeito do uso do termo “periferia” neste trabalho. Utilizo o mesmo para me referir às áreas geograficamente periféricas da cidade, constituídas a partir de um processo excludente, ocorrido com o crescimento industrial da cidade de São Paulo, em que as camadas mais pobres viram-se forçadas a se instalar em áreas distantes do centro e com defasada infraestrutura de serviços urbanos básicos. Vale ressaltar, no entanto, conforme apontam Bousquat e Cohn (2003a), que a dualidade centro *versus* periferia não é mais suficiente para explicar a construção urbana da metrópole paulista, sobretudo a partir dos anos 1980, quando a cidade de São Paulo consolida-se como metrópole transacional. É certo que, por um lado, a pobreza dissemina-se hoje por toda a cidade, em “pequenos espaços mais próximos ao centro”, que aumentam os investimentos públicos na periferia e que cresce o número de condomínios de luxo “na direção do vetor de expansão oeste da cidade” (TORRES et al. apud BOUSQUAT; COHN, 2003a, p. 85). Por outro lado, esse novo padrão de modelo espacial “não transita para uma ruptura com padrões espaciais de desigualdade consolidados durante o período anterior de industrialização da capital paulista” (MELLO apud BOUSQUAT; COHN, 2003a, p. 84). Nesse sentido, o processo que marca a expansão da cidade em direção a leste segue sendo marcado pela especulação imobiliária e pelo aumento da concentração da população pobre nos bairros mais afastados. É em função das características que marcam a expansão da zona leste da cidade que utilizo aqui o termo periferia. Mais informações a respeito dessa expansão e do conceito de periferia aqui adotado constam no capítulo seguinte.

Considerando-se o que foi tratado anteriormente, o lazer é uma temática urbana. É na cidade, onde a vida da maioria da população segue o ritmo ditado pelo trabalho alienado, que o lazer acontece, e tem lugar no tempo liberado das obrigações profissionais, familiares, políticas e religiosas.

Cabe aqui inserir um aparte a respeito dessa questão. Apesar de se tratar de temática ligada ao ritmo de vida das cidades, as formas de lazer aí experimentadas, bem como outras esferas da vida urbana, acabam por influenciar aqueles que vivem no campo. De acordo com Lefèbvre:

Trazidas pelo tecido urbano, a sociedade e a vida urbana penetram nos campos. Semelhante modo de viver comporta sistemas de objetos e sistemas de valores. Os mais conhecidos dentre os elementos do sistema urbano de objetos são a água, a eletricidade, o gás (butano nos campos) que não deixam de se fazer acompanhar

pelo carro, pela televisão, pelos utensílios de plástico, pelo mobiliário “moderno”, o que comporta novas exigências no que diz respeito aos “serviços”. Entre os elementos do sistema de valores, indicamos os lazeres ao modo urbano (danças, canções), os costumes, a rápida adoção das modas que vêm da cidade. [...] Geralmente a juventude, grupo etário, contribui ativamente para essa rápida assimilação de coisas e representações oriundas da cidade (LEFÈBVRE, 2001, p. 19).

A esse respeito, Marcellino (1995) afirma que, embora no Brasil persista a dualidade rural/urbano, este último vem se firmando graças à influência dos meios de comunicação de massa, tendendo a exercer uma hegemonia no sentido de uniformizar aspirações e comportamentos nos dois setores. Nesse sentido, à presença praticamente universal da televisão e do rádio tanto nas áreas rurais quanto nas urbanas, vem somar-se a influência crescente da *internet*.

A *Pesquisa sobre o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil* (Pesquisa TIC), realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.BR)¹² e que no ano de 2008 incluiu as áreas rurais do país, aponta que 91% dos domicílios nas áreas rurais possuem televisão e 84% possuem rádio. A porcentagem da população rural classificada como usuária da *internet* atingiu os 15%, número ainda expressivamente menor do que o verificado nas áreas urbanas (38%), mas já considerável. Detectou-se que, nas áreas rurais, a maioria dos usuários que acessaram a *internet* (56%) o fez a partir dos centros públicos de acesso pago, mais conhecidos como *lanhouses*. Segundo a pesquisa, “O papel desempenhado pelos centros públicos de acesso pago como agentes de inclusão digital é, na área rural, ainda mais significativo do que temos observado na área urbana” (CGI.BR, 2009b, p. 96). Conforme apontado pela pesquisa, são os jovens os principais frequentadores das *lanhouses* (explicitarei estas porcentagens mais adiante neste capítulo). Considerando-se a constatação feita por Lefèbvre – de que é esta faixa etária a que mais contribui para a assimilação, no campo, dos valores advindos das áreas urbanas –, faz-se cada vez mais relevante a consideração desta tecnologia, a *internet*, como difusora do modo de vida urbano.

Voltemos à questão do lazer nas grandes cidades. Ao escrever sobre as cidades da América do Sul e da África, Lefèbvre afirmou que: “Nessas regiões e países, as antigas estruturas agrárias se dissolvem; camponeses sem posses ou arruinados afluem para as cidades a fim de nelas encontrar trabalho e subsistência” (LEFÈBVRE, 2001, p. 17). Marcellino (1995) afirma que a sociedade brasileira começa a se configurar como

¹² Comitê constituído por iniciativa do Ministério das Comunicações e do Ministério da Ciência e Tecnologia, com o objetivo de tornar efetiva a participação da sociedade nas decisões envolvendo a implantação, administração e uso da *internet* (CGI.BR, 2009a).

preponderantemente urbana a partir do censo de 1970. Durante o período em que se intensificaram os fluxos migratórios no Brasil, com o crescimento da indústria ocorrido no pós-Segunda Guerra, a cidade de São Paulo foi um dos pólos que mais atraiu aqueles que deixaram as áreas rurais em busca de novas possibilidades. No entanto, quem chegava à cidade sonhando em construir uma vida digna, com direito a trabalho, moradia, estudo para os filhos, acesso ao sistema de saúde e ao lazer (apesar de este parecer ainda não ter assumido, no entendimento de muitas pessoas, o *status* de direito tão garantido pela Constituição quanto outros mais comumente mencionados e exigidos), não raro se deparava com a frustração das expectativas, realidade essa que ainda hoje se verifica, ainda que a chegada de migrantes não seja mais tão intensa. Como afirma Magnani:

Entre o que se espera da cidade, contudo, e o que realmente ela oferece, há uma distância que é percebida não apenas sob a forma de carências, mas também de distribuição desigual dos recursos e equipamentos entre “ricos e pobres”, “fracos e fortes”, “vilas pobres e bairros bacanas” (MAGNANI, 2003, p. 23-24).

Segundo Santos, ocorre, nessa capital, uma distribuição desigual dos equipamentos educacionais e de lazer em decorrência da “planificação urbana capitalista combinada com o processo especulativo do mercado” (SANTOS, 1996, p. 90). Ainda segundo esse autor:

No município de São Paulo, cinemas, hotéis, museus, restaurantes e teatros estão concentrados em apenas duas zonas, que são exatamente as zonas centrais, isto é, o Centro Histórico e o Centro Expandido (SANTOS, 1996, p. 90).

A distância que separa a periferia da região central, onde se concentra a maior parte dos equipamentos específicos de lazer, é um dos fatores que inviabiliza a participação e o acesso de grande parte da população à intensa vida cultural que faz a fama da metrópole.

Os moradores dos bairros periféricos estão, de certa maneira, condenados a vivenciar seu tempo de lazer de forma limitada, visto que as opções que se apresentam no entorno de suas residências não são muitas. Os equipamentos específicos são poucos, os que existem padecem, não raro, da falta de manutenção e os espaços passíveis de serem aproveitados como equipamentos não específicos, como a rua, convivem frequentemente com o problema da falta de segurança.

Brenner, Dayrell e Carrano, que em seu trabalho sobre o lazer dos jovens no Brasil mencionam a *Pesquisa de Informações Básicas Municipais* (MUNIC), afirmam que esta detecta que:

Nas médias e grandes cidades brasileiras, as periferias, os bairros populares, os morros e as favelas são verdadeiros desertos de equipamentos culturais; ainda que a média de equipamentos seja elevada, estes se encontram concentrados em centros culturais de difícil acesso físico e simbólico aos setores populares (BRENNER; DAYRELL; CARRANO, 2005, p. 179).

Não obstante esta realidade, o limitado acesso a equipamentos específicos de lazer não significa que nessas áreas as pessoas não desfrutem de seu lazer. Apenas o fazem de forma diferente dos habitantes das áreas mais centrais ou dos que também vivem em bairros afastados, mas têm melhores condições financeiras (o que facilita o acesso). Trata-se de um lazer marcado fundamentalmente pelo encontro (apesar de os encontros serem também verificados entre outros grupos sociais). A respeito de como os moradores da periferia dos grandes centros urbanos aproveitam seu escasso tempo de lazer, especialmente aos finais de semana, Magnani escreveu:

É bem verdade que nas atuais condições de vida dos trabalhadores dos grandes centros urbanos, seu tempo, energia e recursos são, em grande parte, utilizados para assegurar a sobrevivência. No entanto, sempre sobra disposição, um tempinho e uns trocados para o baile ou circo no sábado à noite, para a partida de futebol das manhãs de domingo, a sinuca no fim da tarde, a festa de aniversário ou casamento de algum colega e às vezes até para uma rapidíssima excursão a Aparecida do Norte, ou então à Praia Grande, na festa de Iemanjá. Talvez não se encontrem, nestas formas de diversão, as marcas de um lazer ou cultura idealmente associados ao estilo de vida operário, mas é assim que se desfruta o escasso tempo livre nos bairros da periferia de São Paulo (MAGNANI, 2003, p. 19).

Complemento as colocações acima com as palavras de Santos (1998) quando o autor fala sobre a riqueza da experiência da festa produzida pelos pobres:

Os pobres encontram saídas porque são pessoas para as quais a festa não é o resultado de uma programação, é a vida normal deles. Viver, trabalhar, fazer festa, se encontrar, conversar com o outro é estar disponível. O importante é que haja essa enorme produção, essa capacidade de produzir festa, pois a festa carrega uma enorme força associativa, em consequência uma enorme força na produção de idéias sobre o mundo, sobre o país, sobre o outro, sobre si mesmo (SANTOS, 1998, p. 7).

O lazer representa importante papel na vida da população que habita a periferia. Apesar de se constituir de “modalidades simples e tradicionais que não têm o brilho e a sofisticação das últimas novidades da indústria do lazer” (MAGNANI, 1994, p. 2), o lazer da população menos favorecida economicamente representa, mais do que necessidade de reposição das forças gastas no trabalho:

[...] uma oportunidade de, através de antigas e novas formas de entretenimento e encontro, estabelecer, revigorar e exercitar aquelas regras de reconhecimento e lealdade que garantem a rede básica da sociabilidade. O que não é de pouca

importância para uma população cujo cotidiano não se caracteriza exatamente pelo gozo pleno dos direitos de cidadania (MAGNANI, 1994, p. 2).

Nota-se assim que, nessas regiões, há uma prevalência dos interesses sociais do lazer em muitas das formas como as pessoas que aí vivem procuram aproveitar esse tempo liberado das obrigações cotidianas. As conversas na porta de casa, nas esquinas, nos bares, nos pontos de encontro dos jovens, são características dessas localidades. A prática de jogos coletivos entre os rapazes, sobretudo o futebol, também é bastante comum; neste caso, mesclam-se os interesses sociais e fisicoesportivos. E as festas para comemorar ocasiões especiais (aniversários, batizados, casamentos), os churrascos, os bailes, tão frequentes em tais áreas, também são exemplos de programas em que a convivência social é o interesse do lazer que prevalece. A solidão do paulistano, já mencionada até em versos de música (Zeca Baleiro, em sua música *Telegrama*, canta: “Estava só, sozinho / Mais solitário que um paulistano” – BALEIRO, 2002), é característica que não se percebe quando se caminha pelas ruas da periferia da cidade em um fim de semana de sol.

As colocações feitas por Magnani e Santos a respeito da vivência do lazer das classes dominadas são bastante relevantes e ainda correspondem, em parte, à realidade. Como é de se supor, novas formas de se vivenciar essa esfera da vida apareceram e continuam a surgir, processo este desencadeado por uma série de fatores, dentre os quais pode-se citar as políticas públicas específicas na área, as alterações no espaço urbano e a presença de equipamentos, específicos ou não, de lazer. Além disso, as formas de se aproveitar o lazer variam em função de diversos outros fatores, entre eles a faixa etária.

1.5. Os jovens e o lazer

Assim como apontado anteriormente em relação ao lazer, também o termo juventude é compreendido de formas diversas, seja por estudiosos que tratam do tema em suas produções, seja pelos órgãos públicos e de pesquisa. Trata-se, dessa forma, de um tema em construção. Marília Pontes Sposito (2002), ao apresentar a análise da produção de estudos sobre juventude na área da educação, aponta a falta de consenso em termos de definição dessa categoria e discorre a respeito de conceituações variadas da mesma.

Apesar de não ser propósito do presente trabalho aprofundar-se nas discussões acerca das várias conceituações da categoria juventude – tarefa que vem sendo empreendida com

grande profundidade e autoridade por pesquisadores de diversas áreas, como a Educação, a Psicologia e as Ciências Sociais – cabe fazer algumas colocações acerca do entendimento de juventude aqui considerado e do critério de definição adotado para fins de análise.

De acordo com Sposito, apesar de haver, na maior parte das análises, um reconhecimento tácito no que diz respeito à “condição de *transitoriedade* como elemento importante para a definição do jovem – da heteronomia da criança para a autonomia do adulto”, ocorrem variações “nos processos concretos e nas formas de abordagem dos estudos que tradicionalmente se dedicam ao tema” em relação ao “modo como se dá essa passagem, sua duração e características” (SPOSITO, 2002, p. 8, grifo da autora). Por outro lado, Sposito afirma que essa concepção de juventude como fase transitória tem sido criticada e menciona dois aspectos sobre os quais recaem tais críticas:

O primeiro diz respeito a uma caracterização da transição como indeterminação – jovens não são mais crianças e também não são adultos, vivendo uma espécie de hiato, na acepção de Salem –, sendo definidos pelo que não seriam; assim, este momento cada vez mais alongado no percurso de vida continuaria, paradoxalmente, sofrendo um conjunto de grandes atribuições que o desqualificam exatamente porque se trata apenas de uma passagem. O segundo aspecto incide sobre uma necessária subordinação dessa fase à vida adulta, referência normativa caracterizada pela estabilidade em contraste com a juventude, período da instabilidade e das crises (SPOSITO, 2002, p. 8-9).

A respeito do segundo aspecto, a autora afirma que essa caracterização da idade adulta como estável, em contraposição à instabilidade juvenil, é fato que não se sustenta na atualidade, considerando-se a “insegurança, a turbulência e a transitoriedade” em que se inscrevem o que se denomina por “condições contemporâneas da vida” (SPOSITO, 2002, p. 9).

Considero a juventude, neste trabalho, mais “como um momento do percurso de vida capaz de reter sua peculiar forma de vivê-lo e menos como mera etapa preparatória para a vida adulta” (SPOSITO, 2002, p. 11).

O critério utilizado para definir o público-alvo desta pesquisa é o que se refere à faixa etária estabelecida pelo IBGE para definir os jovens, ou seja, aquela que se estende dos 15 aos 24 anos. A adoção desse critério para fins de análise está relacionada ao fato de que pesquisas bastante relevantes sobre a juventude no Brasil, utilizadas como importantes fontes de dados para este trabalho, também se debruçaram sobre a faixa etária em questão. No entanto, é preciso enfatizar que a opção pelo critério cronológico não significa que sejam aqui desprezadas as desigualdades que permeiam as experiências juvenis de acordo com as diferenças de classe social, gênero, origem. Entendo que se faz necessário considerar essa fase

da vida também como uma construção social, que influencia e é influenciada pela sociedade na qual se insere. Concordo com Romera quando a autora afirma que:

As questões de desigualdade social que interferem no desenvolvimento do jovem representam um dos tantos elementos que delegam ao tema a complexidade que o envolve, assim como as conseqüências que tal situação gera junto aos extratos sociais. Considerando o contexto socioeconômico e cultural do Brasil, que comporta em seu interior muitos, diferentes e desiguais “Brasis”, podemos supor a juventude brasileira formada por muitas e diferentes juventudes, recortadas por questões de gênero, geográficas, raciais, mas acima de tudo de classe socioeconômica e as respectivas oportunidades nelas implícitas (ROMERA, 2008).

Importante fonte de informações para o desenvolvimento deste estudo, a pesquisa intitulada *Mapa da Juventude da Cidade de São Paulo* (BOUSQUAT; COHN, 2003b)¹³ teve como principal objetivo identificar e mapear grupos de jovens na cidade de São Paulo. Para tanto, contou com o suporte de pesquisas realizadas anteriormente sobre diferenciais intraurbanos e baseou-se em “uma metodologia que parte da questão urbana, de como a construção do espaço nesta complexa metrópole brasileira é marcada por profundas desigualdades socioespaciais” (BOUSQUAT; COHN, 2003a, p. 81). Visando a identificação de homogeneidades e segregações dos jovens no espaço urbano paulistano,

[...] a elaboração do Mapa da Juventude associou às questões das distintas inserções desses jovens no mundo do trabalho e da escola aquelas relacionadas aos seus hábitos e práticas, incluindo o lazer e o uso da cidade, discriminadas segundo as distintas regiões da cidade (BOUSQUAT; COHN, 2003a, p. 82).

Nesse sentido, considero que a identificação das chamadas Zonas Homogêneas (ZH), “constituídas tendo como base a dimensão espacial da exclusão social dos jovens paulistanos” (BOUSQUAT; COHN, 2003a, p. 85)¹⁴, significa uma importante contribuição por parte da pesquisa *Mapa da Juventude* no sentido de se buscar conhecer as diferentes juventudes que habitam a cidade de São Paulo. Para o presente estudo, mais especificamente, aquela pesquisa constitui-se em fonte de dados bastante relevante, na medida em que revela importantes aspectos relacionados aos jovens que vivem na região considerada na pesquisa.

Para a compreensão dos sentidos do próprio tempo da juventude, a “investigação sobre a dinâmica da ocupação do tempo livre pelos jovens” representa importante papel (BRENNER; DAYRELL; CARRANO, 2005, p. 175). De acordo com esses autores: “É principalmente nos tempos livres e nos lazeres que os jovens constroem suas próprias normas e expressões culturais, ritos, simbologias e modos de ser que os diferenciam do denominado

¹³ Daqui em diante, *Mapa da Juventude*.

¹⁴ Mais informações a respeito das ZHs serão apresentadas no terceiro item do Capítulo 2.

mundo adulto” (BRENNER; DAYRELL; CARRANO, 2005, p. 176). Nesse contexto, o presente estudo, que busca analisar a relação que os jovens estabelecem com um determinado equipamento de lazer, também pode contribuir para o conhecimento acerca das juventudes.

Os jovens correspondiam, de acordo com o Censo do IBGE de 2000, a aproximadamente 20,07% da população brasileira. A grande maioria deles (81%) residia então na zona urbana. As estatísticas permitem deduzir que há uma tendência de migração de jovens da zona rural para a zona urbana ao atingirem a maioridade, pois o número de jovens de 15 a 19 anos que vive na zona rural é cerca de 8% maior do que o número de jovens de 20 a 24 anos que aí residem. Essa migração deve-se, sobretudo, à busca de oportunidades no mercado de trabalho e de estudo (FRIGOTTO, 2004). Ao chegar à cidade, no entanto, muitas vezes esse jovem se depara com a distribuição desigual mencionada anteriormente nas palavras de Santos e Magnani e, como novo morador da periferia, vê também limitadas suas possibilidades de vivência do lazer.

De acordo com Brenner, Dayrell e Carrano, em seu estudo já mencionado:

[...] é preciso considerar o lazer como tempo sociológico no qual a liberdade de escolha é elemento preponderante e que se constitui, na fase da juventude, como campo potencial de construção de identidades, descoberta de potencialidades humanas e exercício de inserção efetiva nas relações sociais (BRENNER; DAYRELL; CARRANO, 2005, p. 176).

Esta constatação mostra a importância desse tempo-espço na vida dos jovens. As formas como o lazer é vivenciado na juventude podem contribuir para o processo de formação dos indivíduos, abrindo novas possibilidades de relações humanas, de produção de cultura, de construção da identidade, de interação com o mundo através de novas maneiras de enfrentamento das situações experimentadas ao longo da vida. Maria Rita Kehl atribui ainda à frequência a determinados locais pelos jovens em seu lazer outra importância:

Em nossas sociedades laicas, em que faltam ritos de passagem para sinalizar o ingresso na vida adulta, os objetos de consumo e os espaços próprios para freqüentação adolescente – a lanchonete, o baile *funk*, a boate, os *megashows* de rua – substituem os ritos característicos das culturas pré-modernas. Os jovens também inventam seus próprios ritos (KEHL, 2004, p. 95).

Novamente de acordo com Brenner, Dayrell e Carrano: “O lazer é atividade social e historicamente condicionada pelas condições de vida material e pelo capital cultural que constitui sujeitos e coletividades” (BRENNER; DAYRELL; CARRANO, 2005, p. 178).

Entre os jovens, os interesses sociais parecem ser os preponderantes na escolha de como desfrutar o lazer. Conforme apontado na pesquisa *Perfil da Juventude Brasileira*

(INSTITUTO CIDADANIA; INSTITUTO DE HOSPITALIDADE; SEBRAE, 2003), a atividade de lazer de fim de semana mais citada pelos jovens entrevistados – por 90% deles – foi “encontrar amigos(as)”. Já o *Mapa da Juventude* (BOUSQUAT; COHN, 2003b) mostra que a atividade de lazer mais praticada pelos jovens da cidade de São Paulo (entre os que responderam que fazem algo em seu lazer) é a prática de esportes. Esta última pesquisa também conclui que os jovens geralmente desfrutam de seu lazer em companhia dos amigos do bairro e da vizinhança. Reafirma-se, a partir dessa constatação, a importância do “pedaço” (MAGNANI, 1994, 2003) enquanto possibilidade de construção da sociabilidade dos jovens e da vivência de seu tempo liberado das obrigações.

Em relação aos equipamentos frequentados pelos jovens em seu lazer, dois tipos, já mencionados anteriormente, vêm ganhando espaço no lazer da periferia: os *shopping centers* e as *lanhouses*, *internet* cafés e similares. Estes locais vêm se configurando, sobretudo entre os jovens, como ponto de encontro e diversão nas periferias das grandes cidades.

De acordo com pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase) e pelo Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais (Pólis)¹⁵, os *shopping centers* são os espaços mais frequentados pelos jovens brasileiros das classes C (72,3%) e D/E (53,8%) em seu lazer. Também nesse sentido, o *Mapa da Juventude* aponta que, nas áreas de maior exclusão, o *shopping* é o espaço mais utilizado, enquanto que nas áreas de maior inclusão, onde há maior concentração e variedade de equipamentos, o peso dos *shoppings* como espaço de lazer vem sendo crescentemente contrabalançado pela frequência a cinemas, bares e danceterias. De acordo com esta última pesquisa:

O percentual de jovens que mencionou o shopping como espaço preferido de lazer pode indicar que esse espaço popularizou-se por não estar, de fato, vinculado necessariamente com o consumo, mas por apresentar-se como possibilidade, mesmo para os mais excluídos, de simplesmente praticar lazer, saindo com amigos, olhando vitrines ou paquerando, entre outras coisas (BOUSQUAT; COHN, 2003b, p. 72).

No caso das *lanhouses*, estes espaços são frequentados pelas diversas faixas etárias, mas especialmente pelos jovens. O crescimento da navegação na rede mundial de computadores com a finalidade de se aproveitar o lazer vem se fazendo notar através de

¹⁵ Pesquisa intitulada *Juventude Brasileira e Democracia: participação, esferas e políticas públicas* (IBASE; PÓLIS, 2006).

pesquisas na área e por sua repercussão na mídia¹⁶. De acordo com os dados da série histórica da Pesquisa TIC Domicílios¹⁷:

Apesar da tendência de estabilidade apresentada no acesso à Internet através de centros públicos de acesso pago, a pesquisa revela que o crescimento continua sendo efetivo nas faixas de renda mais baixas da população. Na faixa de renda familiar de até um salário mínimo, tínhamos 4% em 2005; 49% em 2006; 78% em 2007; e atingimos o patamar de 82% em 2008. Na faixa entre um e dois salários mínimos, tivemos 25%, 45%, 67% e 69%, respectivamente, entre 2005 e 2008. Essas duas faixas somadas representam cerca de 45% dos usuários de Internet. A despeito do custo elevado para acesso à Internet nos domicílios, vislumbra-se que as *lanhouses* e os Internet Cafés oferecem oportunidade de acesso às camadas economicamente menos favorecidas da população (CGI.BR, 2009b, p. 148).

De acordo com a mesma pesquisa, nas áreas urbanas, apenas 8% dos usuários da *internet* pertencentes à classe A frequentaram *lanhouses* ou similares para esse fim, em 2008; na classe B, 26% o fizeram; já na classe C, esse percentual sobe para 54% e nas classes D/E atinge a marca dos 79%. Isso não significa que esta seja a única forma de acesso à *internet* para os que pertencem às classes D/E; porém, de acordo com os dados, as *lanhouses* e similares são sem dúvida os principais locais de acesso à *internet* utilizados pelas populações de baixa renda. Ainda na área urbana, apenas 7% das classes D/E que se declararam como usuários da *internet* (ou seja, que acessaram a *internet* nos últimos três meses que antecederam a pesquisa) navegaram na rede mundial de computadores em suas próprias casas.

Além desse grande aumento do acesso à *internet* em *lanhouses* e afins por parte das classes C e D/E, a pesquisa detectou também que é entre os jovens que estes espaços fazem mais sucesso enquanto possibilidade de navegar na rede. Na faixa etária que vai dos 16 aos 24 anos, 59% dos usuários nas áreas urbanas acessaram a *internet* nesses centros públicos de acesso pago. Tal porcentagem vai decaindo conforme aumenta a faixa etária, correspondendo a 14% na faixa que vai dos 45 aos 59 anos. A pesquisa aponta que as *lanhouses* e similares são os locais mais utilizados pelos jovens para acessar a *internet*. Este quadro muda a partir da faixa que vai dos 25 aos 34, em que o acesso em casa passa a ser o mais citado. Cruzando os

¹⁶ O quadro “Central da periferia”, apresentado no programa dominical *Fantástico*, da Rede Globo de Televisão, dedicou uma série de edições ao tema das *lanhouses* nas periferias do Brasil. (Mais informações em: <http://especiais.fantastico.globo.com/centraldaperiferia>)

¹⁷ A Pesquisa TIC, já mencionada anteriormente, inclui a análise em domicílios e em empresas. A TIC Domicílios foi subdividida em duas partes. A primeira, denominada “Total Brasil”, apresenta os dados de 2008, ano em que foram incluídas na pesquisa as áreas rurais do país. A segunda parte, denominada “Série histórica”, está associada às áreas urbanas apenas, visto que, até 2007, a pesquisa tinha como foco somente essas áreas. Nessa segunda parte, é possível fazer a comparação com os dados das pesquisas TIC dos anos anteriores, a partir de 2005 (CGI.BR, 2009b).

dados referentes às faixas etárias e de renda dos usuários da *internet* nas *lanhouses*, a Pesquisa TIC conclui que:

Embora esses centros públicos pagos sejam um fenômeno que perpassa todas as classes sociais, a sua utilização cai com o aumento da idade e da renda das pessoas. A pesquisa mostra que, quanto mais jovem o cidadão e menor a sua renda, maior a probabilidade de ele utilizar *lanhouses*, o principal meio de acesso para a população com menos recursos (CGI.BR, 2009b, p. 46).

Outra constatação relevante para os estudos do lazer feita pela pesquisa em questão: entre as atividades desenvolvidas na *internet*, o grupo de atividades de lazer¹⁸ cresceu, entre 2005 e 2008, 15 pontos percentuais, passando de 71% para 86%. Tanto na classe C quanto na D/E, 85% dos usuários afirmaram usar a *internet* para atividades de lazer. Na classe A, esse percentual ficou em 92%.

Considerando-se os dados acima, cresce a importância dos centros públicos de acesso privado (*lanhouses* e similares) enquanto espaços para usufruto do lazer na periferia das grandes cidades, principalmente entre os jovens.

As formas de se vivenciar o lazer por parte dos jovens estão diretamente relacionadas com sua condição socioeconômica, com sua localização no espaço urbano e com sua educação, entre outros fatores. A possibilidade de transcendência, pelo lazer, dos limites impostos à liberdade da classe trabalhadora (VALLE, 1988), ganha força quando há opções de lazer que atendam aos variados interesses das pessoas, de forma que elas possam exercer mais livremente seu direito de escolher de que maneira preferem vivenciar essa esfera de suas vidas (seja descansando, assistindo a um concerto de música, praticando um esporte, passeando com a família, viajando, cuidando de flores, lendo um livro, encontrando os amigos etc.). Paralelamente, é preciso que ocorra uma educação para o lazer, a qual possibilite aos indivíduos que tenham maior autonomia no uso de seu tempo liberado das obrigações e, assim, não se limitem a corresponder às expectativas da indústria cultural, para cuja reprodução a esfera do lazer representa espaço privilegiado. De outra forma, ainda segundo Valle, o lazer pode tornar-se “atividade instrumentalizada e instrumentalizável pelo trabalho, alienação e empobrecimento” (VALLE, 1988, p. 48).

¹⁸ Entre as atividades de lazer realizadas através do acesso à *internet*, a pesquisa inclui “Assistir a filmes ou vídeos (como os do *Youtube*)”, “Ler jornais e revistas”, “Jogar jogos *online* (conectados à *internet*)”, “Ouvir rádio (em tempo real)”, “Fazer *download* de filmes, músicas ou softwares”, “Fazer *download* de jogos”, “Assistir televisão (em tempo real)”, “Divulgar filmes ou vídeos (em *sites* como o *Youtube*)”, “Fazer/atualizar *blog* ou *fotolog* na *internet*”, “Participar de ambientes de simulação ou realidade virtual (ex.: *Second life*) e “Outras atividades de lazer”. A participação em *sites* de relacionamento, bem como a troca de mensagens por *e-mail* e outros meios virtuais foram classificadas na pesquisa como atividades de comunicação.

No capítulo seguinte, farei uma aproximação do objeto deste trabalho, através da contextualização da constituição da periferia leste da cidade de São Paulo, da apresentação do equipamento de lazer a ser analisado e dos jovens que constituem os sujeitos da pesquisa.

CAPÍTULO 2 – O ambiente, o equipamento, os sujeitos

O presente capítulo tem como propósito fornecer informações para a compreensão do local em que se ambientou esta pesquisa, bem como dos sujeitos sobre os quais o trabalho se debruçou, além de apresentar o equipamento de lazer que será considerado neste trabalho.

2.1 O ambiente

2.1.1 Sobre a expansão da cidade e a constituição da periferia paulistana

[...] durante seu primeiro século, a metrópole de hoje não era muito mais do que um vilarejo híbrido, uma cidadela de mamelucos e mestiços, falando a língua-geral, alimentando-se de farinha-de-pau, bebendo cauim. Um local de reputação sombria, que em 1650 era habitado por cerca de cem famílias e que, em 1766, quando de seu primeiro censo, possuía somente 392 “fogos” (ou casas) e não mais do que 1.516 moradores (BUENO, 2004, p. 16).

Em 1860, São Paulo, apesar de seu relativo desenvolvimento comercial, é ainda um núcleo urbano modesto [...] (SINGER, 1974, p. 26).

São Paulo, em seu quarto centenário de existência, era então uma metrópole industrial de 2,5 milhões de habitantes [...] (ROLNIK, 2003, p. 206).

[...] São Paulo torna-se, também, a metrópole dos serviços, metrópole terciária, ou, ainda melhor, quaternária, o grande centro de decisões, a grande fábrica de idéias que se transformam em informações e mensagens, das quais uma parte considerável são ordens (SANTOS, 1994, p. 40).

Onze milhões de habitantes. Mais especificamente, 11.037.593: é esse o tamanho estimado da população da cidade de São Paulo nos dias atuais (IBGE, 2009). A “metrópole internacional” (SANTOS, 1994, p. 17), que atualmente ostenta o quarto lugar dentre as mais populosas do planeta¹⁹, nem sempre ocupou essa posição de destaque – em termos de população, tamanho, importância econômica e poder decisório no âmbito político – pela qual é hoje conhecida. Em 1872, por exemplo, São Paulo ocupava o décimo lugar entre as cidades brasileiras, atrás de Fortaleza, Cuiabá, São Luiz e Niterói, entre outras (SINGER, 1974). Sua população, em 1873, era de pouco mais de 30 mil habitantes (ROLNIK, 2003).

¹⁹ De acordo com relatório da ONU, que considera a população das aglomerações urbanas e não propriamente da cidade, São Paulo, com seus quase 19 milhões de habitantes, está atrás de Tóquio, México e Nova Iorque. (UN-HABITAT, 2008).

Neste tópico, buscarei esclarecer, de forma sucinta, aspectos marcantes e determinantes da constituição e do crescimento da cidade de São Paulo, para assim contextualizar a expansão e conseqüente urbanização da região leste da capital paulistana, onde se insere o objeto desse estudo. Para tanto, em face da significativa quantidade de excelentes trabalhos sobre essa temática, tomarei por base as obras de três autores cujas análises sobre a cidade entendo serem de grande abrangência, profundidade e relevância; juntas, acredito que elas forneçam um rico panorama de informações, as quais permitem compreender como a cidade chegou à sua configuração atual. São os autores: o economista Paul Singer, a arquiteta Raquel Rolnik e o cientista político e social Lúcio Kowarick.

O entreposto comercial

A posição geográfica de São Paulo e o fato de se constituir em ponto de encontro de caminhos que levavam a várias partes do território brasileiro já na época de sua fundação²⁰ foram fatores que contribuíram para o desenvolvimento da função primordial exercida pela cidade até o início da segunda metade do século XIX: a de entreposto comercial “entre a economia de subsistência do interior e do ‘exterior’” (SINGER, 1974, p. 23). Foi graças a essa corrente de comércio que se deu a manutenção e inclusive certo desenvolvimento da cidade de São Paulo até a descoberta das minas; além disso, ela proporcionou certo destaque à localidade, “em face da mediocridade da vida urbana na colônia, fazendo com que fosse elevada a sede da Capitania de São Vicente em 1681, à condição de cidade em 1711 e a sede de bispado em 1745” (SINGER, 1974, p. 24).

A exploração e ocupação de boa parte do interior do país nos dois primeiros séculos de colonização deram-se a partir de São Paulo. Os bandeirantes – como ficaram conhecidos os paulistas que desbravaram as terras “desconhecidas” –, diante da “paupérrima economia de subsistência de São Paulo dos Campos de Piratininga” e no “afã de encontrar alguma coisa para vender, [...] percorreram vastos sertões na caça ao índio, única mercadoria de aceitação certa, pelos privilegiados exportadores de açúcar de cana [...]”. As populações indígenas, dizimadas pelas bandeiras, se rarefazem “e o ‘produto’ nativo é vencido pela competição do escravo negro, importado da África” (SINGER, 1974, p. 22).

²⁰ Bueno afirma que as trilhas ancestrais utilizadas pelos Tupiniquim em seus deslocamentos, chamadas peabirus (ou “caminho amassado”) formavam uma rede que convergia para o centro histórico de São Paulo (BUENO, 2004). Conforme descrito por Sérgio Buarque de Holanda: “Alguns mapas e textos do século XVII apresentam-nos a vila de São Paulo como centro de amplo sistema de estradas expandindo-se rumo ao sertão e à costa” (HOLANDA apud BUENO, 2004, p. 9).

Nas primeiras décadas do século XVIII, São Paulo foi centro abastecedor das Gerais, quando da exploração da mineração, tendo deixado de beneficiar-se desse mercado após a conclusão, por volta de 1725, do “caminho novo” para as minas e a conseqüente mudança do fluxo de mercadorias para o Rio de Janeiro. Continuou a dominar o comércio para Mato Grosso e Goiás, mas não por muito tempo, visto que as minas nesses locais eram bem menores que as de Minas Gerais e se esgotaram mais depressa. Na primeira metade do século XIX, São Paulo torna-se entreposto comercial da corrente de exportação do açúcar produzido no interior paulista. Por essa mesma época, o cultivo do café chegou também em terras paulistas (SINGER, 1974).

A exportação de café

Apesar do fato de o café ter sido introduzido em terras paulistas já na primeira metade do século XIX, foi somente a partir de 1867, com a construção da estrada de ferro Santos-Jundiaí (a antiga São Paulo *Railway*), que a importância do sistema São Paulo-Santos para o escoamento da produção cafeeira cresceu gradativa e incessantemente, até que ele se tornasse o “grande eixo de comercialização do produto-rei da exportação brasileira” (SINGER, 1974, p. 30).

O desenvolvimento da cafeicultura foi responsável por grandes transformações na cidade de São Paulo. Apesar de o comércio realizar-se sobretudo em Santos, foi na capital que se concentraram os estabelecimentos bancários, cujo objetivo principal era “fazer face às necessidades do desenvolvimento da lavoura do café” (SINGER, 1974, p. 33). Dentre as outras conseqüências diretas decorrentes do *boom* cafeeiro estão: o aumento da população da cidade – com a chegada de fazendeiros que fixaram residência na capital e dos imigrantes atraídos para o trabalho nas lavouras, dentre os quais muitos permaneceram na cidade; a ampliação da função de entreposto comercial exercida por São Paulo; a constituição de uma rede ferroviária relativamente densa, que colocou a capital em contato com um amplo mercado potencial; o aumento da receita provincial de São Paulo, fator este que acarretou o investimento em serviços públicos na cidade (SINGER, 1974). Além disso, investiu-se nessa época no fornecimento de energia elétrica, com a construção de usinas.

Singer afirma que:

[...] não é demais considerar-se que o café ocasionou “uma segunda fundação” da cidade, principalmente se compararmos o modesto burgo colonial de 1860, vivendo

em grande parte de sua própria produção de subsistência, com a pujante cidade comercial do fim do século (SINGER, 1974, p. 39).

As correntes imigratórias e o crescimento populacional

Os incentivos governamentais à vinda de imigrantes para o Brasil no fim do século XIX, através do subsídio das passagens, estão relacionados ao processo de decadência da escravidão como relação de trabalho – o qual teve início com o fim do tráfico de escravos e terminou com a abolição em 1888 – e à simultânea, e rápida, expansão da cafeicultura paulista. De acordo com Rolnik:

A princípio, a escassez de africanos decorrente do fim do tráfico era compensada por transferências inter-regionais de escravos, principalmente de Minas Gerais e do Rio de Janeiro, onde a cafeicultura local perdia a concorrência com a produtividade dos novos cafezais paulistas. Porém, a pressão abolicionista interna, as fugas de escravos e o aumento do preço de importação do escravo de uma província a outra encareciam o preço da mão-de-obra escrava, impondo uma solução que só poderia basear-se na utilização do trabalhador livre (ROLNIK, 2003, p. 38).

Optou-se, então, pela importação de mão-de-obra estrangeira, uma vez que, na concepção da elite paulista do café, os nacionais não eram aptos ao trabalho coletivo e disciplinado em suas fazendas (ROLNIK, 2003). Muitos dos imigrantes trazidos para trabalhar nestas fazendas, no entanto, acabaram se fixando na cidade de São Paulo, onde as possibilidades de trabalho também se intensificaram em função da nova demanda por serviços e produtos gerada pela fixação, na capital, de fazendeiros e suas famílias. De acordo com Singer: “A cidade, sendo o ponto natural de passagem de tudo e de todos os que vêm do exterior, retém uma parte dos que por ela transitam” (SINGER, 1974, p. 37).

A população de São Paulo, que em 1860 era de 27.900 habitantes e, em 1886, de 47.697, saltou para 64.934 em 1890 e chegou a 120.755 habitantes em 1893 (ROLNIK, 2003; SINGER, 1974). Para se ter uma ideia do peso que a chegada dos imigrantes teve no crescimento populacional nessa época, Rolnik nos traz os seguintes dados: “Em 1890 eram 14.303 estrangeiros para uma população total de 64.934 habitantes; em 1893 eram 71.468 para uma população de 120.755” (ROLNIK, 2003, p. 73). Nota-se, assim, que quase toda essa nova população era composta por estrangeiros.

As ondas de imigração intensificaram-se ainda mais com o desenvolvimento da indústria paulistana. A população da cidade chegou a quase 580 mil habitantes em 1920, fato este que desencadeou uma série de transformações no espaço urbano, as quais marcaram e seguem marcando o processo de expansão de São Paulo até os dias atuais.

A Lei de Terras

Paralelamente à transição para o trabalho livre nas lavouras de café, decorrente da decadência da escravidão como relação de trabalho, ocorreu um processo de substituição na composição da riqueza dos cafeicultores paulistas. Rolnik afirma que:

Ao longo do século XIX, a terra, gradualmente, substituiu o escravo na composição da riqueza. Se, até então, “o principal capital do fazendeiro estava investido na pessoa do escravo, imobilizado como renda capitalizada”, durante a transição para o trabalho livre o papel de lastro passou para a terra (ROLNIK, 2003, p. 24).

A Lei de Terras²¹, de acordo com a autora, resulta desse processo, pois, ao conceder um estatuto jurídico, “a terra poderia ser hipotecada, servindo de garantia para a contração de empréstimos bancários, em um momento em que estes se ampliavam como estratégia para a expansão dos cultivos” (ROLNIK, 2003, p. 24).

É essa mesma lei que regulamenta a importação de europeus para virem trabalhar no Brasil. De acordo com a autora, isso se dá porque, com o trabalho livre, a terra poderia facilmente ser comprada pelos trabalhadores. Era necessário, então, criar uma nova regulamentação para essa nova ameaça, inexistente quando a mão-de-obra era composta unicamente por escravos.

A industrialização

Conforme visto anteriormente, as mudanças pelas quais passou São Paulo em decorrência da exportação do café propiciaram o surgimento, na cidade, de um mercado de capitais (com a monetarização e o estabelecimento da rede bancária) e um mercado de trabalho (com a chegada dos imigrantes). Ambos constituem-se em elementos fundamentais para o desenvolvimento industrial da cidade. A esses fatores, soma-se outro cuja relevância também foi crucial nesse sentido: a criação de uma ampla rede ferroviária (SINGER, 1974).

De acordo com Singer, com o aumento da produção para o mercado externo durante a segunda metade do século XIX (*boom* do café), diminuiu a cota de produtos de subsistência em São Paulo. Ou seja, expande-se o Setor de Mercado Externo em detrimento do de

²¹ A partir de sua promulgação, em 1850, a compra da terra, devidamente registrada, passou a ser a única forma legal de sua posse. (ROLNIK, 2003).

Subsistência. Esse contexto, acrescido da urbanização e da substituição do trabalho escravo pelo livre, gera a constituição de um mercado interno para produtos industriais, abastecido inicialmente por produtos importados. O autor afirma que:

[...] a constituição do mercado interno para produtos industriais, que se processa neste período, toma principalmente, a forma de urbanização. As cidades crescem em função do movimento exportador, pois elas são a sede de uma série de serviços – transporte, armazenamento, comercialização, embalagem, embarque e desembarque – complementares do comércio externo. Estes serviços constituem um terceiro setor da economia, [...] “Setor de Mercado Interno” (SINGER, 1974, p. 43-44).

Na última década do século XIX, inicia-se o processo de substituição de produtos importados por produtos da indústria nacional, o qual se intensifica durante a Primeira Guerra Mundial, quando a importação de produtos é dificultada. Essa intensificação ocorre também na crise do café dos anos 1930 e durante a Segunda Guerra Mundial (SINGER, 1974). É a industrialização que vai dar o tom do crescimento vertiginoso experimentado por São Paulo durante o século XX.

O parque industrial paulistano desenvolveu-se, inicialmente, em locais que apresentavam duas características principais: o baixo preço das terras e a facilidade de escoamento dos produtos. Segundo Rolnik,

Nas várzeas do Tamanduateí e Tietê, junto às estações ferroviárias, ao longo das estradas de ferro, desenvolveu-se, em face do baixo preço dos terrenos e da facilidade de transporte dos produtos, o parque industrial paulistano, constituído principalmente por empresas de porte médio e pequenas oficinas, fabriquetas e ateliês, muitos deles de caráter doméstico. Assim, Brás, Bom Retiro, Mooca, Água Branca, Lapa, Ipiranga foram loteados e cresceram rapidamente, marcados por uma paisagem de fabriquetas, casebres, vilas e cortiços (ROLNIK, 2003, p. 78).

É nas proximidades das fábricas que os operários e os que buscam oportunidades de trabalho vão instalar-se nesse primeiro momento.

A moradia dos operários: cortiços, vilas operárias, loteamentos na periferia

O adensamento populacional decorrente da chegada de imigrantes a São Paulo na segunda metade do século XIX, paralelamente à promulgação da Lei de Terras acima mencionada, fez surgir novas formas de habitação no cenário da cidade. Diante da

impossibilidade de aquisição de terras por parte dos estrangeiros recém-chegados e sem recursos, e dos negros libertos, proliferaram-se os cortiços, definidos como:

[...] habitações coletivas de aluguel que proliferaram nas últimas décadas do século XIX –, fruto do aumento da demanda por moradia e da valorização dos terrenos, que estimulava a superutilização do lote e das construções através da subdivisão de cômodos no maior número possível de cubículos (ROLNIK, 2003, p. 36).

Já em 1886, a legislação municipal demonstrava a preocupação em eliminar essas formas de habitação, bem como as casas de operários e os cubículos, do centro da cidade. Procurava-se proibir, assim, a presença dos pobres no centro (ROLNIK, 2003).

Surgiram também as vilas operárias²², solução encontrada pelos donos de algumas indústrias para resolver o problema da moradia da mão-de-obra. Conforme descreve Kowarick, tais vilas eram geralmente contíguas às fábricas, e as residências aí localizadas eram alugadas ou vendidas aos operários. De acordo com este autor,

O fornecimento de moradia pela própria empresa diminuía as despesas dos operários com sua própria sobrevivência, permitindo que os salários fossem rebaixados. Tal tipo de solução era viável na medida em que a quantidade da força de trabalho a ser alojada era relativamente pequena – pois destinava-se de modo especial aos operários menos disponíveis no mercado de trabalho – e o baixo custo dos terrenos e da construção compensava a fixação do trabalhador na empresa (KOWARICK, 1979, p. 30).

A construção de vilas operárias tornou-se negócio rentável, na medida em que ao investidor era permitido ofertar “um maior número de unidades num mesmo terreno” e, por outro lado, estar isento do pagamento de impostos (ROLNIK, 2003, p. 125).

A rentabilidade desse tipo de investimento se viu abalada quando, durante a Primeira Guerra Mundial, subiram os preços de grande parte do material que se utilizava na construção das casas. Diminuiu-se então o ritmo de construções e, conseqüentemente, elevaram-se os preços dos aluguéis das casas já construídas. Tal elevação desestabilizou o mercado e resultou em pressões, as quais por sua vez desencadearam uma nova expansão da fronteira, por meio da invasão da zona rural “com arruamentos e ocupações de terras municipais ou devolutas” (ROLNIK, 2003, p. 127).

Também em relação à queda do mercado de casas para operários, Kowarick afirma que o rápido crescimento do número de trabalhadores, acarretado pela intensificação da

²² De acordo com Rolnik, “[...] em 1900, aprovou-se a Lei 498, que ‘estabelece prescrições para a construção de casas de habitação operária’. A lei determinava um perímetro urbano (excluindo Brás, Belenzinho, Mooca, Pari, Luz, Barra Funda, Água Branca, Ipiranga, Vila Prudente) fora do qual seria permitida a construção de vilas operárias com padrões especiais, que ficariam isentas de impostos municipais, ‘assim como as empresas que se constituíssem para edificá-las’” (ROLNIK, 2003, p. 124-125).

industrialização, aumentou a pressão sobre a oferta de habitações populares. Em paralelo, ocorreu a valorização dos terrenos fabris e residenciais, o que também tornou a construção de vilas para os operários antieconômica, sob o ponto de vista das empresas. A partir daí, estas passam a transferir o custo da moradia (aquisição, aluguel, conservação do imóvel) e do transporte para o próprio trabalhador, e os gastos com serviços de infraestrutura urbana para o Estado. “Deste momento em diante as ‘vilas operárias’ tendem a desaparecer e a questão da moradia passa a ser resolvida pelas relações econômicas no mercado imobiliário” (KOWARICK, 1979, p. 31). É a partir desse momento que, ainda segundo este autor,

[...] surge no cenário urbano o que passou a ser designado de ‘periferia’: aglomerados distantes dos centros, clandestinos ou não, carentes de infra-estrutura, onde passa a residir crescente quantidade de mão-de-obra necessária para fazer girar a maquinaria econômica (KOWARICK, 1979, p. 31).

A carência de infraestrutura mencionada por Kowarick e a falta de planejamento na ocupação do espaço têm sua origem respaldada na lei, já no final do século XIX. Rolnik aponta que a lei de 1886²³ definia o perímetro urbano, onde se devia obedecer ao alinhamento das construções, e a zona rural, onde as prescrições a esse respeito não deveriam ser necessariamente seguidas. Já em relação aos arruamentos ou loteamentos (abertura de ruas por particulares para a venda de lotes), a exigência de apresentação de plantas antes que as ruas fossem abertas, imposta por lei desde 1913, deveria ser atendida apenas na área definida pela lei como zona urbana. Segunda a autora: “[...] na zona rural, não era necessário obedecê-las. Tampouco podiam contar com os serviços públicos de calçamento e pavimentação (pagos, até esse momento, integralmente pela prefeitura)” (ROLNIK, 2003, p. 48).

Criou-se, dessa forma, um mecanismo que, por um lado, delimitava “uma lei absolutamente detalhada e milimétrica, baseada na homogeneidade de um padrão ideal” e, por outro, permitia que “tudo o que não se adequasse à fórmula” poderia ocorrer na zona rural ou zona suburbana não ocupada, “embora não sob a responsabilidade do estado” (ROLNIK, 2003, p. 50). A criação da categoria “via particular”²⁴ na lei de 1923 também se encaixa nesse

²³ Revisão e ampliação do Código de Posturas de 1875, primeiro conjunto sistematizado de leis urbanas da capital, no qual a delimitação do espaço da rua e sua ressignificação como espaço de circulação foram o grande tema (ROLNIK, 2003).

²⁴ Por pressão dos loteadores, uma brecha na lei de 1923 permitia que o arruamento se multiplicasse sem atender a uma série de determinações estabelecidas pela mesma em relação à abertura de ruas. “[...] a lei permitia que além das vias oficiais, cujos leitos foram doados ao poder público e recebidos oficialmente, se abrissem ruas particulares, que permaneciam sob domínio e responsabilidade privados. Essas ruas deveriam ser mantidas limpas e em condições de tráfego, contudo não necessitavam seguir qualquer determinação urbanística” (ROLNIK, 2003, p. 49).

mecanismo, atendendo perfeitamente às expectativas dos loteadores. Ainda de acordo com Rolnik,

A dualidade legal/extralegal permitiu a preservação do território da elite da invasão de usos indesejados e degradantes, visando a manutenção do seu valor de mercado, ao mesmo tempo em que acomodou a explosiva demanda por moradia (ROLNIK, 2003, p. 50).

O processo de verticalização das áreas centrais da cidade, iniciado em resposta aos limites antes impostos pelo bonde à expansão do adensamento urbano, foi incorporado à lei em 1920, quando se introduziu a questão dos elevadores e do controle das alturas. Por outro lado, com o surgimento dos ônibus movidos a *diesel*, ampliaram-se as fronteiras da expansão horizontal da cidade (ROLNIK, 2003).

Uma comparação entre as plantas da cidade e os dados populacionais de 1914 a 1930 demonstra um processo claro de expansão horizontal e desadensamento demográfico. Em 1914, a área ocupada era de 3.760 hectares, com uma densidade de 110 habitantes por hectare, enquanto em 1930 a área ocupada era de 17.653 hectares, com uma densidade de 47 habitantes por hectare. A partir daí, a densidade permaneceu praticamente constante, por volta de 50 pessoas por hectare, até os anos 70, e a cidade se espalhou vorazmente para o território ao redor, engolindo colinas e vales e conurbando a região urbanizada com as municipalidades vizinhas (ROLNIK, 2003, p. 165).

A migração interna

*1950. Mais de dois milhões de nordestinos viviam fora de seus Estados natais. 10% da população do Ceará emigrou. 13% do Piauí; 15% da Bahia; 17% de Alagoas [...]*²⁵

Com a crise do café, em 1930, a chegada de imigrantes estrangeiros a São Paulo perde força. A partir de 1940, a atividade industrial experimenta novo impulso, em função das limitações impostas pela Segunda Guerra Mundial à importação. A esse fato, somaram-se outros fatores que, juntos, deram origem às fortes correntes migratórias no país, as quais foram se juntar às populações nas grandes cidades. De acordo com Singer (1987), são esses fatores:

- ✓ A promulgação das leis trabalhistas nos anos 1930 – as quais eram aplicáveis unicamente às áreas urbanas;

²⁵ Trecho recitado por Maria Bethânia em gravação da música *Carcará*, de 1965, composta por João do Vale e José Cândido (BETHÂNIA, 1983).

- ✓ O desarmamento dos “exércitos do sertão” (limitando a onipotência dos fazendeiros no nordeste e possibilitando assim uma maior mobilidade da mão-de-obra rural);
- ✓ O crescimento da população tanto nas áreas rurais quanto nas urbanas em decorrência da queda na taxa de mortalidade (fato que nas áreas rurais ocasiona a pressão sobre a terra, agravando a dicotomia latifúndio-minifúndio);
- ✓ A abolição da autonomia dos estados, que serviu tanto para unificar o mercado interno como para derrubar as oligarquias locais, cujo poder sobre a população rural foi assim consideravelmente enfraquecido;
- ✓ A construção de uma rede de rodovias interligando as principais regiões do país.

São Paulo recebeu, a partir de então, grandes fluxos de brasileiros que buscavam trabalho na cidade onde havia se constituído o mais importante parque industrial do país. A população da cidade, que em 1940 era de 1.337.644 habitantes, chegou a 2.198.096 e, em 1960, a 3.825.351 habitantes (SINGER, 1974). Muitos deles fixaram-se na periferia da capital paulista, pois, sem dinheiro, não tinham condições de arcar com os custos de vida nas áreas centrais mais valorizadas.

O modelo de habitação que passou a predominar nessas áreas da cidade a partir de 1942, quando se instituiu a Lei do Inquilinato, foi a autoconstrução. Essa lei, que congelou e passou a controlar os aluguéis,

[...] criou um clima desfavorável para o investimento em casas para alugar e a acelerou os despejos na cidade, o que teve como efeito o aparecimento das primeiras favelas em São Paulo e a maior ocupação da periferia. Desde então, o modelo de autoconstrução periférica reinou soberano na cidade (ROLNIK, 2003, p. 203).

Outra forma de habitar de muitos dos que chegaram à periferia da cidade foram, a partir de 1965, os grandes conjuntos habitacionais construídos pela Companhia Metropolitana de Habitação (COHAB). De acordo com Rolnik: “A Cohab, companhia municipal destinada ao financiamento e produção de moradias para a população de até cinco salários mínimos, produziu, entre 1965 e 1989, 100 mil unidades habitacionais” (ROLNIK, 2003, p. 203). Tais conjuntos habitacionais são parte da paisagem dos bairros periféricos de São Paulo.

Legalização da ocupação

Conforme mencionado anteriormente, enquanto uma parte da cidade, localizada nas áreas centrais, crescia dentro da lei, outra parte (determinada na lei) se expandiu fora da legalidade, não fazendo parte, assim, da “cidade oficial” e não sendo, portanto, atendida pelas políticas públicas governamentais.

De acordo com Rolnik, o Ato 1.123 de 30 de junho de 1936²⁶ “pode ser considerado a primeira grande Lei da Anistia para o território popular” (ROLNIK, 2003, p. 172). Já nos anos 1950, durante a gestão do então prefeito Jânio Quadros, é aprovado na Câmara um projeto de lei sobre a “oficialização de logradouros”,

[...] que declarava oficiais todos os loteamentos aprovados, todos os registrados de acordo com a anistia de 1936 e todos contidos na planta da cidade anexa à lei. Dessa forma, foi concedida uma anistia em massa, tornando todo e qualquer espaço contido naquela planta passível de investimento público (ROLNIK, 2003, p. 206).

O prefeito levou então uma série de melhorias à periferia da capital e continuou a fazê-lo quando se tornou governador do Estado. Dessa forma, além de consolidar um primeiro anel de loteamentos, ocupados entre os anos 1930 e 50,

Consolidou também uma relação entre o político e a produção da periferia, que tem na própria condição inicial de ilegalidade do assentamento a possibilidade de transformar investimentos públicos em poderosas moedas de barganha em contabilidades eleitorais (ROLNIK, 2003, p. 206-207).

Apesar dessa legalidade “doada” às áreas antes consideradas como ocupações ilegais, e sua conseqüente inserção nos programas de políticas de melhorias públicas, o padrão de crescimento da periferia urbana continuou marcado pelas mesmas características que o haviam conduzido até então. Problemas de falta de infraestrutura e de ocupação desordenada cresceram junto com a expansão da cidade e persistem nos tempos atuais.

²⁶ Esse ato estabelece que: “As casas dos pobres e trabalhadores construídas até essa data na 2ª e na 3ª subzonas urbanas e na zona rural que se encontram em condição razoável de higiene e segurança poderão ser aceitas a juízo do Departamento de Obras e Serviços Municipais” (ROLNIK, 2003, p. 172).

A especulação imobiliária

*Si o sinhô não tá lembrado
Dá licença de contá:
É que aonde agora está
Esse adifício arto
Era uma casa véia
Um palacete assobradado²⁷*

O processo especulativo, que marca o crescimento da cidade de São Paulo, empurra a população pobre cada vez mais para as áreas periféricas e ocupações ilegais próximas às áreas centrais. De acordo com Kowarick, a especulação imobiliária segue métodos diferentes para áreas diferentes da cidade. Em relação à ocupação das áreas periféricas, por exemplo, o autor afirma que o método era o seguinte:

[...] o novo loteamento nunca era feito em continuidade imediata ao anterior, já provido de serviços públicos. Ao contrário, entre o novo loteamento e o último já equipado, deixava-se uma área de terra vazia, sem lotear. Completado o novo loteamento, a linha de ônibus que o serviria seria, necessariamente, um prolongamento a partir do último centro equipado. Quando estendida, a linha de ônibus passa pela área não loteada, trazendo-lhe imediata valorização (CARDOSO; CAMARGO; KOWARICK apud KOWARICK, 1979, p. 33).

O mesmo acontece quando outros serviços públicos são levados ao novo loteamento. A especulação dentro das áreas centrais se dá também quando “zonas estagnadas ou decadentes recebem investimentos em serviços ou infra-estruturas básicas” (KOWARICK, 1979, p. 37). O autor cita, entre essas melhorias, o surgimento de rodovias ou vias expressas, a canalização de um córrego, a construção do metrô. Sobre este último, ele afirma que:

O fato de recortar certos bairros da cidade remodela o uso e o tipo de imóveis existentes, encarecendo vertiginosamente o preço dos lotes disponíveis. Forja-se assim – e o poder público através de desapropriações e planos de “reurbanização” interfere diretamente neste processo – uma nova configuração espacial que visa ao mercado residencial ou de serviços das camadas abastadas, enquanto os grupos pobres tendem a ser expulsos para áreas mais distantes (KOWARICK, 1979, p. 37).

Conforme afirma Singer, a razão que leva a população proletária, assim como as indústrias, a se deslocar para a periferia é a valorização da terra. Segundo o autor: “As residências térreas e de um andar são demolidas, construindo-se prédios de apartamentos ocupados pela classe média” (SINGER, 1974, p. 75).

²⁷ Trecho do samba *Saudosa Maloca*, de Adoniran Barbosa (GAROA, 1983).

Esse processo fica claro quando se analisa a realidade da zona leste da capital paulistana, em que bairros como o Tatuapé foram valorizados com a chegada do metrô e a construção de um *shopping center*, sendo atualmente um bairro ocupado por cada vez mais edifícios de classe média alta e cuja população tem decrescido nos últimos anos, enquanto o número de habitantes de áreas mais a leste só faz crescer.



Verticalização na zona leste –
bairro do Tatuapé

Fotografia 1 – Verticalização no bairro do Tatuapé

Crédito: Carolina Paes de Andrade

2.1.2 A zona leste da cidade

De acordo com o Mapa Político-administrativo da Prefeitura de São Paulo (Anexo A), a zona leste da cidade é composta por 32 distritos. São eles: Pari, Brás, Belém, Tatuapé, Mooca, Água Rasa, Vila Prudente, São Lucas, Sapopemba, Vila Formosa, Carrão, Aricanduva, Cangaíba, Penha, Vila Matilde, Artur Alvim, Ponte Rasa, Ermelino Matarazzo, Cidade Líder, Itaquera, Parque do Carmo, José Bonifácio, São Mateus, São Rafael, Iguatemi, Vila Jacuí, São Miguel, Jardim Helena, Vila Curuçá, Itaim Paulista, Guaianases, Lajeado e Cidade Tiradentes. A população total dessa vasta região da cidade gira atualmente em torno de 4 milhões de habitantes²⁸, ou seja, corresponde a cerca de 36% da população total da cidade.

²⁸ De acordo com a Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Fundação SEADE), a população dos distritos que compõem a zona leste era constituída, em 2004, por 3.949.129 habitantes (FUNDAÇÃO SEADE, 2004b).

Faz-se necessário ressaltar, porém, que os diversos distritos que compõem a zona leste apresentam uma série de diferenças entre si, relacionadas às origens de sua ocupação e às formas como se deu e tem se dado seu crescimento. Para uma melhor compreensão sobre o processo de ocupação da região, podemos destacar três momentos históricos diferentes (SÃO PAULO, 1985), que se inserem no quadro contextual descrito no tópico anterior. São eles:

- Fase dos assentamentos pioneiros, no século XVI, originários das pousadas de tropeiros (quando se iniciou a ocupação de São Miguel Paulista, Penha e Tatuapé);
- Fase do desenvolvimento industrial, iniciado no final do século XIX (quando se deu o desenvolvimento dos bairros Brás, Belém, Belenzinho, Mooca e Pari);
- Fase da expansão mais recente da cidade, intensificada pela chegada de correntes migratórias após a Segunda Guerra Mundial atraídas pelo novo surto industrial²⁹, quando então se dá a ocupação desordenada de vastas áreas antes desocupadas e distantes do centro e de regiões afastadas que já apresentavam certa ocupação, mas que mantinham ainda características rurais. Enquadram-se nesse caso bairros como Itaquera, Itaim Paulista, Vila Formosa, São Miguel Paulista e Ermelino Matarazzo, entre outros.

As áreas que hoje pertencem à zona leste e que tiveram sua ocupação iniciada na época em que São Paulo ainda era uma pequena vila permaneceram por muito tempo na condição de aldeamentos. Sua urbanização de fato só ocorreu com a expansão da ocupação urbana decorrente do processo de industrialização pós-Segunda Guerra.

Conforme descrito anteriormente, foi na região do Brás, Mooca e Belém que se desenvolveu o primeiro pólo industrial de São Paulo, constituído por fábricas de produtos têxteis, alimentícios e químicos. A população do Brás, que em 1886 era de 5.998 habitantes, aumentou seis vezes nos anos seguintes, chegando, em 1893, a 32.387 habitantes (TORRES apud SÃO PAULO, 1985).

Para melhor ilustrarmos a ocupação da região a leste do Tamanduateí nas duas primeiras décadas do século XX, citamos Rolnik, que faz a seguinte descrição do cenário de então:

O Belenzinho, que fazia parte da zona suburbana, era, em 1916, o limite de uma região de urbanização contínua, flanco externo de uma fronteira que havia avançado

²⁹ Nesse momento, desenvolvem-se principalmente os ramos que produzem bens de produção. Até cerca de 1940, “a indústria paulistana era sobretudo produtora de bens de consumo (com exceção da indústria mecânica, já importante nesta ocasião)” (SINGER, 1974, p. 61-62).

a partir do Brás, entre o Caminho da Penha e da Estrada de Ferro. Para além do Belenzinho, a ocupação era mais esparsa, sobretudo em torno do Caminho da Penha. Nesse momento se formavam, a leste, os bairros do Tatuapé e Maranhão e começava a ter uma ocupação proletária o antigo núcleo da Penha. (ROLNIK, 2003, p. 121)

Fatores como “a topografia pouco acidentada da região, o grande parcelamento do solo e a máxima utilização dos lotes residenciais e comerciais” (SÃO PAULO, 1985, p. 15), somados à identidade cultural da população que a ocupou, homogeneizaram a paisagem urbana na área formada por Brás, Mooca, Belém, Belenzinho, Pari e Catumbi.

Foi na época da Primeira Guerra Mundial que começaram a ser introduzidas melhorias públicas nessa região industrializada, onde as condições de vida dos operários eram até então precárias, carentes de infraestrutura de serviços urbanos básicos. Com isso, os terrenos nessas áreas foram valorizados, o que acarretou um deslocamento da população com menor poder aquisitivo mais para leste. Surgiram assim novos bairros (SÃO PAULO, 1985).

Nos anos 1940, a expansão havia chegado até a Penha, para além de onde a ocupação tornava-se mais rarefeita. As exceções eram Ermelino Matarazzo e São Miguel Paulista, onde havia relevante concentração demográfica em função da instalação nessas regiões, entre 1930 e 1940, de indústrias de grande porte. Em Itaquera, a ocupação na época estava relacionada à produção de hortifrutigranjeiros, mantida, a princípio, por imigrantes europeus e, posteriormente, pelos japoneses, que aqui chegaram a partir dos anos 1920 (SÃO PAULO, 1985)³⁰.

Quando da intensificação das correntes migratórias no país na década de 1950, espaços vazios da zona leste foram sendo ocupados; proliferaram bairros populares, com nomes quase sempre precedidos de “vilas”, onde as condições de habitação eram precárias (SÃO PAULO, 1985).

Ao compararmos os aumentos e decréscimos populacionais ocorridos nos bairros da zona leste entre os anos de 1934 e 1950 (SÃO PAULO, 1985) e as alterações de crescimento verificadas entre 1991 e 2004 (FUNDAÇÃO SEADE, 2004a), nota-se que o processo de valorização de terrenos nas áreas de ocupação mais antiga (e mais próximos ao centro) e o aumento da população dos bairros mais a leste vêm ocorrendo da mesma forma. A diferença é que agora a expansão já chegou à divisa da cidade. O distrito de Cidade Tiradentes, localizado no extremo leste da capital, foi o que apresentou a segunda maior taxa de crescimento anual

³⁰ Os japoneses que chegaram à região de Itaquera a partir de 1920 povoaram os lotes da parte rural do empreendimento imobiliário realizado em 1919 pela Companhia Comercial Pastoril e Agrícola. A região ficou então conhecida como “Colônia Japonesa”, ou simplesmente “Colônia”. Os japoneses dedicaram-se à produção de hortifrutigranjeiros, que se consolidou nos anos 1930. Nos anos 1950, a região chegou a ser a principal produtora de pêssegos da América Latina (SÃO PAULO, 1985).

(6,9%) em toda a cidade de São Paulo entre os anos de 1991 e 2004, enquanto o distrito o Tatuapé, por exemplo, apresentou uma taxa decrescente (-0,3%). O distrito de Iguatemi, também no extremo leste, apresentou taxa de 5,3%.

A construção da Radial Leste, a canalização do córrego Aricanduva, a instalação de grandes conjuntos habitacionais na periferia leste da cidade e a chegada da linha vermelha do metrô até a região de Itaquera³¹ foram fatores que contribuíram, junto com esse processo de valorização das áreas mais antigas, para a crescente ocupação da zona leste da cidade de São Paulo.

Aspectos relacionados ao lazer na zona leste

Feita a contextualização histórica do ambiente onde se localiza o objeto do presente estudo, tornando assim possível uma melhor compreensão dos processos que conduziram às atuais condições de vida na periferia leste da cidade de São Paulo (as quais, por sua vez, são determinantes das formas como aí se vivencia o lazer), passo neste momento à abordagem de alguns dados especificamente relacionados às possibilidades de lazer na região que pretendo analisar.

Para tanto, fiz um recorte que considero ser representativo dos bairros de ocupação recente da zona leste (terceira fase de ocupação). A área onde se encontram o equipamento de lazer e parte do público (moradores dos arredores certamente; frequentadores não necessariamente) que constituem o foco da pesquisa está incluída nesse recorte, formado pelos distritos de Itaquera, Parque do Carmo, José Bonifácio, Cidade Líder, São Mateus, Iguatemi, São Rafael, Ermelino Matarazzo, Ponte Rasa, Vila Jacuí, São Miguel, Jardim Helena, Vila Curuçá, Itaim Paulista, Lajeado, Guaianases e Cidade Tiradentes. A população dessa região era, em 2004, de cerca de 2,4 milhões de habitantes (FUNDAÇÃO SEADE, 2004b).

³¹ A linha vermelha do metrô foi concluída em 1988 (SÃO PAULO, 2009).



Figura 1 – Mapa do município de São Paulo e recorte de distritos da zona leste

A Prefeitura de São Paulo apresenta, em seu *site* na *internet*, um levantamento referente a equipamentos de lazer da cidade, divididos por distrito. A maior parte dos dados apresentados corresponde ao ano de 2007. Com base nos dados apresentados, elaborei o Quadro 1, que diz respeito à área recortada:

Tipos de Equipamentos de Lazer	Quantidade		
Centros Culturais, Espaços Culturais e Casas de Cultura	5		
Galerias de Arte	–		
Museus	1		
Salas de Cinema	26		
Salas de Teatro	1		
Salas de Teatro, <i>Shows</i> e Concertos	1		
Salas de Teatro e Cinema nos Centros Educacionais Unificados – CEUs	12		
Equipamentos de Esportes, Lazer e Recreação Municipais por Porte	Pequenos ¹	Médios ²	Grandes ³
	108	20	–
Clube da Comunidade dos CEUs	12		
Parques	10		

Quadro 1 – Tipos de equipamento de lazer nos distritos mais a leste

Fonte: (SÃO PAULO, 2007, 2008a).

⁽¹⁾ Centros Desportivos Municipais, Campos, Modelódromos e outros.

⁽²⁾ Centros Educacionais e Esportivos, Balneários, Mini Balneários e Clube da Comunidade dos CEUs.

⁽³⁾ Clubes Desportivos, Estádios, Centro Olímpico, Autódromo.

A referida pesquisa foi feita tendo como fonte de dados sobretudo a mídia escrita e sites da internet³². A Figura 2 corresponde ao mapa da distribuição dos centros culturais, casas de cultura, galerias de arte e museus, baseado na pesquisa da prefeitura:

³² O *Mapa da Juventude* (BOUSQUAT; COHN, 2003b) apresenta um levantamento detalhado dos equipamentos de lazer por distrito. Porém, por tratar-se de levantamento feito em 2003, optei por mencionar aqui os dados do levantamento mais recente, embora menos detalhado, divulgado pela prefeitura.



Figura 2 – Distribuição dos centros culturais, casas de cultura, galerias de arte e museus

Fonte: (SÃO PAULO, 2006).

Nota-se a forte concentração desses tipos de equipamentos de lazer nas áreas centrais da cidade, realidade essa que encontra respaldo nas afirmações de Santos (1996) e Brenner, Dayrell e Carrano (2005), apontadas no primeiro capítulo deste trabalho.

A grande quantidade de “Equipamentos de Esportes, Lazer e Recreação Pequenos” (Centros Desportivos Municipais, Campos, Modelódromos e outros), isto é, 108 deles, diante de um total de 404 equipamentos desse porte em toda a cidade, demonstra, sobretudo quando se considera também o número desses equipamentos nas áreas centrais, que há uma tendência a que eles sejam mais característicos das áreas mais afastadas do centro da cidade.

Ainda de acordo com os dados da pesquisa, foi possível perceber que a construção dos CEUs contribuiu expressivamente para um aumento na oferta de equipamentos de lazer na região leste da cidade.

Entre os dez parques apontados no levantamento, estão o Parque Chácara das Flores (inaugurado em 2002), o Parque Chico Mendes (1989), o Parque Raul Seixas (1989) e o

Parque do Carmo. Destacamos este último por suas dimensões e sua localização. Com 1,5 milhão de metros quadrados, o Parque do Carmo é uma exceção em uma região cuja expansão foi marcada pelo extermínio de grande parte da cobertura vegetal existente antes da ocupação. Inaugurado em 1976, o parque localiza-se dentro de uma área mais ampla que, desde 1989, foi decretada Área de Proteção Ambiental (APA)³³, tendo sido regulamentada em 1993 (SÃO PAULO, 2004; SILVA; MUCCI, PELICIONI, 2006). Dentro dessa mesma área, localiza-se o SESC Itaquera, equipamento de lazer que será, junto com os jovens seus frequentadores e com moradores da região (jovens também, frequentadores ou não), o foco da pesquisa a ser relatada no capítulo seguinte. Antes disso, faremos uma descrição das características do equipamento e, em seguida, alguns apontamentos a respeito do público abordado neste trabalho.

2.2 O equipamento de lazer

O SESC Itaquera é uma das 15 unidades – incluindo aqui o Cinesesc e a unidade de Odontologia – do SESC na cidade de São Paulo. O SESC é

uma instituição de caráter privado, de âmbito nacional, criada em 1946 por iniciativa do empresariado do comércio e serviços, que a mantém e administra. Sua finalidade é a promoção do bem-estar social, a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento cultural do trabalhador no comércio e serviços – seu público prioritário – bem como da comunidade em geral (SESCSP, [s.d.]).

A unidade de Itaquera localiza-se na zona leste da cidade, no distrito Parque do Carmo (Figura 3), pertencente à subprefeitura de Itaquera.

³³ As APAs são “Unidades de Conservação de Uso Sustentável” (há outras categorias assim classificadas), cujo objetivo é “promover e assegurar o uso sustentável dos recursos naturais”; “podem ser criadas em terras públicas ou particulares, com o objetivo principal de promover o uso sustentável dos recursos naturais existentes, aliando a proteção dos ecossistemas ao desenvolvimento sócio-econômico da região” (SÃO PAULO, 2004).



Mapa de São Paulo com destaque para o distrito Parque do Carmo, onde se localiza o SESC Itaquera

Figura 3 – Mapa da cidade de São Paulo e distrito do Parque do Carmo

Fonte: *Wikipedia*.

Foi inaugurado em 29 de outubro de 1992, dentro de uma área que, desde 1989, foi decretada Área de Proteção Ambiental, conforme apontado acima. A área de seu terreno é de 350 mil metros quadrados, sendo que, destes, 66.074,89 metros quadrados são de área construída (coberta e descoberta). Apresenta uma ampla área de cobertura vegetal preservada.



Figura 4 – Imagem do SESC Itaquera (satélite)

Fonte: *Google Maps*.

O acesso ao equipamento via transporte público se dá através dos ônibus (A. E. Carvalho e São Mateus, por exemplo) e dos lotações (estes últimos partem da estação terminal do metrô Corinthians-Itaquera). Tem capacidade para atender até 15 mil pessoas por dia. O ingresso – gratuito para comerciários e seus dependentes, usuários até 11 anos, visitantes até 3 anos e idosos – custa, para os que não se enquadram nessas categorias, entre 1 real e 7 reais³⁴, sendo que professores e estudantes pagam meia entrada. O valor do ingresso varia conforme o dia da semana, a idade, o vínculo com o SESC (comerciário e dependentes, usuários e visitantes) e o fato de o frequentador ser ou não estudante ou professor. O acesso ao parque aquático pode ocorrer mediante a realização de exame médico, realizado no próprio equipamento, a um custo de 6 reais para visitantes acima de 12 anos (crianças de 4 a 11 anos e idosos pagam 3 reais, e menores de 3 anos não pagam o exame médico). O SESC Itaquera abre de quarta-feira a domingo e nos feriados, das 9 horas às 17 horas (SESCSP, 2009).

O equipamento é composto pelas seguintes instalações (SESCSP, 2009):

- Portaria, informações e matrículas;
- Sede social com recepção, área para exposições, sala de técnicos, sala de convenções para 90 lugares, ambientes para jogos e convivência, salão de estar e café;
- Sanitários e fraldário;
- Lago com 5 mil metros quadrados;
- Ginásio com 3 quadras poliesportivas e bar-lanchonete;
- Lanchonete; 3 quiosques de alimentação e restaurante *self-service* com 350 lugares;
- Parque aquático, com piscina de 5 mil metros quadrados de espelho d'água, solário com 11 mil metros quadrados de área, com 8 pistas de toboáguas, escorregadores e brinquedos recreativos;
- 6 quadras poliesportivas descobertas;
- 3 quadras e 1 paredão de tênis;
- 3 quadras de futebol (1 em areia, 2 em grama sintética);
- 3 quadras para vôlei de areia;
- *Internet* livre com 34 computadores conectados à *internet* em banda larga, *webcam*, fones de ouvido, microfones e sistema *surround* disponíveis para navegação livre ou sob orientação de *web* animadores;

³⁴ Quando da realização da pesquisa de campo, a ser apresentada no Capítulo 3, a gratuidade do ingresso valia para crianças matriculadas até 9 anos, sendo que, para os demais frequentadores, o valor do ingresso variava entre 1 real e 6 reais. Nota-se que houve uma ampliação do público que passou a ter acesso gratuitamente ao equipamento.

- 1 praça central para atividades, eventos, recreação, estar e convivência;
- Cineteatro com capacidade para 144 pessoas;
- *Ludonet* com capacidade para 40 crianças e acervo aproximado de 30 brinquedos;
- Sala de leitura com capacidade para 80 pessoas;
- 57 quiosques com churrasqueiras;
- Sanitários distribuídos na área do centro;
- Praça de eventos com 5 mil metros quadrados;
- Parque lúdico com 1.530 metros quadrados (orquestra mágica – 15 instrumentos musicais e bichos da mata – 3 obras); brinquedo Espaço de Aventuras com 3.200 metros quadrados;
- Palco da orquestra com 600 metros quadrados;
- Estacionamento para 1.117 veículos; 57 motos, 56 bicicletas;
- Loja de conveniência;
- Loja SESC;
- Pólos de educação ambiental com viveiro de plantas, horta, orquidário, hidroponia, pomar, piscicultura e reciclagem;
- Portaria alternativa pela Av. Aricanduva – S. Matheus.

Entrada do
equipamento



Fotografia 2 – Entrada do equipamento

Crédito: Carolina Paes de Andrade



“Orquestra Mágica”

Fotografia 3 – Parque “Orquestra Mágica”

Crédito: Carolina Paes de Andrade

Parque
Aquático



Fotografia 4 – Parque Aquático

Crédito: Carolina Paes de Andrade

2.3 Os sujeitos

Ao observarmos a pirâmide etária (Figura 5) construída a partir dos dados do Censo realizado pelo IBGE no ano 2000, notamos que a faixa etária que vai dos 20 aos 24 anos era a mais populosa na cidade de São Paulo, seguida pela faixa que vai dos 15 aos 19 anos. O número de jovens de 15 a 24 anos na cidade de São Paulo era então 2.015.284.

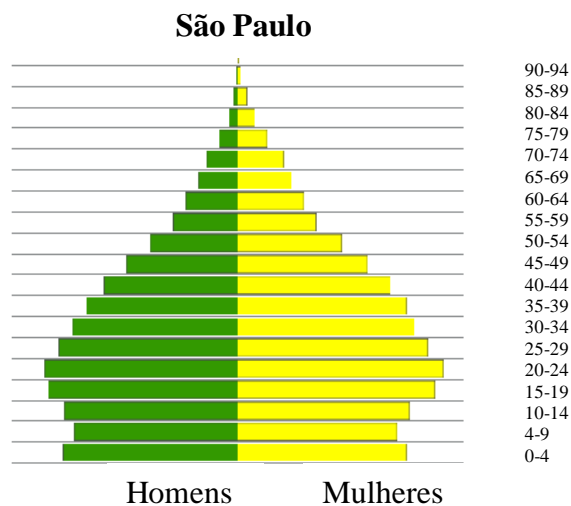


Figura 5 – Pirâmide etária da cidade de São Paulo (Censo 2000 – IBGE)

Fonte: (IBGE, 2000).

Um estudo realizado por Torres e outros autores constatou que há, na cidade de São Paulo, uma estreita correlação entre a existência de alta proporção de adolescentes em uma determinada região e a existência de pobreza no mesmo local (TORRES et al. apud BOUSQUAT; COHN, 2003a).

Os dados apresentados a seguir foram extraídos do *Mapa da Juventude* (BOUSQUAT; COHN, 2003b), já citado no capítulo anterior. Essa pesquisa dividiu a cidade de São Paulo em cinco Zonas Homogêneas (ZHs), construídas a partir do Indicador Composto Juvenil, o qual por sua vez considerou as variáveis: percentual da população jovem no conjunto do distrito; taxa anual de crescimento populacional do distrito entre 1991 e 2000; percentual de mães adolescentes no total de nascidos vivos; coeficiente de mortalidade por homicídios na faixa etária de 15 a 24; percentual de jovens que não frequentam escola; coeficiente de viagens por motivo de lazer por distrito; índice de mobilidade da população de 15 a 24 anos; valor da

renda média mensal familiar. Os distritos que apresentam as melhores condições para os jovens compõem a ZH1, enquanto a ZH5 engloba os que apresentam as piores condições.

O mapa a seguir mostra as ZHs construídas para a pesquisa (as faixas de números que aparecem na legenda correspondem à variação do Indicador Composto Juvenil dentro de cada ZH, sendo que os piores são os que se aproximam mais de zero – ZH5 – e os melhores são os que se aproximam de um – ZH1):

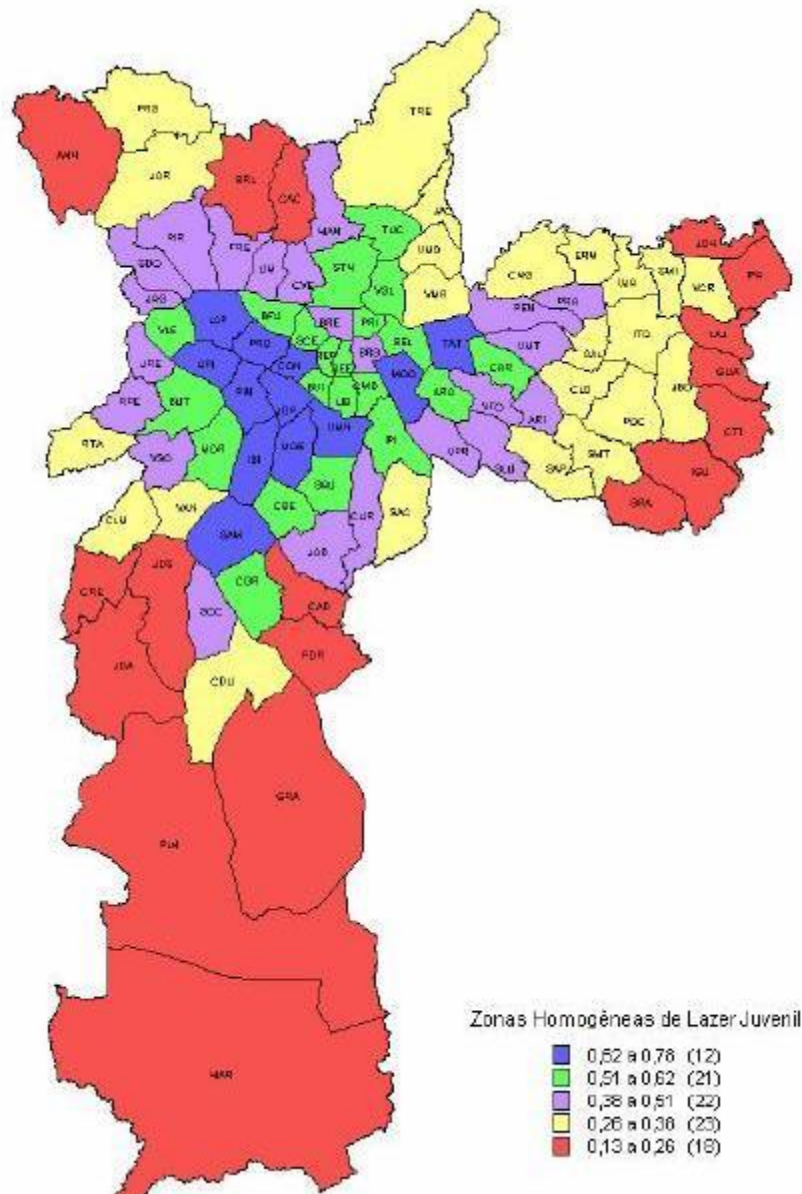


Figura 6 – Zonas Homogêneas Juvenis

Fonte: (BOUSQUAT; COHN, 2003b).

De acordo com o mapa acima, dos 17 distritos selecionados para compor o recorte deste trabalho, 7 deles, localizados no extremo leste da cidade (Jardim Helena, Itaim Paulista,

Lajeado, Guaianases, Cidade Tiradentes, Iguatemi e São Rafael) enquadram-se na ZH5. Os demais se incluem na ZH4, exceto Ponte Rasa, que entra na ZH3. Para efeito de análise, serão considerados os dados referentes às ZH4 e ZH5 para caracterizar os jovens que constituem o público-alvo deste trabalho.

O quadro abaixo refere-se à escolaridade e à inserção dos jovens no mercado de trabalho:

	Estudam	Trabalham
ZH1	84%	43,6%
ZH4	60,6%	29,2%
ZH5	57,1%	31,9%

Quadro 2 – Escolaridade e inserção dos jovens no mercado de trabalho

Fonte: (BOUSQUAT; COHN, 2003b).

A respeito das atividades de lazer dos jovens, a pesquisa aponta que, tanto o jovem morador da ZH1 quanto o que vive na ZH5 mencionam as atividades esportivas como sendo as preferidas. Em seguida, também em todas as ZHs, vêm as festas, bares e baladas. De acordo com a pesquisa, 65,2% dos homens optam pela realização de atividades esportivas, enquanto entre as mulheres esse percentual cai para 25,9% (elas se dividem entre outras atividades como festas, passeios e atividades de lazer no domicílio).

A pesquisa apontou também que 25,9% do total de jovens utilizam o *shopping* como espaço privilegiado para os encontros (o *shopping*, no *Mapa da Juventude*, é colocado na categoria “espaço de lazer”, diferentemente do SESC e dos parques/praças, que estão classificados como equipamentos). Conforme já mencionado no primeiro capítulo deste trabalho, o peso do *shopping* é menor na ZH1, onde é maior a frequência a cinemas, bares e danceterias, enquanto nas ZHs 3, 4 e 5, o *shopping* permanece como espaço mais frequentado. De acordo com a pesquisa, nessas regiões, “o shopping parece garantir uma possibilidade de lazer” (BOUSQUAT; COHN, 2003b, p. 46).

Ainda segundo o *Mapa da Juventude*, 64,8% do total de jovens entrevistados afirmaram vivenciar suas atividades de lazer em companhia dos amigos da vizinhança e do bairro.

Dentre os equipamentos mais frequentados, os parques/praças são citados por 30,4% dos jovens na ZH1 e por 23,2% dos jovens da ZH5. Na ZH4, 25,7% optam pelos parques e praças. As unidades do SESC, que entre os jovens da ZH1 ocupam o terceiro lugar entre os equipamentos mais frequentados, são a primeira opção entre os jovens da ZH5 (23,9%) e a segunda para os jovens da ZH4 (24,2%).

Com este último dado, finalizo este capítulo e passo então à análise do papel desempenhado pelo SESC Itaquera junto aos jovens que habitam em seus arredores.

CAPÍTULO 3 – A pesquisa de campo: conversando com os jovens

Conforme já detalhado na introdução deste trabalho, a pesquisa de campo foi feita em duas etapas, entremeadas por momentos pontuais de observação participante. Neste capítulo, serão apresentados os resultados obtidos através da aplicação dos formulários junto aos jovens frequentadores do equipamento (primeira etapa, realizada no equipamento) e aos jovens moradores de seus arredores (segunda etapa, realizada em bairros próximos ao equipamento); por fim, algumas informações a respeito da observação participante. Antes, porém, de apresentar tais resultados, farei algumas colocações a respeito da experiência do trabalho de campo.

3.1 O trabalho de campo: uma experiência enriquecedora e fundamental

Na introdução de sua obra *Festa no Pedação*, Magnani (2003) fala do risco que corre o pesquisador (no caso, o antropólogo) “cujo objeto de estudo fez parte de sua própria sociedade”, no sentido de que, para ele (o pesquisador), condições à primeira vista favoráveis – como manejo da língua, informações prévias e facilidade de acesso – podem tornar-se obstáculos ao trabalho de pesquisa. Isso porque “a familiaridade, nestes casos, não é senão o resultado de idéias preconcebidas, deformadas, quando não totalmente errôneas”. Nesses casos, o esforço do pesquisador deve ser no sentido de transformar o “familiar” em “estranho” (MAGNANI, 2003, p. 18). É fato que o presente trabalho não seguiu os preceitos de uma pesquisa antropológica (não se trata de uma), e o contato com o campo foi menos profundo e duradouro do que exigiria um trabalho etnográfico, mas é certo, por outro lado, que os relatos de pesquisas nesta linha foram de grande influência e inspiração para minha experiência pessoal em campo. Posso dizer que se tratou de um exercício etnográfico.

No caso de minha pesquisa, concluí, ao iniciar o trabalho de campo, que me encontrava em um meio termo entre estas duas situações (entre a estranheza e a familiaridade em relação ao que pretendia estudar). Como meu objeto de estudo faz parte da mesma sociedade em que vivo, tinha ao meu favor – ou pelo menos eu acreditava que tinha – aquelas condições favoráveis citadas acima. Entretanto, ao iniciar as minhas idas à zona leste – nos meios de transporte, no bairro, no equipamento de lazer – dei-me conta de que havia ali

muitas informações novas, que antes me eram totalmente desconhecidas. Apesar de viver por tanto tempo na mesma cidade e de ter por ela circulado bastante (por motivos de trabalho, de lazer, de estudos, de relações pessoais), percebi que a dinâmica da vida na periferia era algo “estranho” para mim, algo que eu nunca experimentara de fato em minha vivência na metrópole. Já havia ido algumas poucas vezes a bairros periféricos e tido contato com moradores dos mesmos ou passado por estes locais a caminho de outras cidades, já havia escutado músicas que me traziam um pouco do que acontece nestas áreas da metrópole, visto filmes e documentários que se passavam aí, além de ter lido trabalhos acadêmicos cujos objetos de estudo localizavam-se nestas regiões. Assim, e com as informações veiculadas diariamente pelos meios de comunicação de massa, formei meu imaginário sobre a periferia. Ao chegar lá, porém, somaram-se a estas informações outras novas (conforme já dito acima), dados estes que só a ida a campo me traria. No percurso até lá, no contato com as pessoas, no andar pelas ruas, enfim, no contato presencial com o lugar, preconceitos (no sentido amplo da palavra) se desfizeram, novas percepções foram sendo construídas. O medo do desconhecido (e um desconhecido já tantas e tantas vezes pintado como temeroso) foi aos poucos sendo vencido e a realidade mostrou-se muito mais rica e complexa do que aquele quadro construído mentalmente por todas aquelas imagens e informações de que dispunha antes da pesquisa de campo.

O que num primeiro momento me chamou a atenção quando da ida a campo foi a mudança da paisagem urbana, visível através da janela do metrô. Essa não era exatamente uma informação nova, mas a perspectiva sim, visto que eu não havia feito esse trajeto (da zona oeste da cidade em direção à parada final da linha vermelha do metrô, a Corinthians-Itaquera) muitas vezes em minha vida. Além disso, o olhar agora era outro: um olhar de pesquisadora.

Em minhas idas ao local da pesquisa, eu costumava pegar o metrô na região da Paulista (após ter tomado um ônibus até a avenida). Da Paulista até a Sé, o trajeto do metrô é todo subterrâneo. A partir da Sé até a estação terminal Corinthians-Itaquera, no entanto, grande parte do percurso foi construída na superfície, o que permite ao passageiro perceber que a infinda quantidade de edifícios verticais – que já se tornou marca da grande capital – vai aos poucos se tornando mais e mais escassa, ao ponto de, na referida parada final, avistar-se quase que exclusivamente casas. Duas “São Paulos” se mostram numa viagem de apenas 25 minutos.

Segue abaixo uma sequência de fotografias que retrata essa mudança da paisagem. É possível observar também, nesse caminho, o processo de verticalização de alguns bairros, conforme descrito no segundo capítulo. Para uma melhor compreensão das imagens, esta é a sequência de estações da linha vermelha do metrô, a partir da Sé em direção a leste: Pedro II, Brás, Bresser-Moooca, Belém, Tatuapé, Carrão, Penha, Vila Matilde, Guilhermina-Esperança, Patriarca, Artur Alvim e Corinthians-Itaquera.



Paisagem de prédios
na Avenida Paulista

Fotografia 5 – Avenida Paulista

Crédito: Carolina Paes de Andrade

Paisagem vista pela janela do
metrô entre as estações
Bresser e Belém...



Fotografia 6 – Paisagem entre Bresser e Belém

Crédito: Carolina Paes de Andrade



...entre as estações
Belém e Tatuapé...

Fotografia 7 – Paisagem entre Belém e Tatuapé

Crédito: Carolina Paes de Andrade



...entre o Tatuapé e o Carrão...

Fotografia 8 – Paisagem entre Tatuapé e Carrão

Crédito: Carolina Paes de Andrade



...e próximo à estação
Artur Alvim.

Fotografia 9 – Paisagem da região de Artur Alvim

Crédito: Carolina Paes de Andrade

Após esta viagem de metrô, muitos passageiros embarcam em ônibus e lotações para chegarem ao seu destino final, e comigo não foi diferente. A diferença é que eu não ia para minha casa, fosse voltando do trabalho, de algum outro compromisso ou ainda de um passeio ao centro ou outra região da cidade. Também não me dirigia para a visita dominical à casa de parentes. Meu objetivo era outro, diverso das razões que pareciam mover aquelas pessoas que compartilhavam comigo os vagões do metrô. Após cerca de 20 minutos dentro do lotação (“Gleba do Pêssego”), eu descia em frente ao equipamento (na primeira etapa da pesquisa de campo) e, num segundo momento da pesquisa, em um bairro próximo ao mesmo. E realizava meu trabalho.

A coleta de dados com os frequentadores do equipamento foi tranquila, visto que as abordagens foram feitas ou do lado de fora, na entrada do local – onde praticamente só circulam as pessoas que frequentam o equipamento, os que trabalham no mesmo e os que estão ali para vender “comes e bebes” para os passantes (em dias de *show*, especialmente, este parece ser um bom negócio) –, ou nas dependências do equipamento. Neste último caso, sempre houve a preocupação de não causar incômodo aos jovens respondentes. Nenhuma situação imprevista ou fato desagradável foram registrados.

Já a segunda etapa da pesquisa de campo (coleta de dados junto aos jovens nos bairros dos arredores) gerou em mim certa preocupação antes de ser iniciada. Como eu chegaria a um bairro onde não conheço ninguém, com uma prancheta na mão, abordando os jovens ou tocando as campainhas das casas para fazer a coleta de dados? Seria perigoso? Eu corria o risco de entrar em locais não recomendados? Geraria desconfiança nas pessoas? Muitas dúvidas, e por algum tempo eu não consegui vislumbrar um caminho a seguir. Pensei em seguir os passos descritos por Magnani em sua pesquisa, chegar aos locais de encontro do bairro e nestes pontos coletar informações que pudessem me ajudar a estabelecer os primeiros contatos, abrir um caminho e “por a mão na massa”. Procurei também encontrar um ponto de partida no trabalho de mestrado desenvolvido com jovens da Cidade Tiradentes por uma querida amiga³⁵. Ambos os trabalhos eram bastante distintos daquele que eu pretendia desenvolver, os enfoques eram outros, o que, no entanto, não impediu que eles me servissem como boas referências. Como meu público-alvo eram os jovens, concluí que um bom local para iniciar o trabalho seriam as *lanhouses*, onde sem dúvida o movimento maior é justamente composto pela faixa etária que me interessava. Entretanto, eu não estava certa se esta seria a

³⁵ Refiro-me aqui à dissertação de mestrado de Sílvia Eri Hirao defendida na Faculdade de Educação da USP, cujo título é *Ser jovem na Cidade Tiradentes: um estudo exploratório* (HIRAO, 2008).

melhor forma de começar, uma vez que o contato inicial, anterior à pesquisa de fato, poderia acarretar um acréscimo considerável no tempo que eu havia planejado dedicar à pesquisa de campo e, desta forma, atrasar meu cronograma de trabalho.

Quando eu ainda me encontrava em meio a estas conjecturas, porém, aconteceu um encontro que se tornaria decisivo para a definição de meus próximos passos. Em um sábado de coleta de dados com frequentadores, travei um diálogo com três meninos que vendiam trufas no ponto de ônibus em frente à entrada principal do equipamento. Foi uma conversa muito divertida (os meninos eram muito engraçados) e, num dado momento, perguntei se eles moravam nas proximidades. A resposta foi “sim”. Perguntei se havia alguma *lanhouse* no bairro e um dos meninos me respondeu afirmativamente, e que seu pai era dono de uma. Indaguei ainda a respeito da existência de alguma associação de moradores do bairro e fiquei sabendo que também havia. Esta conversa foi minha porta de entrada no primeiro bairro em que realizei a coleta de dados durante a segunda etapa da pesquisa de campo.

As características citadas por Magnani (2003) em sua descrição dos bairros periféricos da cidade – topografia acidentada, traçados de ruas e becos que nem sempre respeitavam regras de planejamento urbano, construções visivelmente não planejadas por arquitetos – vieram à minha mente assim que adentrei pela primeira vez o bairro em que iniciei a coleta de dados com os jovens moradores dos arredores do equipamento. O quadro se mostrou muito semelhante diante de meus olhos, apesar de aquela descrição ter sido feita há quase trinta anos.

O primeiro contato com o bairro foi marcado, conforme já descrito anteriormente, por uma sensação de estranhamento. Senti-me literalmente uma forasteira. Tive a impressão de que todos se conheciam e que qualquer pessoa de fora que ali chegasse podia ser logo identificada. Pedi para o cobrador me avisar quando chegasse o ponto mais próximo à associação de moradores, e assim foi. Desci do lotação quase em frente à associação e conversei com uma senhora que estava diante da porta. Ela não tinha as informações que solicitei. Segui então para a *lanhouse* e conheci o proprietário do local, pai do menino com quem eu havia conversado duas semanas antes. Após me apresentar, expliquei do que se tratava meu trabalho e ele foi muito solícito, se dispondo a me ajudar naquilo que estivesse ao seu alcance. Uma semana depois, voltei ao bairro, à *lanhouse*, e ele já havia contatado o presidente da associação de moradores e amigos do bairro, que me acompanhou num passeio pelas ruas do local, durante o qual apliquei os primeiros formulários. Foi interessante observar a dinâmica do bairro durante esse percurso a pé. Era um sábado de sol, havia muitas pessoas

nas ruas, passeando, conversando nas portas das casas, no bar, no barbeiro, na venda, em frente à oficina mecânica, andando de bicicleta. À medida que eu encontrava jovens pelo caminho, fazia as abordagens. Tudo correu tranquilamente. O trabalho nos arredores aconteceu, então, sem percalços. E assim foi também nos outros dois bairros visitados.

O contato inicial no segundo bairro foi feito na associação de moradores. Expliquei o intuito da pesquisa e solicitei algumas informações para, em seguida, iniciar minha caminhada pela região. Tudo também correu sem dificuldades. Fiz as abordagens enquanto percorria algumas ruas mais movimentadas do local. No último bairro em que realizei a coleta de dados, não cheguei a fazer contatos prévios ao trabalho. Apenas desembarquei do lotação e dei início à aplicação dos formulários, fazendo as abordagens ao longo de uma via pública bastante movimentada e suas transversais.

Apresento, a partir de agora, os dados obtidos na primeira e na segunda etapa da pesquisa de campo. Lembro que aos dados quantitativos coletados não foi dado um tratamento estatístico. Não se espera, portanto, que os mesmos sejam extrapolados para o universo total de frequentadores do SESC Itaquera, mesmo porque, de acordo com a sazonalidade e com eventos específicos, varia a frequência ao local (Ex.: nas férias de verão a frequência é uma, na de inverno outra, nos meses escolares outra, em dia de apresentação musical outra ainda etc.). O objetivo da apresentação desses dados é que eles sirvam como suporte para uma análise qualitativa, conforme já explicado na introdução deste trabalho.

3.2 Primeira etapa da pesquisa de campo: os jovens no equipamento

Essa etapa da pesquisa foi realizada em quatro finais de semana, fora do período de férias escolares, no primeiro semestre de 2009. Foram colhidos dados entre 80 jovens frequentadores do SESC Itaquera, tendo sido a maior parte deles (63%) na faixa etária dos 19 aos 24 anos, conforme mostram os gráficos 1 e 2:

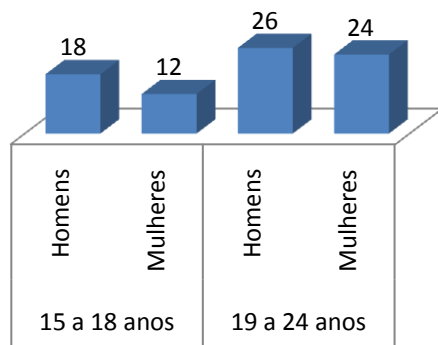


Gráfico 1 – 1ª Etapa da pesquisa de campo – Quantidade, idade e sexo dos jovens – números absolutos

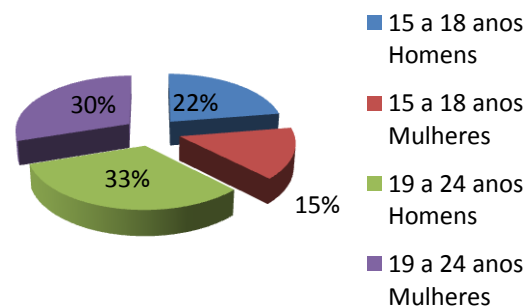


Gráfico 2 – 1ª Etapa da pesquisa de campo – Quantidade, idade e sexo dos jovens – números percentuais

Em relação à procedência dos jovens respondentes, detectou-se que a grande maioria deles (59, dos 80) veio da zona leste³⁶; 9 eram oriundos da zona norte da cidade, dois da zona sul e um da zona oeste. Os outros 9 vieram de municípios limítrofes ou próximos à cidade de São Paulo (dois de São André, um de Suzano, um de São Bernardo do Campo, um de São Caetano do Sul, um de Barueri, um de Francisco Morato e um de Guarulhos). Desses municípios, três (Santo André, São Caetano e Suzano) ficam próximos à zona leste de São Paulo.

³⁶ Ao entrar em contato com a prefeitura para solicitar informações sobre os bairros de cada distrito da cidade, fui informada de que a unidade oficial de divisão da cidade é o distrito e que os bairros não são unidades oficiais, sendo sua delimitação muitas vezes estabelecida pela própria comunidade. Assim, minha busca pela localização dos bairros mencionados na coleta de dados durante a primeira etapa da pesquisa de campo pautou-se nas informações colhidas em campo, em *sites* de programas da prefeitura que especificam os bairros atendidos, no *Google Maps* e em *sites* específicos sobre a zona leste, sempre buscando cruzar as informações do máximo de fontes possíveis para chegar assim a uma informação confiável.

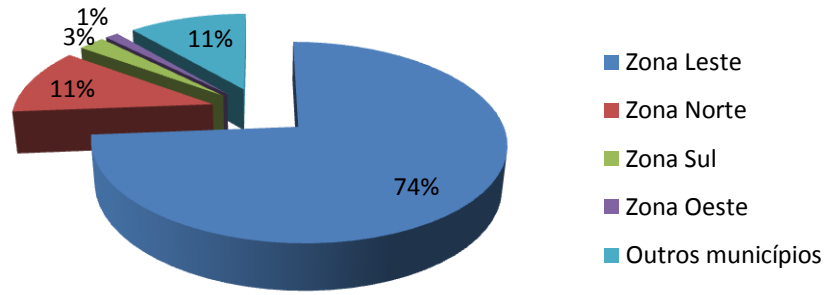


Gráfico 3 – 1ª Etapa da pesquisa de campo – Região de procedência dos respondentes

Nos 80 instrumentos aplicados junto aos frequentadores do equipamento, foram citados 49 nomes diferentes de bairros em São Paulo. Só da zona leste, o número de bairros citados pelos respondentes (quando questionados a respeito do bairro de onde vinham) foi 37.

Com base nas repostas a essa questão, construiu-se a Figura 7 (a partir do mapa político-administrativo da cidade, o qual consta no Anexo A):

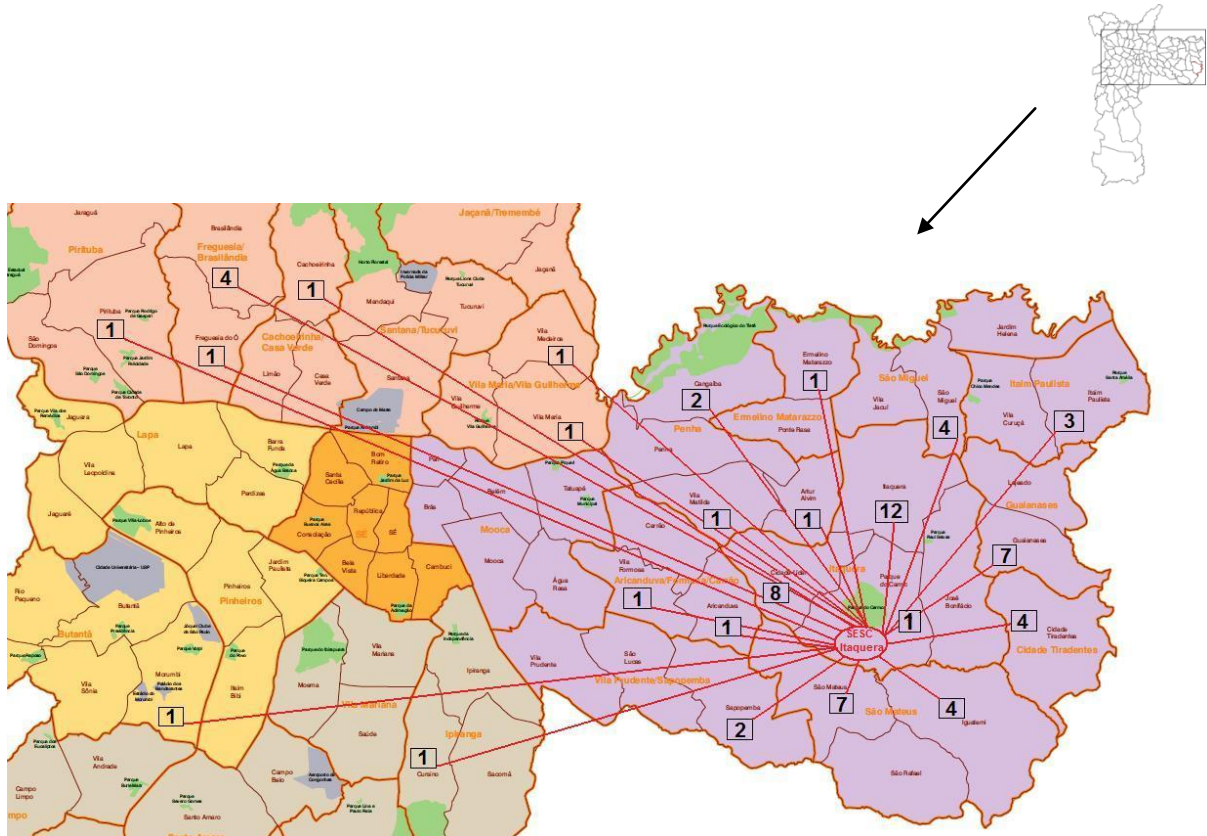


Figura 7 – Distritos de procedência dos jovens (1ª Etapa da pesquisa de campo)

Ressalto aqui que, por se tratar de um mapa ilustrativo, ele não retrata exatamente o local de onde vinham os respondentes, mas sim os distritos onde se localizam os bairros por eles citados. A localização do SESC no mapa também não corresponde exatamente à realidade. Conforme já mencionado no segundo capítulo, o mesmo situa-se no distrito Parque do Carmo, dentro da APA de igual nome. Não aparecem no mapa o bairro Capão Redondo (localizado na zona sul), citado por um dos jovens, e os outros municípios.

A respeito dos meios de locomoção utilizados para chegar ao equipamento, a maioria dos respondentes (54 deles) mencionou algum(ns) transporte(s) público(s). Desses, 40 fizeram uso de ônibus ou lotação, 10 utilizaram metrô e ônibus/lotação, 2 afirmaram ter tomado trem, metrô e ônibus/lotação e outros 2 disseram ter chegado com trem mais ônibus/lotação. Quanto aos demais, 6 jovens afirmaram ter ido a pé e 18 utilizaram veículo próprio. Entre esses últimos, 10 foram de carro, 7 de moto e apenas 1 de bicicleta. O Gráfico 4 retrata os meios de locomoção utilizados pelos jovens para chegar ao equipamento de lazer:

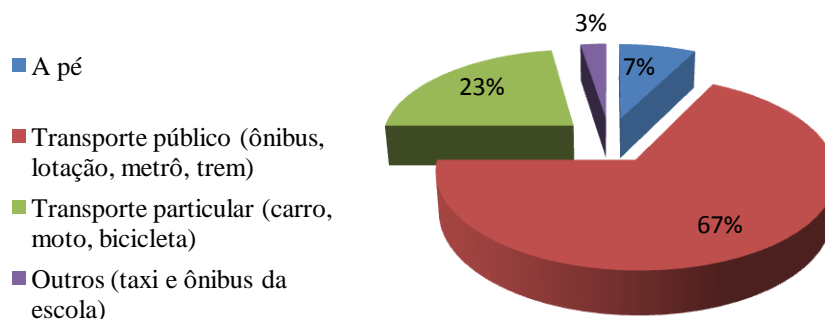


Gráfico 4 – 1ª Etapa da pesquisa de campo – Meios de locomoção

Houve dois casos em que os respondentes eram de outros municípios (Mogi e Itaquaquecetuba) e estavam a passeio na casa de parentes que vivem nos arredores (Itaquera e São Mateus). Eles foram a pé da casa destes parentes até o equipamento. Considerei como bairro de procedência o local de moradia dos parentes (visto que os jovens não se deslocaram de suas cidades especificamente para visitar o equipamento, mas sim para visitar os parentes). O fato de visitar o equipamento era decorrência do fato de estarem na casa dos parentes.

Em relação à frequência com que os jovens respondentes vão ao equipamento, seguem abaixo dois gráficos que representam os dados obtidos:

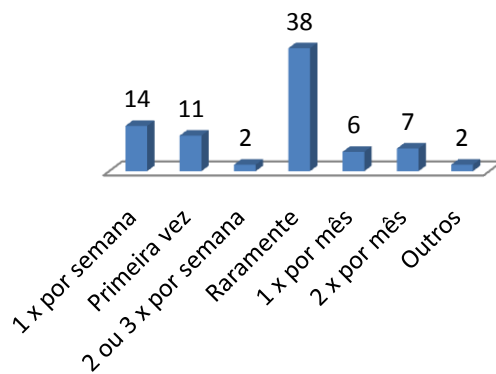


Gráfico 5 – 1ª Etapa da pesquisa de campo – Frequência ao equipamento – números absolutos

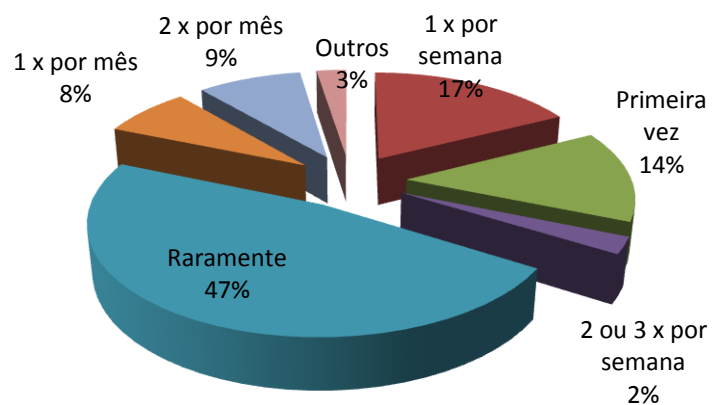


Gráfico 6 – 1ª Etapa da pesquisa de campo – Frequência ao equipamento – números percentuais

Para a construção dos dois gráficos acima, foram adotados os seguintes critérios, a partir dos formulários:

- A opção de resposta “Semanal”, que consta no formulário, foi dividida, para a construção dos gráficos, em “Uma vez por semana” (sábados ou domingos, invariavelmente) e “Duas ou três vezes por semana”;
- As quatro respostas “Três, quatro ou cinco vezes por ano” foram incluídas na categoria “Raramente”. A resposta “Duas vezes por ano, quando tem excursão da escola” também foi incluída em “Raramente”;
- A opção “Outro” do formulário foi subdividida, para a construção dos gráficos, em “Uma vez por mês”, “Duas vezes por mês” e “Outros”. Esta última inclui os que disseram frequentar quando há programação interessante, ou que a frequência varia de acordo com o clima.

Os que vão uma ou duas vezes por mês parecem fazê-lo sempre aos finais de semana (sábados ou domingos). Um deles, por exemplo, respondeu que “vai sábado sim, sábado não”.

Analisando os dados referentes ao bairro de procedência e à frequência ao equipamento, notou-se que todos os que afirmaram frequentar o local uma vez por semana vieram de bairros localizados no recorte mencionado no capítulo anterior (que inclui os 17 distritos mais a leste da cidade). Segue abaixo o Quadro 3, que indica os bairros de procedência dos jovens de acordo com sua frequência ao equipamento³⁷:

Frequência	Bairros / número de jovens
Uma vez por semana	Itaquera (1), Vila Carmosina – distrito de Itaquera (1), Cidade Líder (1), Jardim Nossa Senhora do Carmo – distrito de Cidade Líder (1), Vila Alto da Boa Vista – distrito de Cidade Líder (1), Jardim Santo André – distrito de São Mateus (1), Jardim Três Marias – distrito de São Mateus (1), Jardim São Gonçalo – distrito de Iguatemi (1), Itaim Paulista (1), Guaianases (3), Cidade Tiradentes (2)
Duas vezes por semana	São Miguel Paulista (1)
Três vezes por semana	Jardim Santa Teresinha – distrito de Cidade Líder (1)
Duas vezes por mês	Itaquera (1), Guaianases (1), São Mateus (1), Artur Alvim (1), Fazenda da Juta – distrito de Sapopemba (1), Vila Zatt – distrito de Pirituba (1), Suzano (1)
Uma vez por mês	Jardim Eliane – distrito de cidade Líder (1), A. E. Carvalho – distrito de Itaquera (1), Vila Carmosina – distrito de Itaquera (1), São Miguel (1), Cidade Tiradentes (1), Jardim Elisa Maria – distrito de Brasilândia (1)
Primeira vez	Parque Guarani – distrito de Itaquera (1), Jardim Helian – distrito Parque do Carmo (1), São Mateus (1), São Miguel (1), Ermelino Matarazzo (1), Vila Formosa (1), Morumbi (1), Vila Maria (1), Vila Medeiros (1), município de São Bernardo do Campo (1), município de Santo André (1)
Raramente	Jardim São Gonçalo – distrito de Iguatemi (1), Iguatemi (1), Jardim da Conquista – distrito de Iguatemi (1), São Mateus (1), Jardim Nova Vitória – distrito de São Mateus (1), Cidade Líder (1), Jardim Eliane – distrito de Cidade Líder (1), Itaquera (3), Vila Carmosina – distrito de Itaquera (1), Guaianases (1), Jardim São Carlos – distrito de Guaianases (1), Vila São José – distrito de Guaianases (1), A. E. Carvalho – distrito de Itaquera (1), São Miguel Paulista (1), Cidade Tiradentes (1), Jardim Maia – distrito de Itaim Paulista (1), Jardim Luciana – distrito de Itaim Paulista (1), Vila Antonieta – distrito de Aricanduva (1), Vila Rica – distrito de Aricanduva (1), Parque Santa Madalena – distrito de Sapopemba (1), Jardim Danfer – distrito de Cangaíba (1), Freguesia do Ó (1), Jardim Paraná – distrito de Brasilândia (1), Vila Brasilândia (1), Vila Penteadão – distrito de Brasilândia (1), Água Funda – distrito de Cursino (1), Capão Redondo (1), município de Barueri (1), município de Guarulhos (1), município de Suzano (1), município de Francisco Morato (1), município de Santo André (1)
3, 4 ou 5 vezes por ano	Itaquera (1), Parque Savoy – distrito de Cidade Líder (1), Jardim Santa Adélia – distrito de São Mateus (1), Cachoeirinha (1),
Outros	“Quando tem programação interessante” (Vila Matilde – 1), “Depende do clima” (município de São Caetano – 1)

Quadro 3 – Frequência ao equipamento de lazer e bairro de procedência dos jovens

³⁷ Quando não for especificado o distrito, significa que o nome do bairro coincide com o nome do distrito.

Fazendo-se o cruzamento dos dados referentes à frequência e ao sexo dos entrevistados, tem-se que, das 36 jovens respondentes, 21 disseram frequentar o local raramente; a frequência semanal (uma ou mais vezes por semana) foi citada por 4 jovens do sexo feminino e a mensal (uma ou duas vezes por mês) por 6 delas; outras 3 afirmaram que era a primeira vez que iam ao equipamento e 2 responderam que vão “quando tem programação interessante” ou que “depende do clima”.

Entre os jovens do sexo masculino, dos 44 respondentes, 17 afirmaram que vão raramente ao equipamento; 11 responderam que frequentam uma vez por semana e 7 disseram frequentar uma ou duas vezes por mês; 8 deles estavam no local pela primeira vez e 1 disse que vai ao SESC Itaquera três vezes por semana.

Quando questionados sobre se frequentam ou não outros equipamentos de lazer, sete jovens (dos 80 respondentes) afirmaram não frequentar outros que não o SESC Itaquera. Entre esses sete, um, que frequenta o local todos os sábados, disse que não frequenta outros espaços de lazer porque não tem o costume. Outro, que vai ao equipamento duas vezes por mês, respondeu que só frequenta o SESC “Porque aqui é melhor”. As demais respostas dadas pelos que não frequentam outras áreas de lazer foram: “Porque o final de semana é o tempo que tenho para descansar”; “Porque não gosto”; “Só venho no SESC mesmo”; “Porque cheguei há pouco tempo” (vindo do Ceará); “Pelos horários, não sobra tempo”.

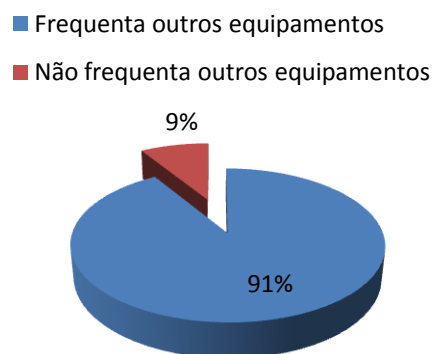


Gráfico 7 – 1ª Etapa da pesquisa de campo – Frequência a outros equipamentos

Entre os locais mencionados pelos 73 jovens que afirmaram frequentar outros equipamentos de lazer, o mais citado foi o *shopping center*. Os parques e praças aparecem em segundo lugar na preferência do público-alvo da coleta de dados, conforme demonstra o Gráfico 8:

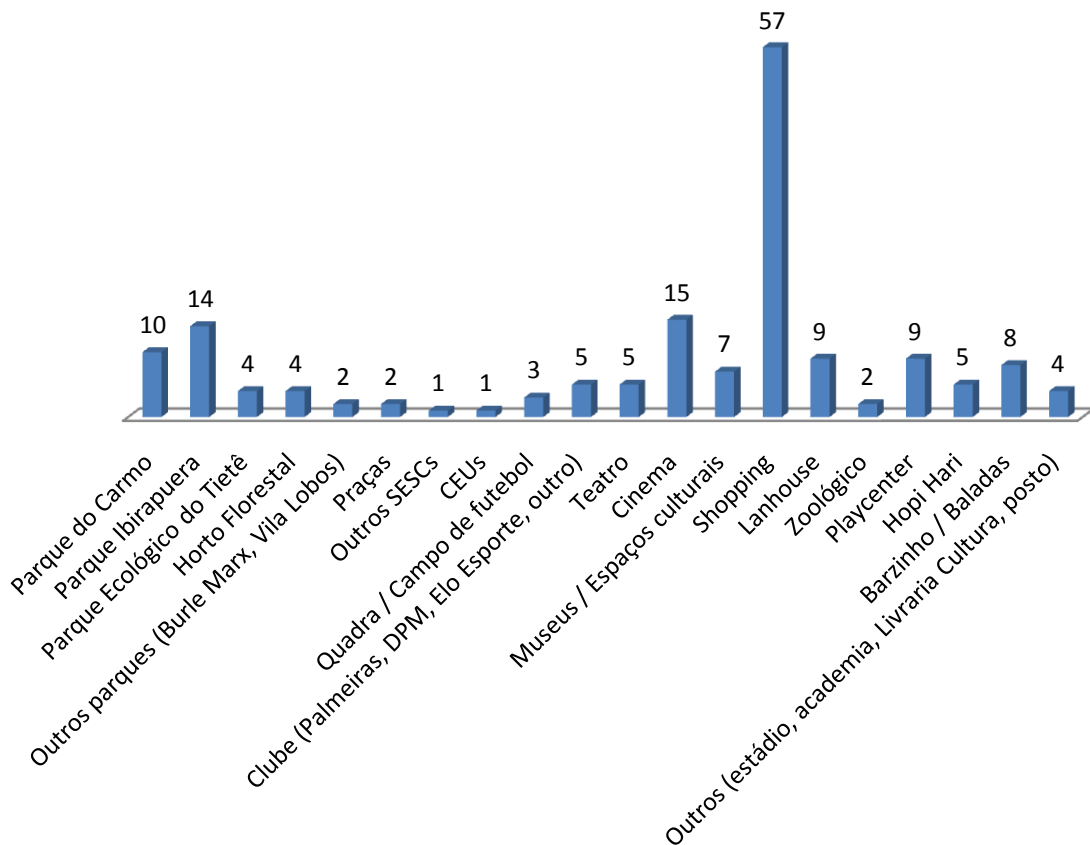


Gráfico 8 – 1ª Etapa da pesquisa de campo – Outros equipamentos frequentados

Os quatro jovens que disseram frequentar o Horto Florestal moram na zona norte/noroeste da cidade (Freguesia do Ó, Jardim Paraná, Jardim Elisa Maria, Cachoeirinha). O jovem que citou os Parques Burle Marx e Vila Lobos afirmou morar no Morumbi. O Parque do Carmo foi citado por nove jovens oriundos da zona leste e um de Suzano. Os quatro jovens que disseram frequentar o Parque Ecológico do Tietê vieram de bairros da zona leste. Já o Parque Ibirapuera foi citado por jovens de diversas regiões da cidade (tanto Leste como Norte, Sul e Oeste) e também de Suzano.

Sobre as atividades que os jovens respondentes desenvolvem no equipamento, “nadar/ir à piscina” foi a mais citada por ambos os sexos (25 vezes pelas mulheres e 27 vezes pelos homens). A prática de esportes com bola fica em segundo lugar na preferência dos jovens, sendo que o futebol destaca-se como a opção mais praticada, tendo sido mencionado 22 vezes pelos respondentes. Dessas 22 menções, 20 foram feitas por jovens do sexo masculino.

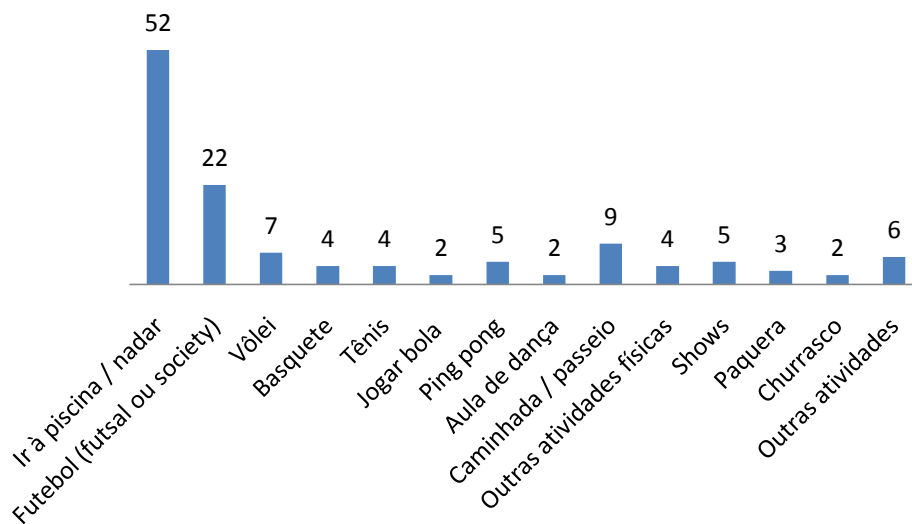


Gráfico 9 – 1ª Etapa da pesquisa de campo – Atividades desenvolvidas no equipamento

Em relação ao Gráfico 9, seguem abaixo algumas informações sobre as categorias de atividades citadas:

- As duas respostas inseridas na categoria “Jogar bola” o foram em função de não ter sido especificado o tipo de jogo. Uma das duas respostas aí inseridas foi “Brincar bola”;
- A categoria “Outras atividades físicas” inclui as respostas “Esportes”, “Correr”, “Squash” (que entendi ser uma referência à prática de tênis na parede para iniciantes) e “Bicicleta” (citadas, ambas, apenas uma vez);
- A categoria “Paquera” inclui também a resposta “Ver meninas”;
- A categoria “Outras atividades” agrupa atividades citadas apenas uma vez. São elas: “Tomar sol”, “Usar a *internet* livre”, “Ir ao ‘Bichos da mata’”, “Conversar com a turma”, “Ver o namorado jogar bola”, “Fazer cursos”.

Cabe aqui uma ressalva em relação à baixa menção ao uso da *internet*, e que vale também para outras atividades. Em minhas visitas ao equipamento, notei que havia considerável movimento na área da *internet* livre (sobretudo nos finais de semana em que houve maior movimento no SESC), com a presença inclusive de jovens e crianças. No entanto, como há um tempo limitado para que os usuários naveguem na *internet* (de forma a dar oportunidade para que todos tenham acesso à atividade), entendi não era um momento/local propício para aplicar os formulários. Portanto, o fato de a *internet* ter sido citada apenas uma vez não significa que essa área seja usada por um número muito pequeno

de jovens. É certo que, quando comparado ao número de jovens que frequenta a piscina ou as quadras, esse montante seja mesmo expressivamente menor (para chegar a essa conclusão, bastaria levarmos em consideração a capacidade máxima de pessoas de cada um desses espaços). No entanto, fiz essa ressalva no sentido de evitar interpretações erradas e de reforçar o que já foi esclarecido na descrição metodológica deste trabalho (apresentada na introdução) a respeito de que, por tratar-se de pesquisa qualitativa, não foi feito um tratamento estatístico dos dados coletados e, portanto, os mesmos não devem ser extrapolados para o universo total dos jovens que frequentam o SESC Itaquera.

Ao se fazer o cruzamento dos dados relativos à frequência e às atividades praticadas, conclui-se que os esportes com bola são as atividades mais praticadas por aqueles que vão semanalmente ao equipamento. Esses esportes (futebol, vôlei, basquete, tênis) foram citados 16 vezes pelos frequentadores semanais, enquanto que a piscina foi citada apenas 3 vezes. Já entre os que frequentam raramente (38 jovens), a piscina foi a atividade mais mencionada (30 vezes), sendo que os esportes com bola apareceram 13 vezes nas respostas.

A respeito das motivações que levam os jovens a optar pelas atividades que praticam, muitos deles (praticamente a metade) responderam que é porque acham bom, legal, divertido, porque é o que mais gostam ou se sentem bem. Outros seis mencionaram a afinidade com a atividade (no caso, a prática de esportes como futebol, basquete e tênis), ou o fato de já praticar, de estar acostumado com a mesma (um deles falou que já está habituado a praticá-las na escola, o que faz pensar na questão da educação para o lazer, que tem a escola como espaço privilegiado; outro falou sobre o fato de praticar desde pequeno).

Quatro respostas relacionadas à frequência à piscina mencionam o “relaxamento” que a atividade proporciona. Em uma delas, o jovem respondente falou que “depois de uma semana de trabalho é muito relaxante ficar deitado na água”. Outras três mencionaram o calor como motivador para a escolha da frequência à piscina. Os tobogãs do parque aquático foram citados duas vezes. Ainda em relação à opção pela piscina, cinco respostas estavam ligadas ao fato de ser o local mais próximo de casa, ou o único, que oferece essa possibilidade de atividade.

Dez das respostas dos jovens remetem à importância das companhias na escolha do que fazer no tempo de lazer. Duas respostas, por exemplo, afirmam que a razão de se escolher as atividades era o fato de que eram opções para se fazer a dois, ou em casal. Em outro caso, a jovem afirmou que escolhia aquelas atividades por não estar com mais pessoas e, por isso, não ser possível realizar atividades em grupo, como jogar bola. Duas respostas mencionaram a importância do grupo de amigos (as atividades foram escolhidas por poderem ser praticadas

pelo grupo, ou por serem mais interessantes de serem vivenciadas em grupo). Os interesses sociais do lazer aparecem ainda mais claramente em respostas como: “Para conhecer mulheres” ou “Para ver as meninas”, ou ainda “Porque tem mais gente”, “Para comemorar o aniversário de uma amiga” e “Para acompanhar o namorado”.

A menção a motivos ligados a aparência física ou saúde aparecem em quatro respostas (“Porque é bom, emagrece um pouco”, “Porque é melhor para o físico”, “Para se exercitar”, “Para pegar uma cor”).

Foram dadas ainda outras respostas como “Porque é diversão maior para as crianças” (em relação à piscina; resposta dada por uma jovem mãe com filho pequeno), “Porque gosto de MPB” e “Porque dependendo do artista vale a pena” (em relação aos *shows*), ou ainda “Para conhecer melhor o lugar” (sobre a opção pela caminhada).

Quando perguntados a respeito de acharem ou não o equipamento de lazer importante para o bairro, todos os jovens frequentadores responderam “Sim”. Os motivos que eles deram para justificar essa importância encontram-se descritos na íntegra em um quadro no final deste trabalho (Apêndice C). Abaixo, destaco alguns pontos relevantes das respostas:

- em 19 respostas, os respondentes fazem referência à diversão como sendo algo que o equipamento possibilita para a comunidade / jovens / famílias / crianças;
- relaxar, refrescar a cabeça, “tirar o estresse do dia-a-dia”, ter uma válvula de escape para o estresse são expressões que aparecem em 7 respostas;
- em 6 respostas, o fato de o equipamento representar uma forma de distração das pessoas aparece como uma das justificativas para a importância do local;
- 14 respostas enfatizaram a importância por ser uma opção de lazer (ex.: “Porque é um jeito de ter um lazer”, “Porque é uma área de lazer pra comunidade”, “Porque é um espaço de lazer”, “Porque é um lugar de lazer”, “Porque é um meio de lazer”);
- 13 respostas referem-se à falta de espaços de lazer na região, daí a importância do SESC;
- 13 respostas fazem referência à variedade de atividades oferecidas no equipamento (ex.: “além da piscina tem várias coisas”, “Por causa das opções de lazer que tem”, “Porque tem vários tipos de lazer”, “Porque tem muitos lugares de lazer”, “Porque geralmente as pessoas não têm variedade de opção para escolher e o SESC oferece isso”, entre outras). Entende-se, dessa forma, que o fato de haver várias opções de atividades é um diferencial para o público jovem;

- em 7 respostas é citado o fato de ser uma opção “Perto” ou “Próxima” como uma das justificativas para a importância do local para o bairro (ex.: “Porque é perto da comunidade”, “Porque é bom ter um espaço assim perto de casa”, “Porque ter lazer próximo é bom”);
- Em 6 respostas consta que é uma opção de lazer barata/para as pessoas de baixa renda (ex.: “o SESC é acessível e barato”, “Porque dá lazer pras pessoas de classe mais baixa”);
- em 5 respostas foi mencionado que é um lugar para famílias frequentarem (ex.: “Porque reúne famílias”, “para se divertir com a família”);
- houve 4 menções às palavras cultura/cultural nas respostas (“Valor cultural”; “Porque é uma forma de cultura, são poucas opções na região”, “Porque é lazer, cultura e cidadania”, “Porque dá essa opção de lazer, de cultura”);
- 2 respostas mencionam a questão da segurança (uma refere-se à falta de segurança do Parque do Carmo e outra fala que o SESC Itaquera é seguro);
- 2 respostas apontam a importância do equipamento para a valorização do bairro. Uma afirma diretamente que “valoriza o bairro” e outra afirma que a zona leste “tem má fama”, tendo dado a entender que o equipamento contribui para mudar essa imagem que se tem da região.

Em relação à última pergunta do formulário aplicado aos jovens frequentadores (“Antes de frequentar esse equipamento, como era o seu lazer?”), cabe um esclarecimento a respeito do procedimento adotado diante da situação que se apresentou.

Conforme apontado anteriormente, a abertura do SESC Itaquera data de 1992. Quando terminou sua construção, os jovens que hoje têm 24 anos (idade máxima dos respondentes neste trabalho) tinham apenas 7 anos, e é provável que não se lembrem se e de que forma a construção daquele novo espaço influenciou seu lazer. No caso dos jovens com 15 anos de idade (idade mínima dos respondentes), quando eles nasceram já havia o SESC Itaquera. Portanto, seria tarefa inviável verificar o impacto da construção do equipamento sobre o lazer dos jovens entrevistados, visto que eles não sentiram essa mudança, ou muito provavelmente não a tem clara em suas memórias (no caso dos mais velhos).

O que eu buscava entender com essa última questão do formulário era como os jovens respondentes vivenciavam o seu lazer antes de frequentar o equipamento. O objetivo estava claro quando da elaboração do instrumento de coleta de dados. No entanto, já no primeiro dia em campo, deparei-me com uma dificuldade. A referida pergunta ficou clara quando o

respondente se dizia frequentador com certa regularidade do SESC Itaquera. Isto é, fazia sentido saber como era o lazer do jovem antes de ele se tornar frequentador regular do SESC, pois se entendeu que o fato de passar a frequentar o local semanalmente ou mensalmente deve ter trazido novas possibilidades de vivência do lazer. Entretanto, quando o respondente afirmava que aquela era sua primeira ida ao equipamento, ou que frequenta o local raramente, a pergunta soava estranha, visto que de fato não se configurava um “antes” e um “depois”, não havia esse parâmetro para orientar uma resposta. O mesmo se aplica aos casos em que o(a) jovem afirmava frequentar o equipamento, raramente ou com regularidade, desde pequeno(a); o SESC sempre fez parte de seu lazer (frequentemente ou não), e não fazia sentido perguntar como era o lazer dele ou dela antes de frequentar o SESC. Para os que frequentam o local raramente, o lazer tem uma dinâmica na qual a frequência ao SESC entra esporadicamente, não sendo algo que necessariamente determine como aquele jovem vivencia seu lazer. Pode, sim, influenciar escolhas, mas por se tratar de uma frequência esporádica, não faz parte das práticas regulares de lazer desse jovem. Além disso, no caso dos que estavam frequentando pela primeira vez, não havia como determinar se o SESC passaria a fazer parte de seu lazer com alguma constância, se a partir dali ele ou ela mudariam seus hábitos de lazer. A maneira encontrada para contornar essa dificuldade foi adaptar a pergunta. Passei então a perguntar como costumava ser o lazer do respondente fora do SESC.

No Quadro 4, são apresentadas as formas de vivenciar o lazer apontadas pelos jovens em resposta à última questão do formulário. Neste quadro, consta quantas vezes cada atividade foi mencionada. Cada jovem respondente citou uma ou mais atividades.

Os jovens:	As jovens:
Assistir TV em casa – 3 Ver jogo de futebol – 1 Ficar em casa – 9 Ver DVD / filme em casa – 4 Computador / <i>internet</i> em casa – 6 Dormir / descansar – 6 <i>Videogame</i> em casa – 7 Ler – 1 Ouvir música – 1 Cantar – 1	Assistir TV em casa – 8 Mais caseiro / Ficar em casa – 8 Ver DVD / filme em casa – 9 Computador / <i>internet</i> em casa – 5 Familiar / estar com a família / Brincar com filho(s) em casa / brincar com os irmãos em casa – 5 Dormir / descansar – 3 <i>Videogame</i> em casa – 1 Ler – 2 Escrever – 1 Ouvir música – 3
Ir ao <i>shopping</i> – 2 Posto – 1 Praça – 1 Ir ao estádio – 1 Vai a outros clubes – 1 Ir para o centro – 1 Barzinho / Balada (forró) / Baladinhas / Festas – 6 <i>Lanhouse</i> – 3	Ir ao cinema – 7 Ir ao <i>shopping</i> – 4 Ir ao teatro – 2 Atividades culturais – 2 Parque Ibirapuera – 2 Parque Ecológico do Tietê – 1 Parque do Carmo – 1 “Bater perna”, passear – 2 Barzinho / Balada (forró) / Baladinhas – 4 <i>Lanhouse</i> – 2
Namorar – 1 Ir à casa de amigos(as) – 1 Ficar na rua com os amigos – 1	Namorar – 1 Ir à casa de amigos(as) – 3 Ficar com a turma de amigos – 1 Ficar na rua com as amigas – 1 Conversar – 1
Às vezes vai à praia / viajar – 4 Fazer cursos – 1 Empinar moto – 1	Viagem quando dá – 1
Jogar bola / futebol na rua – 5 Jogar bola / futebol / futebol de campo – 5 Jogar bola na quadra perto de casa / quadra da escola / no CEU – 7 Jogar futebol em quadra alugada – 1 Karatê – 1 Andar de skate – 2 Andar de bicicleta – 1 Academia – 1	Jogar bola – 2 Jogar futebol – 1 Jogar vôlei de areia – 1 Caminhar – 1

Quadro 4 – Formas de vivenciar o lazer dos jovens

Nota-se que as atividades de lazer realizadas dentro de casa (ver TV, filmes, navegar na *internet*, jogar *videogame* etc.) foram as mais citadas pelos jovens de ambos os sexos. Entre essas atividades, aquelas relacionadas com a família (brincar com filhos ou com irmãos, estar com a família) foram mencionadas apenas por jovens do sexo feminino. Fora do ambiente doméstico, a prática de esportes, em especial o futebol, foi a opção mais citada por jovens do sexo masculino. Já entre as jovens, passeios como ir ao cinema, ao *shopping*, a parques, a barzinhos, parecem ser as preferidas entre as opções de atividades de lazer fora de casa.

Feita essa apresentação dos dados obtidos na primeira etapa da pesquisa de campo, são apresentados a seguir os resultados da segunda etapa da pesquisa.

3.3 Segunda etapa da pesquisa de campo: os jovens nos bairros

A segunda etapa da pesquisa de campo foi também realizada em quatro finais de semana, fora do período de férias escolares, no primeiro semestre de 2009. Foram aplicados instrumentos de coleta de dados junto a 70 jovens, em bairros localizados nos arredores do SESC Itaquera. Optou-se por fazer a pesquisa em três bairros distintos, situados a distâncias variadas em relação ao equipamento, conforme já explicitado na introdução deste trabalho.

A Figura 8, elaborada a partir de imagem do *Google Maps*, apresenta as localizações do equipamento e dos bairros onde foi desenvolvida a segunda parte da pesquisa de campo. Vale ressaltar que os contornos não correspondem aos limites dos bairros. Trata-se de uma imagem ilustrativa que visa localizar espacialmente os bairros, dar a dimensão aproximada de sua distância em relação ao equipamento e marcar as áreas dentro das quais foi realizada a coleta de dados.



Figura 8 – Localização do SESC Itaquera em relação aos bairros da segunda etapa da pesquisa de campo

Fonte: *Google Maps*.

O bairro Jardim Helian localiza-se a cerca de um quilômetro do SESC Itaquera, no mesmo distrito do equipamento (Parque do Carmo); Vila Carmosina, a aproximadamente três quilômetros (no distrito de Itaquera); e a região do bairro Terceira Divisão³⁸ está a cerca de sete quilômetros do equipamento (no distrito de Iguatemi).

Dos 70 jovens respondentes, 20 deles estavam no bairro Jardim Helian, 20 na região da Terceira Divisão e 30 na Vila Carmosina. A distribuição entre faixa etária e sexo dos jovens está ilustrada pelo Gráfico 10:

³⁸ A terceira região onde realizei a coleta de dados durante a segunda etapa da pesquisa de campo não se restringe ao bairro Terceira Divisão, mas engloba pequenos bairros contíguos a ele. Durante a coleta de dados nessa região, era difícil saber exatamente quando eu estava em um bairro ou em outro, ou seja, foi difícil identificar a delimitação dos bairros. Em função disso, essa terceira área será referida como Terceira Divisão.

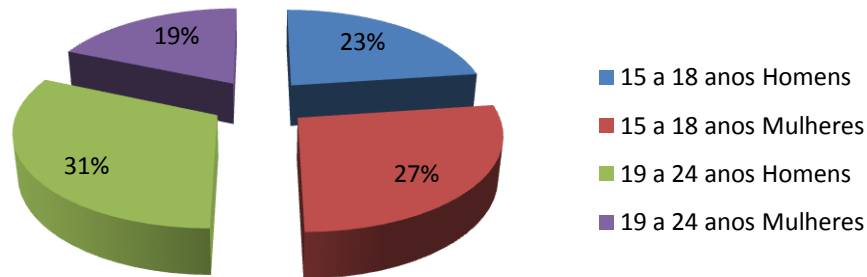


Gráfico 10 – 2ª Etapa da pesquisa de campo – Quantidade, idade e sexo dos jovens respondentes

Foram coletados dados junto a 38 jovens do sexo masculino, sendo 16 na faixa etária dos 15 aos 18 anos e 22 na faixa dos 19 aos 24 anos. Das 32 jovens, 19 tinham entre 15 e 18 anos e as outras 13 estavam na faixa dos 19 aos 24 anos.

Em relação à procedência dos jovens respondentes, como era de se esperar, a maioria deles vive nos locais ou em bairros próximos aos locais onde se realizou a coleta de dados, conforme se pode observar nos Gráficos 11 e 12³⁹:

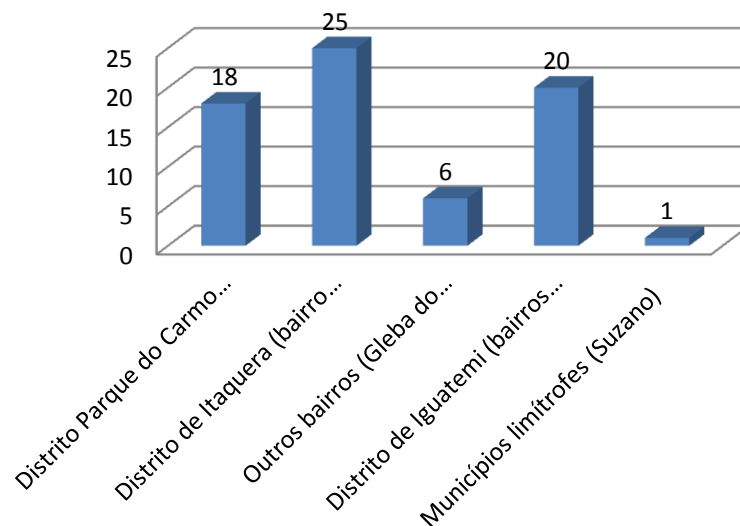
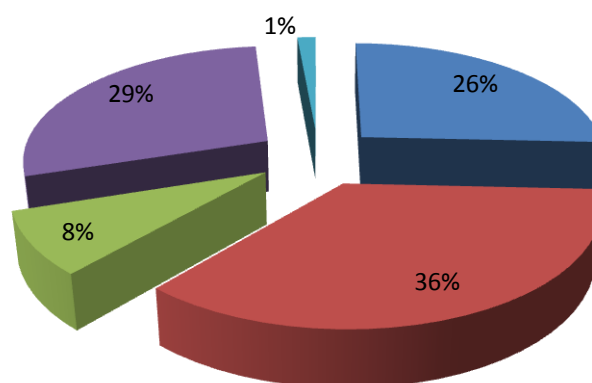


Gráfico 11 – 2ª Etapa da pesquisa de campo – Região de procedência dos respondentes – números absolutos

³⁹ Os nomes dos bairros que aparecem cortados neste gráfico podem ser consultados na legenda do Gráfico 12.



- Distrito Parque do Carmo (bairro Jardim Helian)
- Distrito de Itaquera (bairro Vila Carmosina)
- Outros bairros (Gleba do Pêssego, Vila Chuca, Jardim Robru, Itaquera, COHAB 2)
- Distrito de Iguatemi (bairros Jardim Alto Alegre, COHAB Sítio dos Franças, Terceira Divisão, Recanto Verde do Sol, São Pedro, Vale do Sol)
- Municípios limítrofes (Suzano)

Gráfico 12 – 2ª Etapa da pesquisa de campo – Região de procedência dos respondentes – números percentuais

Pouco mais da metade dos jovens respondentes (54% deles) afirmou frequentar o SESC Itaquera.

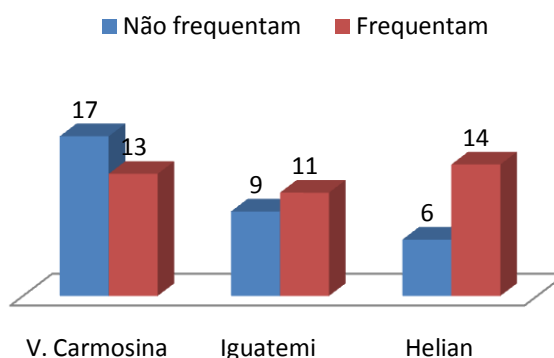


Gráfico 13 – 2ª Etapa da pesquisa de campo – Jovens respondentes que frequentam ou não o equipamento

Ao serem indagados sobre porque não frequentam o equipamento, dez jovens mencionaram a falta de tempo como razão e dois citaram a falta de dinheiro. Três jovens disseram que não vão porque não gostam. As outras respostas dadas foram: “Porque está caro” (1); “Porque é longe” (1); “Porque gosta mais de ficar em casa e encontrar os amigos”

(1); “Porque não tenho carteirinha / Tem que ter carteirinha” (3); “Porque não tem informação de lá” (1); “Porque ainda não tive oportunidade” (1); “Porque ninguém me levou” (2); “Porque nunca tive interesse / vontade” (2); “Porque enjoou / Não tenho mais interesse” (2); “Porque tem muita gente, dá medo de pegar micose” (1); “Porque é muito cheio, difícil de ir” (1); “Porque fiquei sabendo que a piscina é suja” (1); “Pelos condições, confusão” (1); “Porque tenho micose” (1).

Nota-se que, nas justificativas que os jovens forneceram para o fato de não frequentarem o SESC Itaquera, a barreira mais mencionada foi a falta de tempo. Ainda que isso não tenha sido questionado, supõe-se que, entre os fatores responsáveis por esse impedimento, podem estar o trabalho, o estudo, compromissos familiares (ajudar em tarefas domésticas, por exemplo), compromissos religiosos, entre outros.

A referência à falta de dinheiro para acessar o local está diretamente associada às barreiras econômicas mencionadas no Capítulo 1, as quais determinam as formas como o lazer é vivenciado. Já a menção à necessidade de carteirinha para poder entrar demonstra que há falta de informação por parte de alguns jovens a respeito da acessibilidade ao local; nesse sentido, a falha no acesso à informação também representa uma barreira para o lazer. O fato de um jovem ter dito que não vai por ter ficado sabendo que a piscina é suja, e outro que tem medo de pegar micose, demonstra um preconceito (visto que esses jovens nunca foram ao local) em relação a piscinas frequentadas por um grande público.

Dos 38 jovens que afirmaram frequentar o equipamento, a maioria deles (23) o faz raramente. Dois jovens disseram ser frequentadores semanais e oito vão ao SESC uma vez por mês.

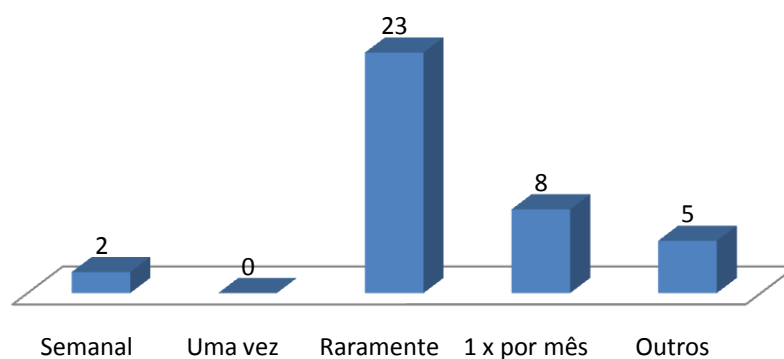


Gráfico 14 – 2ª Etapa da pesquisa de campo – Frequência ao equipamento

Para a construção do Gráfico 14, a categoria “Outro” da questão do formulário relacionada à frequência foi dividida em “1 x por mês” e “Outros”. A categoria “Outros” que

aparece no gráfico inclui os que citaram frequentar o equipamento durante as férias (2), três vezes ao mês (1), “Quando tem campeonato de futebol *society*” (1) e “Quando tem campeonato e passeio da escola” (1). Na categoria “Raramente” foram incluídas as respostas “Quando tem passeio da escola” (1) e “De vez em quando” (1).

Sobre a frequência a outros equipamentos de lazer na cidade, novamente o local mais citado foi o *shopping center* (56). O Parque do Carmo foi o segundo espaço mais citado pelos jovens (45), seguido pelos cinemas (22) e pelas *lanhouses* (21). O Aquário de Itaquera e o Parque Raul Seixas, que não haviam sido mencionados na etapa anterior da pesquisa de campo, aparecem aqui 11 e 7 vezes, respectivamente. Pelo que pude constatar, a frequência aos cinemas acontece, sobretudo, nas salas localizadas em *shoppings*.

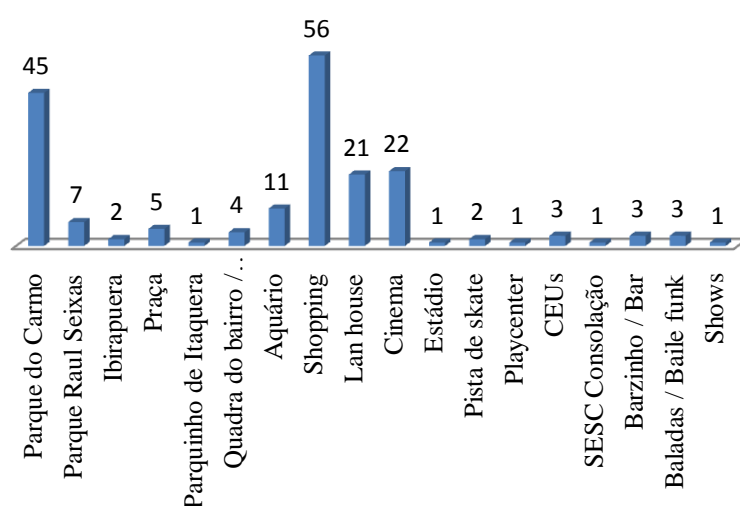


Gráfico 15 – 2ª Etapa da pesquisa de campo – Outros equipamentos frequentados

Apenas dois jovens disseram não frequentar nenhum outro equipamento de lazer. Ambos também não vão ao SESC. Os motivos de não frequentarem nenhum outro espaço de lazer são: “Não tem muita opção” e “Prefiro visitar os parentes e não sei os melhores lugares para ir”.

Em relação às atividades desenvolvidas pelos jovens que afirmaram frequentar o SESC Itaquera, novamente a piscina ocupou a primeira posição, seguida pelos esportes com bola:

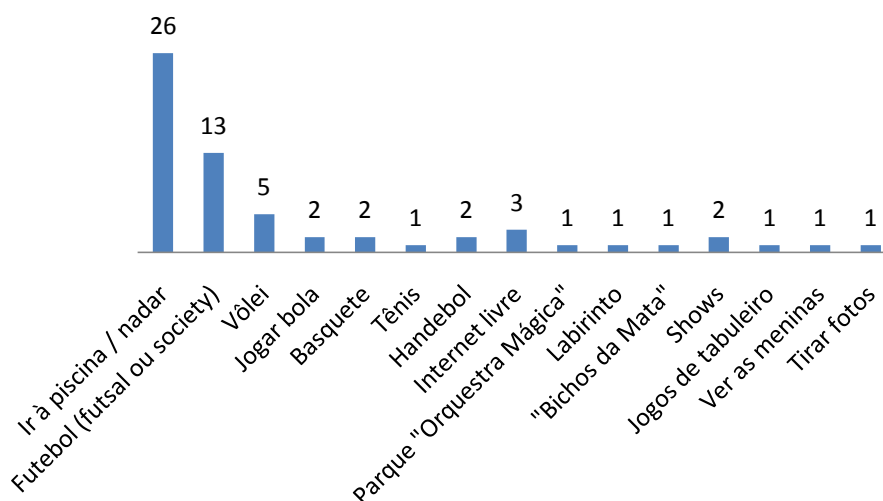


Gráfico 16 – 2ª Etapa da pesquisa de campo – Atividades desenvolvidas no equipamento

Quando se buscou saber o que leva os jovens a escolherem essas atividades, as respostas mais recorrentes foram, novamente, “Porque é mais legal”, “Porque gosto mais”. Aparece mais uma vez a importância do grupo em duas respostas (“Porque vou em turma”). “Por causa do calor”, “Porque gosto de água”, “Para refrescar”, “Porque não tem que pegar fila”, “Porque só tem lá” foram algumas das respostas dadas para justificar a ida à piscina. Uma resposta interessante dada por um jovem que vai ao SESC para jogar futebol foi: “Porque as quadras de lá têm qualidade melhor que a do bairro e o público é diferente”.

Ao serem questionados sobre a importância do equipamento de lazer para o bairro, dois jovens disseram não saber, pois nunca tinham ido ao mesmo. Três afirmaram que não acham o equipamento importante para o bairro. Um deles justificou dizendo “porque não gosto” e os outros dois disseram não achar importante para o bairro “Porque não é bem no bairro” e “Porque muitas pessoas do bairro nem frequentam, tem uns que nunca foram, devia ter algo aqui”. Nesses dois últimos casos, as respostas foram dadas por jovens moradores da região da Terceira Divisão, distante aproximadamente 7 km do SESC.

Sobre os motivos dados pelos 65 jovens que responderam “sim” sobre achar o equipamento importante para o bairro, os mesmos encontram-se descritos na íntegra em um quadro no final deste trabalho (Apêndice D). Destaco a seguir alguns pontos relevantes das respostas:

- aqui, a referência à diversão como sendo algo que o equipamento possibilita para a comunidade/jovens/famílias/crianças aparece 14 vezes nas respostas dos jovens respondentes;
- 5 respostas apontam que o equipamento valoriza o bairro/região, ou contribui para melhorar a imagem do local e a opinião que as pessoas de outras áreas da cidade têm sobre o bairro;
- 12 respostas enfatizaram a importância por ser uma opção de lazer;
- 13 respostas mencionam a falta de espaços de lazer na região e o fato de o SESC ser a única ou uma das únicas opções de lazer. Outros mencionam ainda que é a melhor opção;
- a palavra “cultura” aparece em 2 respostas (“Porque é uma forma de cultura, tem lazer, nem todo bairro tem, tem *shows*”; “Porque tem muitas coisas envolvidas com cultura”).

3.4 No equipamento com os jovens: a observação participante

Primeiramente, cabe um aparte a respeito da relevância, do lugar dado à observação participante enquanto técnica de coleta de dados nesse estudo. Pelo fato de nem sempre ser possível, através dessa técnica, tomar conhecimento de dados bastante relevantes para o objetivo a que o trabalho se propôs, como por exemplo a procedência dos jovens presentes ou os motivos que os levaram àquela escolha, a observação participante foi adotada como técnica auxiliar aplicada em campo, no intuito de trazer possíveis informações complementares não captadas pela aplicação de formulários (principal técnica de coleta de dados utilizada).

Foram escolhidas três atividades para realizar a observação participante: um curso de fotografia, uma apresentação circense e um concerto musical. Nenhuma delas era voltada exclusivamente para o público jovem. A idéia era justamente verificar a adesão de jovens a esses tipos de atividades. Apresento aqui sucintamente algumas características dessas vivências e os pontos relevantes observados.

A primeira atividade da qual participei foi a terceira e última aula de um curso de fotografia, o qual ocorreu ao longo de três sábados consecutivos. A atividade do dia consistiu na ampliação das fotos captadas pelos alunos no sábado anterior, dentro das dependências do próprio SESC, com câmeras analógicas. Os alunos utilizaram filmes preto e branco. O objetivo da aula era proporcionar-lhes um primeiro contato com o universo da ampliação de

imagens a partir de seus negativos (os filmes já haviam sido previamente revelados) em um laboratório fotográfico. Havia, no início da aula, um jovem e uma jovem de Sorocaba, uma jovem da Vila Matilde, outra jovem que não identifiquei de onde vinha, uma (ao que tudo indicava) mãe com sua filha também jovem e uma senhora idosa. Um casal de jovens chegou quando parte da aula já havia transcorrido. Éramos, então, uma turma de nove pessoas, além do professor. O espaço usado para a atividade foi uma sala relativamente pequena (mas ideal para aquele tamanho de turma; comportava provavelmente mais algumas pessoas de forma confortável) próxima ao palco, iluminada com luz vermelha, e cujas entradas de luz foram devidamente bloqueadas com panos pretos; tudo para criar as condições ideais ao processo de ampliação. O professor equipou a sala com o aparelho manual de projeção do negativo sobre o papel fotográfico, papéis fotográficos, três bandejas contendo revelador, vinagre/*stop* e fixador, pinças para manusear os papéis fotográficos durante o processo, varal e prendedores para pendurar as imagens durante a secagem. Duas pias foram usadas para lavar os papéis após a fixação da imagem e antes da secagem. A primeira fotografia foi ampliada pelo professor, que explicou passo a passo o processo para os atentos alunos. As imagens seguintes foram ampliadas por eles (e por mim também), com entusiasmo. Os alunos pareceram felizes e surpresos ao ver os resultados obtidos, comentavam as características de cada foto (nitidez, contraste, enquadramento), elogiavam mais algumas, mencionavam o que podia ter ficado melhor em outras. Apesar de ter deixado a aula um pouco antes de seu término, pude notar que a atividade proposta atingiu êxito entre os participantes, no sentido de envolvê-los e despertar seu interesse ou incentivar o gosto pela arte de fotografar e de entender como se dá o processo que leva a imagem do negativo para o papel.

O concerto musical consistiu em uma apresentação da cantora Maria Rita. Foi em um domingo e o dia estava ensolarado. Na estação de metrô, já era possível perceber que seria um dia bastante movimentado no equipamento. A fila para o lotação que leva o público até lá estava bem grande, maior até que nos dias de sol em que fiz a pesquisa (e nesses dias a fila já era bem razoável; o movimento era suficiente para encher várias lotações ao longo do dia). O *show* começou por volta das 15h10 e terminou quase às 16h30. O público acompanhou todas as músicas cantando junto, dançando, aclamando a cantora. O sol brilhou forte durante todo o espetáculo e só ao final as nuvens amenizaram o calor. O clima era de festa. Foi possível notar que grande parte do público que compareceu ao *show* foi ao equipamento especificamente para essa finalidade. O público era constituído, sobretudo, por jovens e adultos. O movimento na saída principal após o fim do *show* foi bastante intenso. Às 18h, ainda havia fila no ponto de ônibus localizado logo em frente.

A respeito da atração circense mencionada, da qual também participei como espectadora, tratou-se de um belo espetáculo, em formato de sarau, apresentado na praça de eventos. Dois palhaços comandaram o *show*, no qual se apresentaram um malabarista acompanhado de sua assistente (que empolgaram os que assistiam com seus números), os próprios palhaços, um grupo musical e uma dançarina. O público dessa atração era formado majoritariamente por famílias com crianças pequenas, mas pude notar também a presença de alguns jovens casais, jovens em turma e idosos.

Com a apresentação desses últimos dados, finalizo este capítulo, em que foram mostrados os resultados da pesquisa de campo. No próximo e último capítulo, farei uma análise dos dados coletados à luz do referencial teórico apresentado nos dois primeiros capítulos.

CAPÍTULO 4 – Das relações entre a pesquisa de campo e a teoria

Neste quarto e último capítulo, farei algumas considerações a respeito dos dados coletados na pesquisa de campo, à luz do referencial teórico em que se baseou este estudo. Para que a explanação fique mais clara, foi feita uma subdivisão em cinco tópicos considerados relevantes para o objetivo do trabalho.

4.1 SESC Itaquera: um macroequipamento de lazer

Ao buscar inserir o SESC Itaquera em uma das categorias de equipamentos específicos de lazer criadas por Camargo (1979), a denominação que mais se aproxima das características do equipamento em questão é, certamente, a de macroequipamento polivalente.

Trata-se de fato de um equipamento bastante amplo, que oferece a possibilidade de que a população dele se aproprie a partir dos variados interesses do lazer, oportunizando, além da prática de atividades, o contato com o conhecimento e a assistência no lazer. A ampla gama de atividades oferecidas pelo SESC não deixa dúvidas em relação a esse último aspecto. Os conteúdos fisicoesportivos são contemplados no acesso ao parque aquático, nas quadras onde é possível praticar esportes variados, no amplo espaço para caminhadas, no parque lúdico, na realização de campeonatos esportivos, nas aulas de dança, nas aulas de mergulho, entre outras opções. O contato com os conteúdos artísticos é viabilizado através dos *shows*, de espetáculos teatrais e de dança, de cursos como o de fotografia (mencionado no capítulo anterior), de exposições etc. Os interesses intelectuais são privilegiados em atividades como palestras relacionadas à literatura, acesso à *internet*, espaço para leitura e jogos de tabuleiro. Os manuais aparecem nas oficinas de cultivo de hortas e de jardinagem, de confecção de pipas, entre outros. Já os interesses sociais também têm espaço privilegiado, permeando as diversas atividades que se desenvolvem no local.

O SESC Itaquera apresenta, além do amplo espaço e da possibilidade de contato com os diversos conteúdos culturais do lazer, outra característica que, segundo Camargo, deve ser inerente aos macroequipamentos polivalentes: o verde e a natureza. O equipamento está, inclusive, conforme já mencionado nesse trabalho, localizado dentro de uma APA (Área de Proteção Ambiental).

A presença do verde, ainda que pouco citada pelos frequentadores como algo que justifique a importância atribuída ao equipamento (aparece em duas respostas durante a

primeira etapa da pesquisa de campo), é de fato uma característica marcante do local. Após passar pela portaria, o acesso à área social se dá através da descida por uma via localizada em meio a uma densa área verde preservada, caminho esse ritmado pelas músicas que partem em volume suave de altofalantes e que se mesclam aos sons da natureza. Fica-se com a sensação de que a cidade, seus ruídos e sua poluição visual vão sendo deixados para trás. Cabe ressaltar que para pessoas com dificuldade de locomoção, idosos e pessoas com crianças de colo, o SESC disponibiliza vans que fazem esse trajeto circular desde a portaria até a área social.

À observação de Camargo (1979) no que diz respeito à importância desse tipo de equipamento nas grandes cidades, onde predomina a paisagem cinzenta constituída pelo concreto das construções, acrescento aqui sua importância enquanto possibilidade de contato com variados conteúdos culturais do lazer na periferia da cidade de São Paulo.

Considerando-se os dados divulgados pela Prefeitura de São Paulo que apontam para uma grande concentração de centros culturais, casas de cultura, espaços culturais, galerias de arte e museus nas áreas centrais e próximas ao centro da cidade, e para uma presença considerável de “equipamentos de esporte, lazer e recreação pequenos” (que compreendem os “Centros Desportivos Municipais”, “Campos”, “Modelódromos” e outros) nos distritos que compõem o recorte dessa pesquisa, nota-se que, nessas regiões, as possibilidades de vivência do lazer estão fortemente vinculadas à prática de esportes. Some-se a esses dados o fato de que esse tipo de atividade ainda é vivenciado especialmente pelos jovens do sexo masculino (dos sete jovens que citaram quadras ou campos perto de casa como um dos equipamentos que frequentam em seu lazer, todos eram do sexo masculino).

Ainda que, durante a juventude, a preferência pela prática de esportes pareça prevalecer (especialmente entre os jovens do sexo masculino), o acesso a outros conteúdos do lazer dentro de um mesmo equipamento abre a possibilidade de que os jovens conheçam, tenham contato com esses outros conteúdos, os quais, na cidade de São Paulo, estão concentrados em equipamentos localizados em áreas distantes, seja em termos geográficos, financeiros ou ainda simbólicos, de sua realidade. Contribui-se, dessa forma, para a democratização do acesso ao lazer.

4.2 Será que vai dar praia? Praia não, piscina!

A primeira ideia que me veio à mente já no início da pesquisa de campo, ao adentrar o SESC Itaquera em um domingo ensolarado, foi: “esse lugar é praticamente a praia da zona leste”. Exageros à parte, a associação foi inevitável. Lembrei das referências ao Parque Ibirapuera como sendo a praia do paulistano⁴⁰. O que vi no SESC era ainda mais parecido com a atmosfera praiana, não no sentido paisagístico, claro, mas no que diz respeito à forma como as pessoas se comportam: os frequentadores, de todas as idades, bem à vontade em seus trajes de banho, indo e vindo por todo o espaço, os jovens em grupos, ou em duplas, conversando, paquerando, fazendo graça. E se banhando, tomando sol, brincando nos tobogãs e dentro d’água. Tudo em um clima muito tranquilo e alegre, sem constrangimentos ou tensões.

Alguns discursos escutados durante o trabalho em campo vieram a reforçar essa imagem. Em uma ocasião, ouvi, dentro do lotação que vai do metrô até o equipamento, uma menina comentando com a amiga que prefere ir para o SESC a ir para a praia, pois gasta menos. Em outra situação, dentro do restaurante do equipamento, presenciei uma conversa entre duas amigas, em que uma perguntava à outra se ela viria no próximo sábado. A resposta foi: “Se fizer sol, sim!”. Durante a aplicação dos formulários junto aos jovens dos bairros próximos, escutei de uma das respondentes: “Quando sai um solzinho, metade do bairro vai pro SESC”. Outro jovem respondeu, ao ser questionado sobre porque acha o equipamento importante para o bairro: “Porque não tem praia perto, pra refrescar, se divertir”. A meu ver, pareceu que vários dos frequentadores criaram com o SESC Itaquera uma relação muito próxima à que comumente se estabelece com a praia, quando se vive próximo a uma, ou quando se tem condições de viajar para a praia mais próxima assim que “sai um solzinho”.

Os dados coletados trouxeram algumas informações interessantes em relação à escolha da piscina como a atividade (ou uma das atividades) que os jovens que frequentam o local preferem realizar, conforme demonstrado no capítulo anterior. Dos 118 jovens frequentadores do equipamento (os 80 respondentes da primeira etapa somados aos 38 da segunda etapa que disseram frequentar o local), 78 citaram a piscina quando questionados sobre quais atividades costumam desenvolver quando vão ao SESC Itaquera. Entre esses 78, 41 mencionaram

⁴⁰ Para ilustrar essa associação entre o referido parque e a praia, cito aqui um trecho de texto encontrado no *site* que promove os atrativos turísticos da cidade de São Paulo: “E quem disse que São Paulo não tem praia? Há 55 anos, a capital paulista ganhou um presentão em comemoração ao IV Centenário de fundação da cidade: o Parque Ibirapuera. A riquíssima área verde e de lazer mesclada com templos culturais e arquitetônicos passou a ser chamada de ‘a praia dos paulistanos’” (LE SENECHAL, 2009).

exclusivamente a frequência à piscina (incluo aqui também as respostas “nadar”). Os demais 37 disseram que costumam realizar outras atividades além de frequentar o parque aquático, como a prática de esportes, passeios a pé, paquera etc. Trata-se de uma atividade realizada por jovens de ambos os sexos. Ao serem questionados a respeito do que os leva a optar pela frequência à piscina, apareceram respostas que mencionam o relaxamento proporcionado pela atividade, o calor, os tobogãs do parque aquático e o fato de ser a piscina mais próxima de casa (ou mesmo a única). O divertimento, a possibilidade de “pegar uma cor”, o fato de ser a atividade “mais legal”, ou “a que mais gosta”, ou ainda de poder ser vivenciada em grupo, ou em casal, também foram citados nas respostas.

Qual seria o interesse, ou melhor, os interesses culturais do lazer que levam a piscina a exercer uma atração tão forte entre os jovens frequentadores? A referência ao ato de “nadar” leva a uma associação imediata aos interesses fisicoesportivos. Ressalto aqui que dentro dessa categoria de interesses cabe não apenas a prática de esportes, mas também as demais atividades que estejam relacionadas com o físico. Da menção ao calor, ou da expressão “Para refrescar”, como o motivo que leva um jovem a frequentar a piscina, entende-se que a sensação física propiciada pelo contato com a água em dias quentes foi um dos interesses que o levou àquela escolha. Os interesses sociais aparecem claramente nas respostas em que a possibilidade de a atividade ser vivenciada em grupo ou em casal é citada como justificativa para sua escolha. O mesmo aplica-se às menções à paquera e ao fato de “ter bastante gente”.

Pôde-se concluir, assim, que a escolha, por parte dos jovens respondentes, da frequência ao parque aquático do SESC Itaquera como forma de vivenciar o tempo de lazer é permeada pelos interesses sociais e fisicoesportivos. No ambiente do parque aquático, têm lugar as três funções do lazer: descanso (ou relaxamento), divertimento (brincadeiras na água, nos tobogãs) e desenvolvimento (para o qual contribui o contato social). Notou-se que a possibilidade do contato com a água, em dias de calor, seja para relaxar, para se refrescar e/ou para se divertir, é um importante diferencial do equipamento, e um fator que exerce forte poder atração sobre os jovens, especialmente – mas não exclusivamente – daqueles que vivem na zona leste da cidade.

4.3 Sobre as opções de lazer dos jovens na zona leste

A questão da carência de opções de lazer na periferia da cidade de São Paulo, abordada no primeiro capítulo deste trabalho, encontrou eco no discurso de 26 dos 150 jovens respondentes durante a coleta de dados em campo. Esses jovens afirmam que consideram o SESC Itaquera importante em função do fato de ser uma das poucas opções de lazer na região, quando não a única (ao menos no discurso dos jovens). Entre as repostas, destacamos as seguintes: “Porque não há outras opções. Se não tivesse o SESC, o que as pessoas fariam?”, “Porque é a única opção de lazer na região”, “Porque é uma forma de cultura, são poucas opções na região”, “A redondeza é carente de atividades, o SESC é acessível e barato”, “Porque é o único lugar de bom que tem aqui com bastante segurança”, “Porque é o único espaço grande de lazer que funciona bem”, “Porque no bairro não tem área de lazer além do Parque do Carmo”, “Porque aqui não tem lazer nenhum”, “Porque falta lazer para a comunidade; a área de lazer é bem precária; as crianças ficam nas ruas, com perigo de acontecer acidentes”, “Porque é a única opção de lazer perto”.

O Parque do Carmo, área de lazer bastante próxima ao SESC Itaquera, foi citado por 55 dos 150 respondentes (10 na primeira etapa e 45 na segunda), quando estes foram questionados sobre quais outros equipamentos de lazer costumam frequentar. No bairro Jardim Helian, 17 dos 20 respondentes afirmaram frequentar o Parque do Carmo, enquanto 14 disseram ir ao SESC. Na Vila Carmosina, 20 dos 30 jovens responderam que vão ao Parque, enquanto que o número de frequentadores do SESC ficou em 13. Já na região do bairro Terceira Divisão (distrito de Iguatemi), localizada a uma distância maior em relação tanto ao SESC quanto ao Parque, 8 dos 20 respondentes citaram o Parque do Carmo como um dos locais que frequentam em seu lazer. Nessa região, foram 11 os jovens que disseram ir ao SESC Itaquera. Durante a primeira etapa da pesquisa de campo, entre os 10 jovens que citaram este parque como um dos equipamentos que frequentam, 9 eram oriundos da zona leste, conforme já apontado anteriormente. Vale ressaltar que a pergunta relacionada aos outros equipamentos frequentados não faz menção à frequência com que os jovens vão a esses locais.

Os outros parques citados pelos jovens respondentes nos bairros próximos foram o Raul Seixas e o Ibirapuera. A este último foram feitas duas referências. O Parque Raul Seixas, que fica próximo à Vila Carmosina (perto da Avenida Jacu-Pêssego) foi mencionado 7 vezes,

todas elas por jovens que responderam aos formulários durante a coleta de dados realizada nesse mesmo bairro.

Foi possível detectar que os parques (tanto do Carmo quanto o Raul Seixas) foram mais citados – ou exclusivamente citados, no caso do Parque Raul Seixas – entre os jovens que vivem nos bairros mais próximos a eles (Helian e Carmosina), enquanto que no distrito de Iguatemi, a menção a esses equipamentos foi menor, tendo ficado abaixo da quantidade de jovens que disse frequentar o SESC, como apontado acima. Quando se adicionam às respostas que mencionaram os parques aquelas em que foram citadas as praças, o número de jovens se iguala ao de frequentadores do SESC, nessa região.

Na segunda etapa da pesquisa de campo, o número de jovens que citou os parques e praças como equipamentos que frequentam em seu lazer foi um pouco superior à quantidade de jovens que afirmaram ir ao SESC. Por outro lado, durante a primeira etapa, dos 80 respondentes, somente 30 mencionaram os parques e praças quando questionados a respeito de quais outros equipamentos de lazer costumam frequentar. Ainda nessa etapa, dentre os 51 jovens oriundos dos bairros localizados nos 17 distritos que compõem o recorte feito neste trabalho, 14 disseram que frequentam, além do SESC Itaquera, parques e/ou praças em seu lazer. Vale aqui lembrar que o *Mapa da Juventude* (BOUSQUAT; COHN, 2003b) apontou as unidades do SESC como os equipamentos de lazer mais frequentados pelos jovens que vivem na ZH5, seguidas pelos parques e praças.

Um equipamento que, assim como o Parque Raul Seixas, apareceu apenas nas respostas obtidas durante a segunda etapa da pesquisa de campo foi o Aquário de Itaquera. Antes de iniciar a coleta de dados nos bairros, eu nunca havia visto ou escutado nada a respeito desse local. Diante do fato de ele ter sido citado por 11 jovens nessa etapa, e sem conseguir visualizar, pelas descrições dos respondentes, o que era o local exatamente, entendi que seria importante conhecê-lo. O Aquário está localizado na Avenida Jacu-Pêssego e, atualmente, além da loja de aquários e peixes ornamentais que justifica seu nome, encontra-se no local um parque de diversões com várias atrações e quiosques de alimentação. No domingo em que visitei o Aquário, notei um grande movimento de famílias e de jovens e pude notar que, de fato, constitui-se em um espaço bastante frequentado. No *Cadastro de Referências Urbanas* da zona leste⁴¹, de 1985, no qual também já aparecia o Parque do Carmo, constava como referência natural e paisagística o “Aquário da Colônia”, localizado na então Estrada do

⁴¹ Por referências urbanas entende-se: “edifícios ou logradouros que, por motivos históricos ou sócio-culturais, emprestam a uma determinada região da cidade feições que a distinguem das demais”; são pontos de referência urbanos “considerados importantes pelas pessoas que deles se utilizam” (SÃO PAULO, 1985, p. 7).

Pêssego e descrito como “um dos mais conhecidos pontos de referência da região, o que levou seus proprietários a criar e vender peixes ornamentais, bem como promover uma ‘Feira do Verde’ nos fins de semana” (SÃO PAULO, 1985, p. 31). Ao que tudo indica, ainda não havia então o parque de diversões.

Os *shoppings* foram citados por 113 dos 150 respondentes nas duas etapas da pesquisa de campo. São, certamente, os locais mais frequentados pelos jovens respondentes em seu tempo de lazer, constatação essa que encontra respaldo nos dados divulgados tanto pela pesquisa *Juventude brasileira e democracia: participação, esferas e políticas públicas* (IBASE; PÓLIS, 2006) quanto pelo *Mapa da Juventude* (BOUSQUAT; COHN, 2003b), já apresentados neste trabalho (lembrando que, nessa última pesquisa, os *shoppings* são considerados como espaços de lazer, diferentemente das unidades do SESC, que são considerados equipamentos. Aqui, não fazemos essa distinção).

As *lanhouses* foram mencionadas por 30 jovens, quando perguntados a respeito dos demais equipamentos que frequentam em seu lazer. Esse número expressivo pode ser justificado pelas constatações feitas na Pesquisa TIC (CGI.BR, 2009b), citada no primeiro capítulo, a qual aponta que a probabilidade de uso das *lanhouses* para acessar a *internet* é maior quanto mais jovem for o cidadão e quanto menor for a sua renda, e que as atividades de lazer vêm crescendo entre aquelas realizadas pelos usuários da *internet*.

Entre os moradores dos distritos que compõem o recorte da pesquisa, poucos fizeram menção a equipamentos de lazer localizados em outras regiões da cidade. Os mais citados foram o Playcenter (sete vezes) e o Parque Ibirapuera (quatro vezes). Quatro jovens disseram frequentar teatros (sem especificar a região), dois disseram ir a clubes (localizados fora da área recortada), um ao Estádio do Morumbi. Também foram citados uma vez, por esses jovens, a opção museu (sem especificar a região), o Zoológico, outras unidades do SESC, a Sala Cinemateca, o Centro Cultural Vergueiro e a Galeria Olido (esses três últimos foram mencionados pela mesma respondente).

4.4 Sobre as atividades de lazer dos jovens respondentes

De acordo com o *Mapa da Juventude* (BOUSQUAT; COHN, 2003b), as atividades esportivas são as preferidas dos jovens, sejam eles oriundos de regiões com melhores condições ou das áreas com os piores índices considerados naquela pesquisa. As festas, os

bares e as baladas aparecem em segundo lugar na preferência dos jovens, em todas as ZHs, conforme apontado anteriormente. O *Mapa da Juventude* aponta também que as atividades esportivas são mais praticadas pelos homens (62,5%) do que pelas mulheres (25,9%), sendo que estas se dividem entre outras atividades, “como festas, atividades de lazer realizadas no domicílio (atividades domésticas) e passeios” (BOUSQUAT; COHN, 2003b, p. 43).

No caso da coleta de dados realizada junto aos jovens frequentadores do SESC, também foi possível detectar que a prática de esportes, sobretudo do futebol, é a preferência dos jovens do sexo masculino, dentre as opções de atividades de lazer realizadas fora do ambiente doméstico (e fora do SESC Itaquera), enquanto que, entre as meninas, ganham destaque passeios como cinema, *shopping* e parques. As atividades em ambiente doméstico (assistir TV, filmes, jogar *videogame*, navegar na *internet*, descansar etc.) foram as mais citadas por jovens de ambos os sexos quando questionados a respeito de como é o seu lazer fora do equipamento.

Já em relação às atividades que os jovens escolhem para desenvolver no equipamento, a frequência à piscina foi a mais mencionada por ambos os sexos, seguida pela prática de esportes, sendo que, nesse caso, o futebol ganha destaque, tendo sido mencionado 22 vezes, enquanto o vôlei foi citado 7 vezes e o basquete e o tênis 4 vezes cada. Das 22 menções ao futebol, 20 foram feitas por jovens do sexo masculino.

Conforme já apontado, as atividades mais desenvolvidas pelos frequentadores mais assíduos do equipamento são os esportes, e esses frequentadores são em sua maioria do sexo masculino. Dos 16 jovens que afirmaram frequentar o equipamento toda semana, apenas quatro eram mulheres. Destas, uma disse que se dedica à prática de vôlei e futebol, outra é praticante de tênis e gosta de assistir aos *shows*, uma terceira vai ao equipamento uma vez por semana para acompanhar o namorado (que joga futebol) e a última participa de aulas de dança e frequenta a piscina.

Observa-se, assim, o fato de que a frequência à piscina parece ser uma atividade mais democratizada em relação ao gênero dos frequentadores, uma vez que parece atrair igualmente jovens de ambos os sexos, enquanto que as práticas esportivas seguem sendo mais usufruídas por jovens do sexo masculino, conforme já divulgado pelo *Mapa da Juventude* (BOUSQUAT; COHN, 2003b). Nesse sentido, o SESC Itaquera contribui para a superação da barreira para o lazer relacionada ao sexo, uma vez que oferece aos frequentadores opções diversificadas de atividades e estimula a apropriação, por parte de jovens do sexo feminino, de atividades como o futebol (um exemplo disso é a realização de um campeonato de futebol feminino), por exemplo, ainda tradicionalmente vivenciada pelo sexo masculino.

Para finalizar esse tópico, destaco aqui uma constatação feita entre os jovens que optaram pela frequência ao SESC em seus momentos de lazer. Quando perguntados sobre por que realizam no equipamento as atividades citadas, vários deles responderam escolhê-las pelo fato de serem as que mais gostam, ou por ser(em) a(s) mais legal(is). Essas respostas, que em um primeiro momento parecem não revelarem nada em especial (quase um “Porque sim!”), encerram em si uma das características essenciais do lazer, qual seja o prazer sem finalidade específica (MARCELLINO, 1995), a satisfação pessoal que a vivência dessa esfera da vida deve proporcionar às pessoas.

4.5 Sobre a questão do acesso

Um aspecto que também chamou a atenção em relação aos meios de transporte utilizados para acessar o equipamento foi o fato de que 14 dos jovens respondentes na primeira etapa da pesquisa de campo afirmaram utilizar-se de dois ou mais meios de transporte (metrô e ônibus/lotação, trem e ônibus/lotação, ou ainda trem, metrô e ônibus/lotação). Levando-se em conta o custo do transporte público urbano, é possível pensar que a implantação do bilhete único e das integrações entre metrô e trem são iniciativas do poder público que, ainda que não vinculadas diretamente ao lazer, podem interferir positivamente no acesso a locais para os quais é necessário fazer uso de mais de um meio de transporte. Nesse sentido, conforme apontado no Capítulo 1, Marcellino (2001) afirma que a política pública de lazer deve envolver questões mais abrangentes, dentre as quais destaca uma política de transportes, de reordenação do uso do solo e de redução da jornada de trabalho (sem redução de salários). Uma política de lazer que caminhe nessa direção pode contribuir para a superação de barreiras impostas ao lazer da população.

Tal constatação ganha ainda maior proporção em regiões da cidade como a considerada neste estudo, marcada pela carência de opções para a vivência do lazer. Convém também destacar que o fato de vários jovens respondentes na primeira etapa da pesquisa de campo terem afirmado usar um ou mais tipos de transporte público para irem ao local demonstra que a importância do equipamento enquanto possibilidade para o desfrute do lazer se estende a uma área de fato mais ampla, não restrita aos bairros imediatamente vizinhos ao equipamento, e, para isso, a superação de barreiras relacionadas ao acesso contribui diretamente.

4.6 Da importância atribuída pelos jovens ao equipamento

Dos 150 respondentes, apenas três disseram não achar o local importante para o bairro, conforme apontado no capítulo anterior. E duas afirmaram não saber, pois não conheciam o local. Os demais 145 responderam que sim, que acham o equipamento importante para o bairro (seja para o bairro onde o mesmo está localizado, no caso da primeira etapa da pesquisa, seja para o bairro onde a coleta de dados foi realizada, na segunda etapa). E ao serem questionados sobre as razões que os levam a considerá-lo importante, as respostas foram bastante variadas, trazendo informações relevantes a respeito do que um grande equipamento de lazer representa para os jovens moradores de seus arredores e de como eles entendem o lazer.

Conforme apontado acima, a piscina é um atrativo diferencial do equipamento, tendo sido mencionada, por muitos dos jovens que frequentam o local, como uma das atividades lá realizadas por eles. Entretanto, ela é citada por poucos jovens enquanto justificativa para a importância do equipamento (sete vezes no total). A maior parte das razões que justificam a importância está ligada a um contexto mais amplo, e não às preferências pessoais de atividades que levam cada jovem ao SESC Itaquera. Eles citam, dentre as razões, o fato de ser uma opção de lazer (ou um “meio” de lazer, uma “forma de lazer”, um “jeito de ter lazer”), fazem menção à falta de opções de lazer na região, ressaltam o fato de ser um local barato e acessível, de ser bom para famílias e para crianças (apesar de eles, em geral, estarem em companhia dos amigos). Ou seja, suas respostas extrapolam a relação pessoal que eles têm com o equipamento e o inserem em um contexto maior, associando-o diretamente à possibilidade de acesso ao lazer. Mesmo por parte dos jovens que não frequentam o local, e inclusive dois dos três que afirmaram não frequentar porque não gostam, há uma atribuição de importância ao equipamento.

Embora as atividades mais citadas pelos jovens tenham sido a frequência à piscina e a prática de esportes (em especial o futebol), eles fizeram referência, em 17 respostas relacionadas à importância atribuída ao local, ao fato de aí serem oferecidas várias opções de atividades. Ainda que eles não participem de todas elas, esse também parece ser um diferencial relevante.

Também no que se refere à questão relacionada aos motivos que levam os jovens a considerar o equipamento importante, foi possível notar, em três respostas, um entendimento do lazer como possibilidade de solucionar problemas sociais (“Porque em vez de ficar

roubando, matando, sequestrando, se prostituindo, pode ir para o SESC se divertir”; “Porque deixa de ir pra lugares onde possa fazer coisas erradas e vem pra cá”; “Porque ajuda a tirar as crianças da rua”). O entendimento do lazer como possibilidade de compensação do estresse, da correria do dia-a-dia (lazer compensatório) aparece nas respostas de nove jovens. A possibilidade de “distração” também foi citada por alguns jovens como justificativa para a importância do local. Foi a diversão, no entanto, a expressão mais citada nas respostas a essa indagação. Nota-se, assim, que das três funções do lazer estabelecidas por Dumazedier (1976), a que esteve mais presente no discurso dos jovens foi, seguramente, o divertimento. O descanso e o desenvolvimento aparecem também em algumas respostas, mas em número bastante inferior às menções feitas àquela função.

Respostas como as acima mencionadas demonstram, por um lado, que o lazer é esfera da vida considerada importante pelos jovens respondentes, não somente para eles mesmos, como para a sociedade (a comunidade, famílias, crianças etc.); apontam também para uma consciência a respeito da realidade em que vivem, quando citam a falta opções de lazer e a forma como a região é vista. Por outro lado, algumas das respostas refletem uma concepção ainda limitada do termo, como por exemplo as que apontam o equipamento de lazer como alternativa para que as crianças não fiquem nas ruas, ou para que os jovens não sigam caminhos “errados”, e ainda aquelas que se referem ao lazer como válvula de escape ou como distração. Tratam-se de visões construídas historicamente, que muitas vezes não consideram as potencialidades de desenvolvimento pessoal e social que o lazer encerra em si. A educação para o lazer e a animação sociocultural, abordadas no Capítulo 1 deste trabalho, são ferramentas fundamentais para que se amplie a percepção da população com relação a tais potencialidades.

A possibilidade da prática de esportes e exercícios físicos foi destacada por 12 respondentes como justificativa da importância atribuída ao equipamento. O fato de ser uma opção de lazer próxima foi apontado, também nesse sentido, por 15 jovens. Essa constatação remete à importância do “pedaço” (MAGNANI, 2003), enquanto espaço privilegiado para desfrute do lazer dos jovens.

Ainda em relação a essa mesma questão, algumas respostas solitárias, mas também relevantes para uma análise qualitativa, referiram-se ao fato de o SESC Itaquera ser um lugar bonito, aconchegante, limpo, seguro, com verde, ar puro e democrático (“Porque é uma área de lazer que muitas pessoas podem ir, seja rico ou pobre, tem condições de ir”).

Um aspecto que chamou a atenção em algumas respostas foi o fato de que alguns jovens consideram o equipamento importante porque “valoriza o bairro”. Cinco jovens

citaram diretamente essa expressão, enquanto outros dois responderam: “Porque através do SESC muita gente vem de outros bairros e conhece um outro lado de Itaquera e quebra o preconceito em relação ao bairro”; “Porque melhora a visão que todo mundo tem de Itaquera”. Outro ainda fez referência à má fama do bairro, dando a entender que a existência do SESC contribui para melhorar essa fama. Nesse sentido, a piscina e os *shows*, juntamente com a parceria que o SESC tem com escolas públicas (citada em uma das respostas relacionadas à importância do equipamento), parecem ser os principais atrativos que mobilizam jovens de bairros mais distantes a se deslocarem até o equipamento.

No tocante aos *shows*, em uma das respostas durante a coleta de dados nos arredores, foi mencionado o fato de que eles movimentam o bairro. De fato, conforme apontado no capítulo anterior, os *shows* parecem atrair uma grande quantidade de pessoas ao equipamento, fato esse que ficou evidente ao se observar o movimento de pessoas na fila do lotação que faz a ligação entre o metrô e o SESC, a quantidade de carros na entrada do mesmo e a grande concentração de pessoas, após o *show*, no ponto de ônibus localizado em frente à entrada principal do equipamento. Além disso, a intensa movimentação de pessoas dentro do local em dia de espetáculo salta aos olhos. O SESC Itaquera oferece ao público, apenas pelo custo do ingresso⁴², concertos musicais de artistas que normalmente se apresentam em casas de *shows* da capital onde os preços dos ingressos costumam ser exorbitantes e inacessíveis às camadas populares. Assim, muitas pessoas encontram nos *shows* oferecidos pelo SESC a oportunidade de ver seus artistas preferidos no palco. E, dessa forma, a região onde se localiza o equipamento é inserida em um circuito de lazer mais amplo, atraindo para a zona leste pessoas que muito provavelmente não frequentam essa região em seu cotidiano, e que o fazem movidas, nesse caso, pelos interesses artísticos do lazer. A relevância dessa constatação aumenta quando se observa a pequena concentração de equipamentos voltados para essa categoria de interesses na região leste da cidade (conforme mostrado no segundo capítulo).

Essa inserção, também possibilitada pela presença do parque aquático (notou-se que grande parte dos jovens oriundos de bairros mais distantes citou a piscina entre as atividades que costuma desenvolver no local), certamente contribui para enriquecer com novas informações (nesse caso, positivas, visto que associadas ao lazer) a imagem que os moradores de outras regiões têm do local onde se encontra o equipamento. Cabe ressaltar aqui que, embora a maioria dos jovens respondentes durante a primeira etapa da pesquisa de campo

⁴² O qual, atualmente, é gratuito para comerciários, idosos etc., conforme já mencionado no Capítulo 2.

fosse oriunda da zona leste, alguns respondentes vinham de outras regiões da cidade e mesmo de outros municípios: nove da zona norte, dois da zona sul, um da zona oeste (mais especificamente do Morumbi) e nove de outros municípios. No mapa que ilustra a origem dos frequentadores respondentes, apresentado no terceiro capítulo, é notável o fato de que nenhum jovem era oriundo da zona central e que, da zona oeste, houve apenas um, vindo do Morumbi, já bem próximo à zona sul da cidade. Vale aqui recordar a afirmação de Milton Santos, citada no primeiro capítulo deste trabalho, segundo a qual cinemas, museus, restaurantes e teatros concentram-se nas áreas centrais (SANTOS, 1996).

Com essas reflexões acerca do papel que o SESC Itaquera desempenha para os jovens que vivem em seus arredores, finalizo o último capítulo deste trabalho. Apresento, a seguir, algumas considerações finais sobre o que aqui foi tratado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao buscar a definição de “oásis” no *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, eis que me deparo com as seguintes palavras: “Região coberta de vegetação em meio a um grande deserto”; “Lugar aprazível, em contraste com outros que não o são”; “Coisa bela, agradável, deliciosa, num conjunto que é o oposto disso”; “Prazer, alegria, entre desgostos, aborrecimentos” (OÁSIS, 2004). A imagem de oásis que costuma vir à mente quando se pensa nessa palavra inclui ainda outro elemento não citado no dicionário, mas subentendido quando se pensa em vegetação no meio de um deserto: a água. Ao rememorar ainda o processo de ocupação desordenada da zona leste da cidade de São Paulo, que culminou com a destruição de grande parte da área verde que cobria esta região, e da citação, mencionada no primeiro capítulo, que caracteriza as periferias, favelas e bairros populares das grandes cidades como “verdadeiros desertos de equipamentos culturais”, passei da associação inicial entre o SESC Itaquera e a praia para a utilização de outra metáfora: o SESC Itaquera constitui-se em um oásis dentro do deserto de concreto (nesse caso, não apenas o SESC, mas toda a APA dentro da qual ele se encontra, e da qual também faz parte o Parque do Carmo) marcado pela falta de equipamentos específicos que contemplem os diversos conteúdos culturais do lazer.

Se, por um lado, essa condição de “oásis” está certamente longe de ser a ideal, visto que pressupõe a existência de um “deserto” no que se refere a equipamentos específicos de lazer, por outro, intensifica a importância do equipamento, uma vez que sua presença contribui para amenizar essa situação de carência e atende, em certa medida, aos anseios tolhidos de uma parcela da população que vive um cotidiano marcado pelo cerceamento do direito à cidade e, nesse contexto, também ao lazer.

O SESC Itaquera exerce um importante papel enquanto instrumento para a democratização do acesso ao lazer, entendido em seu sentido mais amplo, por uma série de fatores. Destaco entre eles:

- A oferta de atividades para as diversas faixas etárias, que atrai para o local um público bastante variado composto por crianças, jovens, adultos e idosos, os quais se encontram e convivem no espaço e em algumas atividades;
- O fato de ser um local cujo acesso se dá a um custo baixo;
- Sua localização na periferia da cidade, onde faltam equipamentos de lazer que ofereçam ao público o contato com os diversos conteúdos culturais do lazer;

- A realização, apenas pelo custo da entrada no equipamento, de *shows* de artistas cujos espetáculos geralmente têm ingressos com valores elevados, inacessíveis para a maior parte da população, e de atrações que raramente se apresentam na periferia da cidade;
- Por incentivar a prática de esportes por ambos os sexos, o que se pôde perceber, por exemplo, com a realização do campeonato de futebol feminino;
- A grande variedade de atividades colocadas à disposição do público, desde a possibilidade de uso da piscina, e a prática de esportes, passando pela realização de concertos musicais, de cursos de fotografia, de campeonatos esportivos e aulas de dança, de espetáculos teatrais e espetáculos circenses, de exposições, até a disponibilização de acesso à *internet*, o acesso ao parque lúdico e o contato com o verde, dentre uma série de outras atividades.

Em relação à importância desse equipamento para os jovens que vivem em seu entorno, a quase totalidade dos respondentes em ambas as etapas da pesquisa de campo consideram o SESC Itaquera importante para o bairro onde o mesmo está localizado (no caso das respostas coletadas na primeira fase da pesquisa de campo) e para os bairros onde foram coletados os dados, no caso da segunda etapa. Essa importância atribuída ao equipamento, conforme observado em muitas das respostas dos jovens, vai além de seus interesses pessoais. Seus discursos referem-se ao acesso ao lazer como algo importante, e é no sentido de possibilitar o acesso ao lazer que o SESC Itaquera ganha relevância nessas falas. Aparecem também nas respostas dos jovens a menção à falta de espaços de lazer na periferia, a diversão como função do lazer mais citada, a concepção de lazer como forma de tirar jovens e crianças das ruas (e que reflete uma ideia amplamente disseminada, mas que restringe a compreensão em relação aos problemas sociais que atingem essas faixas etárias), o lazer como válvula de escape e forma de liberar o estresse acumulado durante a semana, o acesso à cultura propiciado pelo equipamento, o fato de ser um local que pode ser frequentado pelas famílias, por jovens e por crianças, de ser um local seguro, limpo, bonito e aconchegante, e de ser um local que possibilita a prática de esportes. O fato de ser uma opção de lazer próxima também foi considerado em algumas respostas. Mesmo entre os jovens que não frequentam o local, o mesmo assume uma esfera de importância.

Outro aspecto que foi indicado em algumas respostas como justificativa para o equipamento ser considerado importante consiste em sua contribuição para a valorização do bairro, da região. A análise dos dados coletados aponta que, ainda que a maior parte dos jovens frequentadores do equipamento seja oriunda de bairros localizados nos distritos mais a

leste da cidade, um número menor de jovens, vindos de outras regiões da cidade (principalmente de bairros afastados do centro), também frequenta o local, atraídos pelo parque aquático, pelos campeonatos promovidos no equipamento, pelos *shows*, além dos que visitam o local quando da realização de passeios organizados pelas escolas onde estudam. Dessa forma, O SESC Itaquera parece fazer parte de um circuito de lazer mais amplo, que atinge bairros localizados não exclusivamente na zona leste, mas sobretudo nas regiões mais afastadas do centro. Ao inserir a região de Itaquera no circuito de lazer de pessoas que vivem em bairros mais distantes, o equipamento contribui para a construção da imagem da região onde o mesmo se encontra, e é por isso que alguns jovens afirmaram que ele valoriza o bairro, muda a imagem que as pessoas têm da região, melhora sua “fama”.

O mapa que ilustra a origem dos respondentes durante a primeira etapa da pesquisa de campo deixa nítido que nenhum dos jovens era oriundo das áreas centrais da cidade. A imagem que se tem é a de um público constituído por jovens oriundos de bairros periféricos. O que se observa a partir dos dados coletados é que jovens de bairros periféricos localizados fora da zona leste, especialmente da zona norte, também frequentam o equipamento, ainda que em número bem menor quando comparado à quantidade de jovens que vivem nos bairros mais próximos do mesmo, enquanto que jovens das áreas mais centrais parecem não frequentar o equipamento em seu lazer. O que leva um jovem a sair, por exemplo, de um bairro próximo à Serra da Cantareira e se deslocar até a região de Itaquera para desfrutar o seu lazer? O alcance da atração do SESC Itaquera estaria relacionado exclusivamente à falta de equipamentos específicos de lazer nos bairros periféricos, ou também a uma identificação, por parte dos jovens moradores da periferia, com esse local? São perguntas que o presente estudo não dá conta de responder e que abrem a possibilidade para novas reflexões e pesquisas. Nesse ponto, é interessante ressaltar que o *show* durante o qual foi feita a gravação do DVD do grupo de *rap* Racionais MC's, citado na introdução desse trabalho, e que tem grande repercussão entre os jovens dos bairros periféricos da cidade de São Paulo, foi gravado no SESC Itaquera.

Ao se pensar no papel que o lazer exerce, ou pode exercer, na vida dos jovens, enquanto “campo potencial de construção de identidades, descoberta de potencialidades humanas e exercício de inserção efetiva nas relações sociais” (BRENNER; DAYRELL; CARRANO, 2005, p. 176), é possível entender que tal papel aproxima, de certa forma, e apesar de uma série de diferenças, a experiência juvenil das diversas classes sociais. A preferência pela prática de esportes como forma de vivenciar o lazer, entre os jovens do sexo masculino que pertencem às diversas classes sociais, é apenas um exemplo de semelhança,

cercada de diferenças. Talvez por isso mesmo, o lazer pode ser um espaço propício para o convívio entre os diferentes ou, mais do que isso, de encontro e aproximação entre indivíduos separados, seja por condições sociais, por diferença de gênero, ou ainda por limitações físicas e mentais, e que nas vivências de lazer podem “falar a mesma língua”.

O lazer pode representar para os jovens, dessa forma, uma rica experiência pessoal e social, na qual o grupo tem importante papel. Ter a oportunidade de vivenciar as experiências de lazer em grupo é imperativo nessa fase da vida e, para tanto, a existência de espaços que permitam essa convivência se faz essencial. Sejam esses espaços constituídos por equipamentos específicos ou não de lazer – a rua, o *shopping*, a quadra, o SESC, a *lanhouse* – o fato é que eles funcionam como palco para a sociabilidade juvenil, além de exercerem uma série de outros papéis. E, conforme apontado acima, em um contexto marcado pela falta de equipamentos específicos de lazer, o SESC Itaquera é um espaço privilegiado para o usufruto desse tempo/espaço na vida dos jovens que vivem em seu entorno.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez, 1980.

BALEIRO, Zeca. Telegrama. In. _____. **PetShopMundoCão**. MZA/Abril Music, 2002. 1 CD. Faixa 4.

BETHÂNIA, MARIA. Carcará. João do Vale/José Cândido [Compositores]. In: **João do Vale**. São Paulo: Abril S. A. Cultural e Industrial; Rio de Janeiro: Polygram Discos, 1983. 1 disco sonoro, 33 ½ rpm, estéreo, 12 pol. Lado A, faixa 6. (Coleção História da Música Popular Brasileira)

BOUSQUAT, Aylene; COHN, Amélia. A construção do mapa da juventude de São Paulo. **Lua Nova**, São Paulo, n. 60, p. 81-96, 2003a. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452003000300005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 29 out. 2009.

BOUSQUAT, Aylene; COHN, Amélia (Coord.). **Mapa da Juventude da Cidade de São Paulo**. São Paulo: Cedec, jul. 2003b, 139 p. e Anexos (Relatório final).

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição – República Federativa do Brasil**: Edição especial. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1988.

BRENNER, Ana Karina; DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. In: **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005.

BRUYNE, Paul de; HERMAN, Jacques; SCHOUTHEETE, Marc de. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

BUENO, Eduardo. Introdução. In: BUENO, Eduardo (Org.). **Os nascimentos de São Paulo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

CAMARGO, Luis Otávio L. Recreação Pública. **Cadernos de Lazer**, SESC, São Paulo, n. 4, p. 29-36, maio 1979.

CAMARGO, Luis Otávio L. **O que é lazer**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. 4. ed., 1. reimp. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

CGI.BR. **Sobre o CGI**. 2009a. Disponível em: <<http://www.cgi.br/sobre-cg/index.htm>>. Acesso em: 25 jun. 2009.

CGI.BR. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação no Brasil**: TIC Domicílios e TIC Empresas 2008. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2009b. Disponível em: <<http://www.cetic.br/tic/2008/index.htm>>. Acesso em: 29 out. 2009.

CHAUÍ, Marilena. Introdução. In: LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça**. São Paulo: Hucitec/Unesp, 1999.

DE GRAZIA, Sebastian. **Tiempo, trabajo y ocio**. Madrid: Editorial Tecnos, 1966.

DUMAZEDIER, Joffre. **Questionamento teórico do lazer**. Porto Alegre: CELAR, [s.d.].

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DUMAZEDIER, Joffre. **Valores e conteúdos culturais do lazer**. São Paulo: SESC, 1980a.

DUMAZEDIER, Joffre. **Planejamento do lazer no Brasil: a teoria sociológica da decisão**. São Paulo: SESC, 1980b.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia Empírica do Lazer**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Org.). **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

FROMM, Erich. **Psicanálise da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.

FUNDAÇÃO SEADE. **População total e taxa anual de crescimento populacional, segundo subprefeituras e distritos, Município de São Paulo: 1991-2004**. 2004a. Disponível em: <http://www.seade.gov.br/produtos/msp/dem/dem9_008.htm>. Acesso em: 28 set. 2009.

FUNDAÇÃO SEADE. **População total, por grupos de idade, segundo subprefeituras e distritos, Município de São Paulo: 2004**. 2004b. Disponível em: <http://www.seade.gov.br/produtos/msp/dem/dem9_009.htm>. Acesso em: 28 set. 2009.

GAROA, DEMÔNIOS DA. Saudosa maloca. Adoniran Barbosa [Compositor]. In: **Adoniran Barbosa & Paulo Vanzolini**. São Paulo: Abril S. A. Cultural e Industrial; RCA Eletrônica, 1983. 1 disco sonoro, 33 ½ rpm, estéreo, 12 pol. Lado A, faixa 2. (Coleção História da Música Popular Brasileira)

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

HIRAO, Sílvia Eri. **Ser jovem na Cidade Tiradentes: um estudo exploratório**, 2008. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

IBASE; PÓLIS. **Juventude brasileira e democracia: participação, esferas e políticas públicas: Relatório final**. Ibase; Instituto Pólis, 2006. Disponível em: <<http://www.ibase.br/modules.php?name=Conteudo&pid=1073>>. Acesso em: 23 set. 2009.

IBGE. **IBGE – Infográficos cidades@ – São Paulo-SP – Gráficos de população**. Gráficos elaborados a partir do Censo 2000. 2000. Disponível em: <www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=355030#>. Acesso em: 29 out. 2009.

IBGE. **Estimativas das populações residentes, em 1º de julho de 2009, segundo municípios**. IBGE, 2009. Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2009/POP2009_DOU.pdf>. Acesso em: 26 set. 2009.

INSTITUTO CIDADANIA; INSTITUTO DE HOSPITALIDADE; SEBRAE. **Perfil da Juventude Brasileira**. 2003. Disponível em:

<www.planalto.gov.br/secgeral/juventude/juventude.pps>. Acesso em: 23 set. 2009.

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Org.). **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

KOWARICK, Lúcio. **A espoliação urbana**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. (Coleção Estudos Brasileiros, v. 44)

LE SENECHAL, Beatriz. São Paulo dos Paulistanos. In: **Site oficial de turismo da cidade de São Paulo**. Notícias. São Paulo: São Paulo Turismo (SPTuris), 27 ago. 2009. Disponível em: <<http://www.cidadedesapaulo.com/sp/br/noticias/452-sao-paulo-dos-paulistanos>>. Acesso em: 29 out. 2009.

LEFÈBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

MAGNANI, José Guilherme C. **O lazer na cidade**. São Paulo, 1994. Disponível em: <<http://www.n-a-u.org/Magnanilazer.html>>. Acesso em: 21 set. 2009.

MAGNANI, José Guilherme C. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lilian de Lucca (Org.). **Na metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo: Edusp, 2000.

MAGNANI, José Guilherme C. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. 3. ed. São Paulo: Hucitec/UNESP, 2003.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e humanização**. Campinas: Papyrus, 1995.

MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Lazer e esporte: políticas públicas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001. (Coleção Educação Física e Esportes)

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer: uma introdução**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2002a.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Eu corpo: o que gosto, o que posso, o que faço. In: MOREIRA, Wagner Wey; SIMÕES, Regina (Orgs.). **Esporte como fator de qualidade de vida**. Piracicaba: Ed. da Unimep, 2002b.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Lazer e qualidade de vida. In: MOREIRA, W. W. (Org.). **Qualidade de vida: complexidade e educação**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 2007.

NAVARRO, Vera Lúcia; PADILHA, Valquíria. Dilemas do trabalho no capitalismo contemporâneo. **Psicologia e Sociedade**, Porto Alegre, v. 19, n. spe., 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000400004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09 set. 2009.

OÁSIS. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

ONU. **Declaração universal dos direitos humanos**. 2007. Disponível em: <http://www.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm>. Acesso em: 29 set. 2009.

PADILHA, Valquíria. **Shopping center: a catedral das mercadorias**. São Paulo: Boitempo, 2006.

PARKER, Stanley A. **A sociologia do lazer**. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

PINA, Luís Wilson. Multiplicidade de profissionais e de funções. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Lazer: formação e atuação profissional**. 3. ed. Campinas: Papirus, 1995.

RACIONAIS MC's. Fim de semana no parque. Brown [Compositor]. In: _____. **RACIONAIS MC's**. São Paulo: Cosa Nostra, 2006. 1 CD. Faixa 1.

REQUIXA, Renato. **Sugestão de diretrizes para uma política nacional de lazer**. São Paulo: SESC, 1980.

ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo**. 3. ed. São Paulo: Studio Nobel/FAPESP, 2003. (Coleção Cidade Aberta)

ROMERA, Liana Abrão. **Juventude, lazer e uso abusivo de álcool**. 2008. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

SANTOS, Milton. **Por uma economia política da cidade: o caso de São Paulo**. São Paulo: Hucitec/Educ, 1994.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1996.

SANTOS, Milton. Milton Santos: Um dos intelectuais brasileiros mais respeitados em todo o mundo fala sobre a importância do tempo livre. **Revista E – SESCSP**, São Paulo, ano 5, n. 14, p. 6-9, jul. 1998.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal do Planejamento – SEMPLA. **Cadastro de referências urbanas: zona leste**. São Paulo: SEMPLA, 1985.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente – SVMA. **Atlas ambiental do município de São Paulo: o verde, o território, o ser humano: diagnóstico e bases para a definição de políticas públicas para as áreas verdes do município de São Paulo**. Coordenação de Patrícia Marra Sepe e Harmi Takiya. São Paulo: SVMA, 2004.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal de Planejamento – SEMPLA. **Infocidade**. Seção: Cultura – Mapas. 2006. Disponível em: <http://sempla.prefeitura.sp.gov.br/infocidade/mapas/6_centros_culturais_casas_de_cultura_e_spac_2006_1.pdf>. Acesso em: 28 set. 2009.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal de Planejamento – SEMPLA. **Infocidade**. Seção: Cultura – Tabelas. 2007. Disponível em: <<http://sempla.prefeitura.sp.gov.br/infocidade/index.php?cat=6&titulo=Cultura>>. Acesso em: 28 set. 2009.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal de Planejamento – SEMPLA. **Infocidade**. Seção: Esporte e Lazer – Tabelas. 2008a. Disponível em: <<http://sempla.prefeitura.sp.gov.br/infocidade/index.php?cat=16&titulo=Esporte e Lazer>>. Acesso em: 28 set. 2009.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal de Planejamento – SEMPLA. **Município em mapas**: série pôster: panorama. Mapa 1: Político-administrativo, p. 1. 2008b. Disponível em: <<http://sempla.prefeitura.sp.gov.br/mm/panorama/pdf/pag01.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2009.

SÃO PAULO (Estado). Companhia do Metropolitano de São Paulo – Metrô. **História**: Linha 3 – Vermelha. 2009. Disponível em: <<http://www.metro.sp.gov.br/empresa/historia/vermelha/historia02.shtml>>. Acesso em: 15 out. 2009.

SESCSP. **SESCSP**: Brasil. Folheto institucional trilingue. São Paulo: SESCSP, [s.d.].

SESCSP. **Portal SESCSP**: Unidades: SESC Itaquera. SESC São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.sescsp.org.br/sesc/busca/index.cfm?UnidadesDirector=54&inslog=128>>. Acesso em: 20 jan. 2010.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 22. ed. rev. e ampl. de acordo com a ABNT. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Mirtes M.; MUCCI, José Luís N.; PELICIONI, Maria Cecília F. A área de proteção ambiental “Fazenda e Parque do Carmo”: os problemas ambientais, as dificuldades de gestão e a influência na qualidade de vida da população. **O mundo da saúde**, São Paulo, v. 30, n. 4, p. 544-550, out./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.saocamilosp.br/novo/publicacoes/publicacoesDownload.php?ID=41&rev=s&ano=2006>>. Acesso em: 29/10/2009.

SINGER, Paul Israel. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana**: análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife. 1. reimpr. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

SINGER, Paul Israel. **Economia política da urbanização**. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SPOSITO, Marília Pontes. Considerações em torno do conhecimento sobre juventude na área da educação. In: SPOSITO, Marília Pontes (Org.). **Juventude e escolarização**: 1980-1998. Brasília, DF: MEC/Inep/Comped, 2002. (Série Estado do Conhecimento)

UN-HABITAT. **State of the world's cities 2008/2009**: harmonious cities. Nairobi, 2008. Disponível em: <<http://www.unhabitat.org/downloads/docs/presskitsowc2008/Growth%20and%20more.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2009.

VALLE, Lilian A. B. O lazer como resistência. **Fórum educacional**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 4, p. 44-50, out./dez. 1988.

ZOLA, Émile. **Germinal**. São Paulo: Hemus Editora, 1982.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Formulário I – Frequentadores

1. Faixa etária

15 a 18 anos ()

19 a 24 anos ()

2. Gênero

Feminino ()

Masculino ()

3. Bairro de procedência: _____

4. Meio de locomoção até o equipamento

a pé () ônibus () carro () bicicleta () outro () _____

5. Frequência a esse equipamento:

diária () _____x por semana ()

semanal () raramente ()

primeira vez () outro () _____

6. Frequenta outros equipamentos de lazer na cidade?

Sim () Qual(is)?

Não () Por quê?

7. Que atividade(s) costuma desenvolver neste equipamento? Por quê?

8. Você acha esse equipamento importante para o bairro?

Sim () Por quê?

Não () Por quê?

9. Antes de frequentar esse equipamento, como era o seu lazer?

APÊNDICE B – Formulário II – Moradores dos arredores

1. Faixa etária

15 a 18 anos ()

19 a 24 anos ()

2. Gênero

Feminino ()

Masculino ()

3. Bairro de procedência: _____

4. Frequenta esse equipamento?

Sim ()

Não () Por quê?

5. (Se “Sim” para a pergunta 4) Frequência a esse equipamento:

diária ()

__x por semana ()

semanal ()

raramente ()

uma vez ()

outro () _____

6. Frequenta outros equipamentos de lazer na cidade?

Sim () Qual(is)?

Não () Por quê?

7. (Se “Sim” para a pergunta 4) Que atividade(s) costuma desenvolver neste equipamento?

Por quê?

8. Você acha esse equipamento importante para o bairro?

Sim () Por quê?

Não () Por quê?

APÊNDICE C – Relação dos motivos pelos quais os jovens frequentadores do equipamento o consideram importante para o bairro

Porque não há outras opções. Se não tivesse o SESC, o que as pessoas fariam?
Para se exercitar e porque não tem muita opção de lazer na zona leste (faltam espaços de lazer).
Valoriza o bairro. O SESC tem piscina, opção diferente.
A maioria das pessoas vem pra cá e além da piscina tem várias coisas.
Ter lazer perto de casa e é mais barato.
Um meio das pessoas refrescarem a cabeça, divertir, sair da rotina.
Lugar mais próximo. Parque do Carmo é perigoso.
Por causa das opções de lazer que tem.
Pra curtir.
Porque como tá calor e tem muita gente é bom.
Muitas atividades pro pessoal da região, de baixa renda. Valor cultural e esportivo.
Ter lazer próximo é bom, para relaxar.
Jeito de ter um lazer.
Área de lazer mais próxima, junta muitos jovens, pra divertir nos finais de semana.
Área de lazer pra comunidade.
Tem coisas pra fazer, pela diversão, para família, para relaxar.
Porque é uma distração para adultos e crianças, tem muita coisa.
Porque dá lazer pras pessoas de classe mais baixa.
Porque tem vários tipos de lazer.
Porque é a única opção de lazer na região.
Porque tem muitos lugares de lazer.
Porque já não tem muita opção de lazer e no SESC você encontra várias práticas esportivas para usufruir.
Porque as pessoas se distraem, se divertem.
Porque geralmente as pessoas não têm variedade de opção para escolher e o SESC oferece isso.
Porque existem pessoas para quem o único meio de lazer é o SESC.
Porque reúne famílias, diverte as crianças, respira um ar melhor.
Porque é uma forma de cultura, são poucas opções na região.
A redondeza é carente de atividades, o SESC é acessível e barato.
Porque é um meio de diversão, é muito bom.
Porque quase não tem atividade para as crianças, é bom para as crianças se divertirem.
Porque distrai a mente da correria de São Paulo. São Paulo é um tédio.
Porque é uma área de lazer e abre espaço para saúde. Esporte é saúde.
Porque é bom quando não tem nada o que fazer, praticar esportes.
Porque todo mundo desenvolve, sempre treinando aqui, isso é muito importante.
Porque é um espaço de lazer, para se divertir, conhecer pessoas, relaxar do estresse do dia-a-dia.
Porque é um lugar de lazer, pra divertir, trazer a família.
Porque no tempo do calor é bom.
Porque em vez de ficar roubando, matando, sequestrando, se prostituindo, pode ir para o SESC se divertir. Lazer.
Porque é lazer, cultura e cidadania.

Para distração, para os jovens.
Porque o pessoal tem alguma coisa pra fazer, para não ficar em casa e para se divertir com a família.
Porque tem área verde e para praticar exercício físico.
Porque é perto da comunidade e todos podem usufruir de alguma atividade.
Porque é um meio de lazer.
Porque é uma diversão e fica no centro de Itaquera, bastante gente se reúne por aqui.
Para distrair a cabeça dos jovens, não ficar pensando besteira.
Não sabe.
Porque dá pra praticar esportes.
Porque é muito legal, dá pra se divertir.
Porque é o único lugar de bom que tem aqui com bastante segurança.
Para diversão.
Porque é um meio de lazer para a região.
Porque é um meio de desestressar do dia-a-dia.
Porque a zona leste tem má fama e tem coisas pra aproveitar legal.
Porque deixa de ir pra lugares onde possa fazer coisas erradas e vem pra cá.
Porque distrai, sai um pouco da rotina.
Porque as pessoas têm acesso a outras atividades.
Porque é uma região periférica, é uma opção de lazer.
Porque dá essa opção de lazer, de cultura.
Porque é um meio de lazer do pessoal.
Porque é um lazer para as pessoas.
Mais opções de lazer para a população.
Porque é um lugar muito bonito.
Porque aqui tem poucos lugares que tem área de lazer.
Porque é o único espaço grande de lazer que funciona bem.
Porque é um clube bem aconchegante, legal vir aqui.
Porque é bom ter um espaço assim perto de casa. Se morasse aqui perto viria todo fim-de-semana.
Porque é bom para os jovens.
Para divertir as pessoas.
Porque é uma área de lazer perto, um parque.
Porque é um espaço bom, tem atividades. No bairro não tem outras opções. É barato.
Porque é um lugar pras pessoas se divertirem, caminharem, trazer os filhos, de lazer.
Porque é uma área de lazer, todo mundo pode vir, é barato.
Porque ajuda a tirar as crianças da rua.
Porque com a correria do dia-a-dia, tem que ter uma válvula de escape. Porque dá pra ver os amigos, pra jogar.
Porque é um lazer pra toda a comunidade.
Porque é uma forma de lazer, fazer exercício, diversão.
Porque é um ambiente gostoso.
Porque o pessoal precisa de um lugar para lazer, se divertir, tirar o estresse da semana.
Porque tem piscina, é bom pra desenvolver melhor as crianças, é para família, lazer, é limpo, bom para a comunidade.

APÊNDICE D – Relação dos motivos pelos quais os jovens moradores dos arredores consideram o equipamento importante para o bairro

Porque movimenta o bairro quando tem <i>show</i> .
Porque aqui tem muita criança e é perto.
Porque é um lugar de lazer.
Pro pessoal curtir, nadar, relaxar.
Porque dá um solzinho metade do Helian tá lá.
Porque no bairro não tem área de lazer além do Parque do Carmo.
Para as pessoas/crianças se divertirem.
Porque valoriza a região.
Porque diverte as pessoas.
Porque é o único lazer que tem, valoriza mais o bairro.
Porque valoriza o bairro.
Porque não tem praia perto, pra refrescar, se divertir.
Porque é uma forma de lazer.
Porque não tem muito lugar pra ir, fora o parque.
Porque é um lazer.
Porque é um lazer a mais pros moradores daqui.
Porque é um lazer pra comunidade pobre.
Porque é um lugar que tem muita área verde, bom para descansar e passear.
Porque é uma área de lazer, para se divertir.
Porque valoriza o bairro e é um espaço de lazer mais próximo.

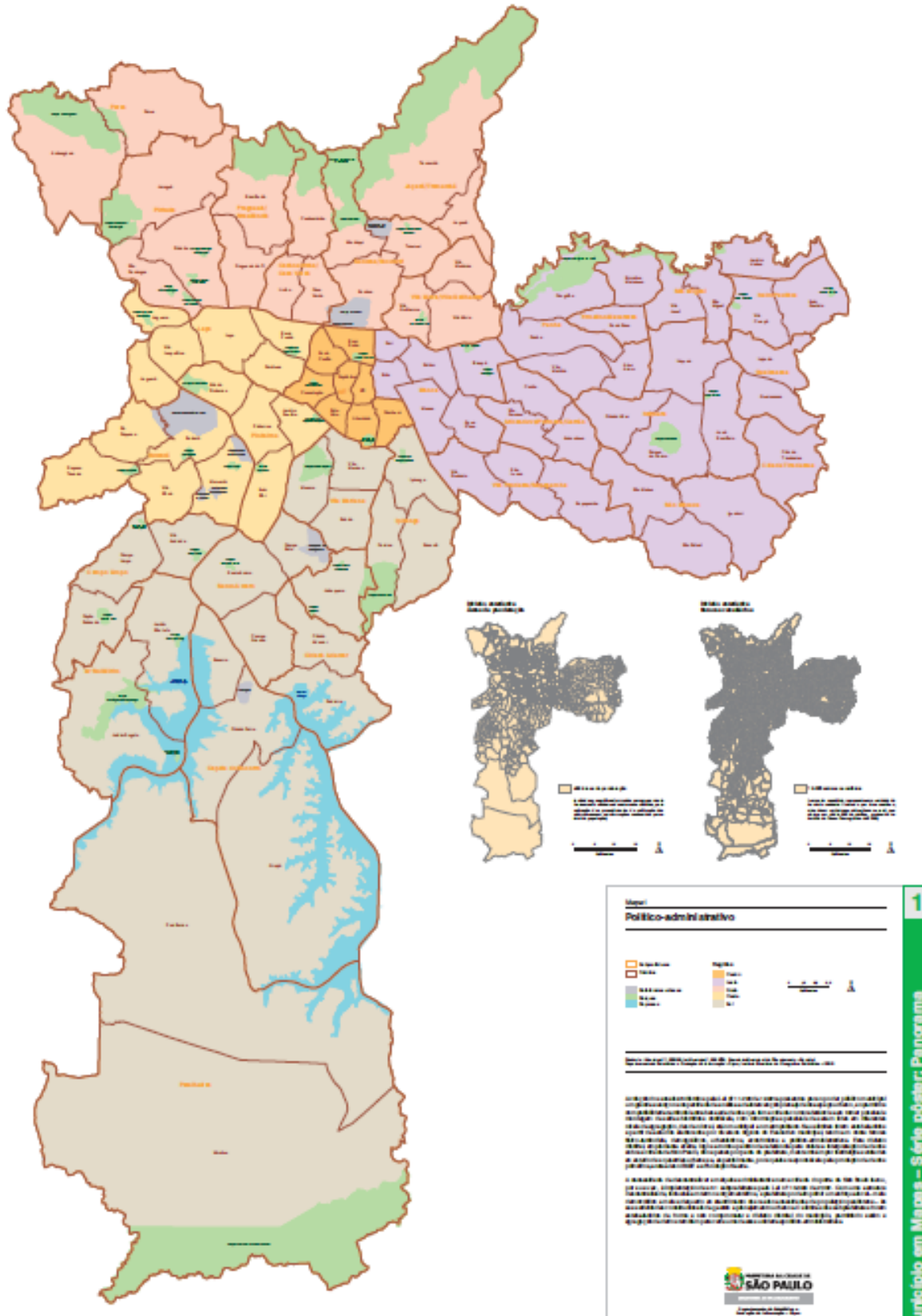
Porque é uma forma de cultura, tem lazer, nem todo bairro tem, tem <i>shows</i> .
Porque os jovens frequentam quando tem passeio.
Porque tem muita opção de lazer pra brincar com os amigos.
Porque é o lugar mais “da hora”.
Porque melhora muito, é uma coisa a mais para o povo.
Porque aqui não tem lazer nenhum.
Porque falta lazer para a comunidade; a área de lazer é bem precária; as crianças ficam nas ruas, com perigo de acontecer acidentes.
Porque tem alguma coisa pra fazer por aqui.
Porque é a melhor área de lazer.
Porque é a única opção de lazer perto.
Porque é legal para a comunidade.
Porque é mais uma opção de lazer.
Porque para os mais jovens é um bom lugar, próximo.
Porque é uma coisa que diverte nos fins de semana.
Porque é a única coisa de lazer mais próxima da comunidade, pra ir no fim de semana.
Porque tem lazer pras pessoas irem, aqui tem poucos lugares.
Porque é uma das melhores opções de lazer da região.

Porque tem muitas coisas envolvidas com cultura.
Porque em dia de feriado as pessoas podem ir, é pertinho, para se divertir.
Porque não tem outro lugar como este com piscinas, quadras.

Porque as pessoas gostam.
Porque através do SESC muita gente vem de outros bairros e conhece um outro lado de Itaquera e quebra o preconceito em relação ao bairro.
Porque é uma forma de lazer do pessoal, lugar para o povo ocupar o tempo e se divertir.
Porque é o único lugar para se divertir, tem esporte, <i>show</i> . Aqui é periferia.
Pras pessoas se divertirem.
Pro lazer das pessoas.
Porque é uma área de lazer que muitas pessoas podem ir, seja rico ou pobre, tem condições de ir.
Porque é um meio de lazer, tem piscina. Aqui é difícil, não tem opção.
Por causa dos esportes.
Porque tem pessoas que não têm outro lugar pra ir, esse é o mais barato que tem.
Porque é a opção de diversão mais perto e o espaço é bom.
Porque quando faz calor, vai pra piscina.
Pra não ficar parado.
Porque é o clube com piscina mais perto.
Porque é opção lazer para as pessoas.
Pela parceria que tem com as escolas.
Porque é uma diversão para as pessoas que vão.
Porque no bairro não tem nada, só o Parque do Carmo e o SESC.
Porque é barato, é um lazer.
Porque melhora a visão que todo mundo tem de Itaquera.
Não sabe por que.
Porque é uma opção para poder ir.
Porque é uma opção de lazer.
Porque é um meio das crianças e jovens se divertirem.
Porque é sempre bom ter um lazer para as crianças se divertirem.

ANEXOS

ANEXO A – Mapa politicoadministrativo da cidade de São Paulo



Fonte: (SÃO PAULO, 2008b).